UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O pai/padrasto em famílias recompostas

Tiago Martins

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências.
Área: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação

RIBEIRÃO PRETO
2018

TIAGO MARTINS

O Pai/Padrasto em famílias recompostas

Versão corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-graduação)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Romanelli

Ribeirão Preto

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Martins, Tiago.

O pai/padrasto em famílias recompostas. Ribeirão Preto / Tiago Martins; orientador Geraldo Romanelli – Ribeirão Preto, 2018.

159 p. : il ; 30 cm

Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração: Processos Culturais e Subjetivação.

1. Famílias recompostas. 2. Paternidade. 3. Filhos. 4. Pai.
5. Padrastos. 6. Enteados.

Nome: Martins, Tiago

Título: O pai/padrasto em famílias recompostas

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Geraldo Romanelli, por compartilhar toda sua experiência, contribuindo assim com minha carreira acadêmica e conhecimento.

A todos os meus familiares, pelo apoio em minha carreira acadêmica e por contribuírem tão essencialmente em minha formação pessoal.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa de mestrado para a realização desta pesquisa.

A todos os meus amigos, pela força e apoio nos momentos certos.

Aos professores presentes no exame de qualificação, pelos apontamentos e pensamentos valiosos.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que esta pesquisa fosse conduzida e concluída.

RESUMO

MARTINS, T. (2018). *O pai/padrasto em famílias recompostas* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Mudanças recentes na composição e nas relações internas das famílias brasileiras decorreram, entre outros fatores, do número crescente de separações e divórcios e do ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho, de inovações científicas e tecnológicas, como métodos eficazes de contracepção e de reprodução assistida, além de medidas na área da saúde que aumentaram a expectativa de vida da população. O conjunto dessas alterações contribuíram para redefinir a condição feminina, as relações de gênero entre homens e mulheres e as formas de exercício da maternidade e paternidade. Em decorrência dessas transformações, aumentou o número de famílias recompostas constituídas por casais que vivem em segunda união e cuja forma de organização é bastante complexa, sobretudo no que diz respeito às relações com filhos da primeira união dos cônjuges. Em algumas famílias recompostas um homem é pai de filho(s) de união(ões) anterior(es), padrasto do(s) filho(s) da companheira atual e com a qual também pode ter filhos. Esta pesquisa teve por objetivo investigar o exercício da paternidade e as relações conjugais em famílias recompostas constituídas por segunda união de parceiros que têm filho(s) de casamento(s) anterior(es) e eventualmente da segunda união para analisar como homens, que são pais e padrastos, vivenciam a relação de paternidade com filho(s), considerando que aquele(s) da primeira união mora(m) com a ex-esposa, e quais os vínculos que mantêm, enquanto padrasto, com o(s) filho(s) de sua companheira atual. Foram entrevistados sete homens vivendo em segunda união e que são pais e padrastos. Os dados foram coletados com o pai/padrasto mediante entrevista com roteiro semi-estruturado, gravada e transcrita na íntegra, e foram analisados de acordo com a abordagem teórica da antropologia e da psicologia. Os resultados indicam flexibilização das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos, mudanças nas vivências e no exercício da paternidade, procura dos padrastros em manterem boas relações com enteados e com os filhos biológicos com quem não residem.

Palavras-chave: famílias recompostas; filhos; pai; padrastos; enteados.

ABSTRACT

MARTINS, T. (2018). *The father/stepfather in stepfamilies* (Masters dissertation). Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo.

Recent changes in the composition of Brazilian families were the result of, amongst other factors, the growing number of separations and divorces, the massive entry of women into the market, scientific and technological innovations, like the effective methods of contraception and assisted reproduction as well as measures in the health area that have increased the life expectancy of the population. All these changes contributed to the redefinition of the feminine condition, the gender relations between men and women, and the forms of exercise of motherhood and fatherhood. As a result of these transformations, there was an increase in the number of reconstituted families made up of couples living in second marriage and whose organization is quite complex, especially regarded to relations with children from the first marriage of the spouses. In some recomposed families, a man is the father of previous children, stepfather of the children of the current partner and with whom he may also have children. The objective of this research is to investigate the exercise of fatherhood and conjugal relationships in families who are composed of second union of partners who have children from previous marriage(s) and eventually from second marriage to analyze how men, who are fathers and stepfathers, experience the relationship of fatherhood with children, considering that the one(s) from the first union lives with the ex-wife, and what ties they have as a stepfather of the children of the current companion. Seven men who are fathers and stepfathers and living in second union were interviewed. Data were collected with the father/stepfather through interviews with semi-structured script, recorded and transcribed in its integrity, and analyzed according to the theoretical approaches of anthropology and psychology. The results indicated a flexibilization of the domestic tasks and children caring, changes in the experiences and the exercise of paternity, movement of the stepfathers towards a good relation with the stepchildren, maintenance of the relationship with the consanguineous children.
Keywords: stepfamilies; children; father; stepfather; stepchildren.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Física

SAP – Síndrome da Alienação Parental

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17
1.1 Família e arranjos familiares 19
1.2 Novos arranjos domésticos e paternidade 22
1.3 Transições familiares e famílias recompostas 26
1.4 A família recomposta no campo jurídico 31
1.5 O pai /padrasto nas famílias recompostas..... 33
1.6 Justificativa..... 41

2 OBJETIVOS 43

3 METODOLOGIA..... 47
3.1 Procedimentos 49
3.2 Participantes da pesquisa..... 50
3.3 Aspectos éticos 50

4 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES 53
4.1 João..... 55
4.2 Gabriel 56
4.3 José 57
4.4 Pedro..... 58
4.5 Miguel..... 59
4.6 Antônio 60
4.7 Carlos..... 61

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE..... 63
5.1 A família de origem dos pais/padrastos..... 65
5.2 O primeiro casamento e o período anterior à separação..... 71
5.3 Divisão sexual do trabalho na primeira união 78
5.4 O período pós-separação 81
5.5 Os relacionamentos após a separação..... 85
5.6 Pensão e guarda dos filhos..... 93
5.7 A família recomposta e a nova vida conjugal..... 95
5.8 As constelações familiares: o pai/padrasto 105

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 131

7 REFERÊNCIAS 137

8 APÊNDICES.....151

1 INTRODUÇÃO

1.1 Família e arranjos familiares

Durante a Idade Média, mais precisamente a partir do século XVI, nota-se uma maneira específica e diferente de se conceber a família. Não lhe era conferido o valor sentimental e inexistiam laços afetivos entre seus integrantes como se observa no presente (BONINI, 2009). Conforme coloca Ariès (1978), as noções de privacidade familiar e de intimidade não eram realidade dentro das residências. Toda a vida social acontecia em espaço público: havia os mercados, os espetáculos, as comemorações, festas e jogos como ambientes para conversas e interações sociais. As cerimônias de casamento e religiosas eram realizadas a céu aberto e não havia discriminação entre adultos e crianças, que eram consideradas "adultos em miniatura". A partir do momento em que a criança possuía condições básicas para viver sua vida sem a solicitude constante da mãe ou de sua ama, ela ingressava diretamente na sociedade dos adultos como igual.

A divisão sexual do trabalho era clara e estrita. Cabia à mulher os trabalhos e cuidados domésticos enquanto o homem ficava encarregado da gestão do patrimônio familiar e da provisão de recursos. O contato com a vida pública, a vida profissional e quaisquer negociações e formalidades em relação ao Estado, eram responsabilidades rigorosamente masculinas. A mulher e os filhos estavam inteiramente submetidos a ele, permanecendo em um estado de subordinação (ARIÈS, 1978).

Com a concepção da ideia de "linhagem familiar", a família cumpria sua função de assegurar ao pai a transmissão de bens e posições sociais, muito mais através de heranças do que por conquistas individuais.

No entanto, com o desenvolvimento do sentimento de infância, no decorrer dos séculos XIV ao XVIII (ÀRIES, 1978), e do amor materno, durante o século XVIII (BADINTER, 1985), a criança passou a ser considerada de uma maneira singular no seio da família. A intimidade e a privacidade familiar entram na cena doméstica, laços afetivos aproximam os membros familiares, novas preocupações se manifestam: transforma-se o conceito de família e surge a família nuclear, constituída por marido, esposa e filhos, unidos pelo sentimento familiar e fechada em si mesma, limitando-se, inicialmente, à burguesia e à nobreza (BONINI, 2009). Esse modelo de organização familiar acabou se tornando o padrão das famílias ocidentais (GANON & COLEMAN, 2004).

No Brasil, a organização familiar configurou-se no modelo patriarcal nas áreas monocultoras fundadas no trabalho escravo (CANDIDO, 1972; CORREA, 1982), mas conviveu com outros arranjos como as famílias nucleares e as chefiadas por mulheres (CORREA, 1982; SAMARA, 2002).

Ao lado da diversidade de arranjos, a família tem sido definida de diferentes modos por autores de áreas distintas que se ocupam de sua análise, como historiadores, demógrafos, sociólogos, antropólogos, psicólogos e ainda nos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Não cabe aqui apresentar e discutir os diversos conceitos atribuídos à família, mas esclarecer que se optou por um conceito de família presente nos trabalhos de alguns autores como Durham (1983) e Bourdieu (1996).

Nessa linha analítica, optou-se por utilizar a conceituação de família como unidade de reprodução biológica e social, responsável pela procriação e socialização dos filhos e também pela transmissão de referentes culturais que orientam as relações entre seus integrantes e entre eles e a esfera pública. Famílias são estruturadas por relações de parentesco de aliança ou afinidade, criadas pelo casamento civil ou mesmo por uniões consensuais, sem vínculo legal, por relações de descendência estabelecidas entre ascendentes e descendentes e por relações de consanguinidade entre irmãos (DURHAM, 1983).

A família está integrada em um sistema complexo e diretamente ligada aos processos de transformação econômica, social e cultural, apresentando um contínuo processo de modificação que acarreta alterações em sua composição interna e na dinâmica das relações entre seus integrantes. Esses determinantes externos à família e derivados da esfera pública dos setores econômico e político articulam-se a fatores individuais e emocionais, afetando a organização das relações internas familiares.

Atualmente ao lado da família nuclear, que ainda é o arranjo predominante na sociedade brasileira, encontram-se outras modalidades de ordenação doméstica, como as famílias monoparentais, as famílias ampliadas e as recompostas. Famílias monoparentais podem assumir a configuração matrifocal, também denominada de famílias chefiadas por mulheres, nas quais os filhos vivem com a mãe, ou organizam-se como famílias patrifocais, quando o pai vive com os filhos, seja mediante guarda legal ou não. Já as famílias ampliadas são formadas pelo casal, filhos e parentes diversos (BILAC, 1991), enquanto as famílias recompostas são constituídas por parceiros em segunda união, nas quais um deles, ou ambos, têm filhos de casamento(s) anterior(es) (DIAS, 1999; MACHADO, 2001; LERIDON, 1993; THÉRY, 1993; PORRECA & ROMANELLI, 2004).

Independentemente da forma de arranjo doméstico, famílias são grupos sociais e instituição. Enquanto grupo, a família situa-se no plano da vida social, das relações vividas tanto em seu interior, na esfera privada, quanto nos inúmeros relacionamentos que seus integrantes mantêm com a dimensão pública, seja em sua inserção na vida econômica, sobretudo no mercado

de trabalho, seja nos vínculos com o universo da política, com as leis do Estado que regem, inclusive, determinados aspectos da organização familiar.

Como instituição, a família situa-se na esfera normativa da cultura histórica vigente. Instituições abrangem normas que estabelecem direitos e obrigações de seus integrantes fixando limites entre eles e os não membros do grupo doméstico. Afetos e intimidade entre seus integrantes são igualmente orientados por normas culturais. (THERBORN, 2006).

Vale destacar o fato de que as transformações na estrutura e na dinâmica familiar não ocorreram sem que a força da tradição deixasse marcas profundamente conservadoras na família até o momento presente, como a valorização da filiação biológica e a divisão do trabalho doméstico entre gêneros (SCHNEEBELI & MENANDRO, 2014).

De modo sintético, o termo gênero refere-se a atributos imputados a homens e mulheres e "é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos" (SCOTT, 1995, p. 86), sendo fundamentado em relações de poder. Desse modo, as relações de gênero são assimétricas e desiguais, e a dominância masculina tende a ser exercida sobre as mulheres gerando identidades de gênero específicas para homens e mulheres.

É através da passagem de valores e comportamentos dos pais aos filhos que a identidade de gênero é construída, em um processo chamado socialização. Esse processo ocorre fundamentalmente na família e é caracterizado pela transmissão de normas e valores e é acompanhado pela ação socializadora da escola, de diferentes denominações religiosas, pelos meios de comunicação e pelo grupo de pares. A ação socializadora ocorre de modo distinto de acordo com o gênero dos filhos (CARVALHO, 2004; CARVALHO, LOGES & SENKEVICS, 2016; MARCHI, 2011; ROMANELLI & GODINHO, 2010) de tal modo que muito precocemente meninos e meninas incorporam atributos socialmente criados e definidores do que é considerado próprio da masculinidade e da feminilidade como se fossem dados naturalmente e, portanto, imutáveis.

Mas nem a socialização parental, nem aquelas promovidas por outras agências socializadoras têm o condão de impor orientações e prescrições às crianças. Estas reagem, confrontam, recusam, ou apoiam parcial ou integralmente as orientações recebidas e num processo longo e contínuo vão construindo suas identidades, inclusive a de gênero, nas múltiplas relações com os agentes socializadores (DUBET, 1998; MARCHI, 2011; MARTUCCELLI, 2007; MONTANDON, 2005; SIROTA, 2001).

Por ocorrer na intimidade dos membros da família, o processo socializador dos pais continua a ser o mais importante e significativo, pois é atravessado por relações de afeto que podem tanto marcar experiências positivas como de conflitos e divergências.

Ao longo da vida doméstica, a posição de pais e filhos sofrem alterações seja devido a determinantes da esfera pública seja devido a processos internos que acarretam mudanças, sobretudo quando ocorre a separação do casal seguida por novas uniões e que resultam em recomposições familiares.

1.2 Novos arranjos domésticos e paternidade

Segundo Féres-Carneiro e Negreiros (2004), a tradição em relação à família apontava que o casamento era indissolúvel, vinculado à reprodução biológica e à transmissão de bens. O divórcio era visto com estranheza. À mulher era atribuído o exercício da maternidade, competência estritamente feminina, e os cuidados referentes ao lar e aos filhos. Ao homem cabia dedicar-se ao trabalho para assegurar a manutenção econômica e exercer a autoridade sobre os demais membros da família. A divisão entre os sexos era delimitada com rigor e a assimetria nas relações de gênero era explícita, apesar da participação de homens e mulheres no território do outro ser eventual e descontínua.

Recentemente, porém, é possível observar-se a existência de novos valores quanto à dinâmica e estrutura da família, ao casamento, separação, maternidade, paternidade, entre outros. A instituição familiar parece estar passando por uma profunda e complexa série de transformações (FÉRES-CARNEIRO, 1998; FIGUEIRA, 1985, 1987).

Grande parcela dessas transformações na vida doméstica pode ser creditada ao ingresso maciço da mulher no mercado de trabalho, ao movimento feminista, à possibilidade de divórcio, instituído pela lei nº. 6515 de 1977, à difusão de métodos anticoncepcionais e de reprodução assistida, à redução das taxas de natalidade e ao aumento da expectativa de vida (MORAES, 2011; PEREIRA, 2003; ROMANELLI, 1995). Essas transformações, que começaram a ocorrer na segunda metade do século XX, contribuíram para a redefinição da condição feminina e das relações de gênero, isto é, das relações entre os sexos.

Segundo análise de Itaboraí (2003), essas mudanças podem ser apreendidas nos dados referentes aos anos de 1984 a 1996 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, os quais apontam o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho nesse período, associado a uma maior incidência de separações e divórcios.

O aumento das taxas de separação e divórcio também está associado a períodos de recessão econômica e de altas taxas de desemprego, conforme aponta Marcondes (2008a). A dissolução do casamento tem levado homens e mulheres a constituírem novas parcerias conjugais, seja por via legal, após o divórcio, ou mesmo mediante união consensual.

No presente, muitas pessoas se separam e boa parte delas constitui novas uniões, o que indica a importância da vida familiar. Apesar da diversidade de arranjos, a família ainda é a principal instituição socializadora, embora outras agências como escola, igrejas e meios de comunicação contribuam com o processo socializador.

Devido a esse conjunto de fatores, as famílias nucleares, que eram o arranjo familiar predominante na sociedade brasileira, sofreram redução e correspondem a 49,4% do total de famílias, enquanto as famílias ampliadas somam 12,6%, as chefiadas por mulheres atingem 12,2%, as patrifocais alcançam 1,8% e as recompostas totalizam 16,3% (IBGE, 2010a). Por sua vez, o número de uniões consensuais, isto é, coabitação sem vínculo legal, passou de 28,6% em 2000 para 36,4% em 2010, conforme dados das Estatísticas do Registro Civil (IBGE, 2010). Ainda de acordo com dados do IBGE (2009), de cada cem casamentos efetuados, vinte e seis deles em média são desfeitos por ano, enquanto o número de recasamentos dobrou entre 2000 e 2008, passando de aproximadamente 65 mil para 136 mil.

Todos esses fatores produziram alterações nas relações internas da vida familiar, levando seus integrantes a redefinirem suas posições e formas de atuação no âmbito da cena doméstica. Certamente, tais mudanças no interior da família, sobretudo devido ao ingresso maciço das mães no mercado de trabalho, geraram novas situações para o exercício da maternidade o que, por sua vez, implica necessariamente em uma nova configuração para o exercício da paternidade, como examinado na revisão de literatura sobre divórcio e transições familiares feita por Cano, Gabarra, Moré e Crepaldi (2008).

Assim como a compreensão da instituição familiar, a noção de paternidade também se encontra associada ao contexto histórico-social e ao universo simbólico. A paternidade é um conceito construído cultural e socialmente e deve ser apreendido e pensado na articulação com a maternidade e, por isso, também é necessário relacioná-lo com as ideias sobre o masculino e o feminino e as relações de gênero (BORSA & NUNES, 2011).

Diversas pesquisas (RESENDE & ALONSO, 1995; ROMANELLI, 1995, 2003; FONSECA, 2004; STAUDT & WAGNER, 2008; SUTTER & BUSCHER-MALUSCHKE, 2008; HENNIGEN, 2010; BOTTOLI, 2010; SOUZA & VIEIRA, 2010; SILVA & PICCINI, 2007; SILVA, 2003; AREND, SMEHA & SOUZA, 2012), incluindo revisões de literatura sobre o tema (BORSA & NUNES, 2011; SILVA & PICCINI, 2004), têm constatado essas alterações nas relações de gênero e no exercício da paternidade, tanto no plano das práticas vividas no cotidiano quanto nas representações, isto é, nas imagens e no modelo do que é ser pai, presentes também em veículos de comunicação tradicionalmente masculinos (RIBEIRO & RUSSO, 2013). Os estudos acima mencionados indicam que, no presente, o genitor tende a ser mais participativo na

vida familiar, dividindo com a mãe tarefas referentes aos cuidados com os filhos e mostrando-se também mais próximo destes, expressando afetividade e seus sentimentos como documentado em trabalhos com pais mais jovens (GALLARDO; GÓMEZ; MUÑOZ & SUÁREZ, 2006).

Em análises realizadas a partir de entrevistas com pais Silva e Piccini (2007), L.C.E.C. Soares (2012) e Silva (2003), encontraram relatos sobre a gratificação em exercer essa paternidade diferenciada, sendo mais presentes e próximos afetivamente de seus filhos. Mencionaram, além disso, autorreprovações relacionadas ao que consideram baixa participação na vida de seus filhos e que, acreditam, deveria ser maior.

Em produções científicas que buscaram verificar o moderno envolvimento dos pais na criação dos filhos, Beltrame e Bottoli (2010) e Silva (2003) encontraram, na fala de homens, assim como na de mulheres, que atualmente a paternidade vem se diferenciando cada vez mais dos moldes tradicionais do homem provedor e afastado afetivamente. As autoras também verificaram que, na busca dos homens por uma paternidade diferenciada, não deixam de ser considerados os aspectos transgeracionais, ou seja, rejeitando muito do que os próprios pais viveram com suas famílias de origem.

Ainda sobre a transgeracionalidade, Gomes e Resende (2004), no Brasil, e Balancho (2004) em Portugal, também encontraram em suas pesquisas relatos de como a experiência que os pais viveram com a figura do pai autoritário e afastado afetivamente, contribuiu para que idealizassem um modelo de pai mais tolerante e próximo. Os primeiros autores mencionam, por outro lado, que ao questionar os pais sobre os momentos de distanciamento, estes não deixaram de se justificar pelos discursos ouvidos dos próprios pais: trabalham muito, portanto, ficam muito tempo fora de casa, e quando estão em casa, estão exaustos.

Embora essas novas posturas paternas não sejam partilhadas por todos os pais, elas estão presentes de modo mais expressivo nas famílias de estratos médios (BUSTAMANTE & TRAD, 2005; DANTAS, JABLONSKI & FÉRES-CARNEIRO, 2004; ROMANELLI, 1995), mas abrangem também pais de estratos populares (ABADE, 2014; DONOSO, 2015; FONSECA, 2004; OLIVEIRA, 2010). Consequentemente, o modelo tradicional de pai, calcado na figura autoritária que exige disciplina a qualquer custo, parece estar sendo reformulado para aquela figura paterna mais próxima afetivamente dos filhos, embora isso ocorra gradativamente tanto no Brasil quanto na França (PARSEVAL & HURSTEL, 1987; DEVROUX, 2006; SELENET, 2007) nos Estados Unidos (ALDOUS, MULLIGAN & BJARNASON, 1998; LAMB, 1987, 1992), na Inglaterra (O´BRIEN, 2005), na Noruega (SKEVIK, 2006), em Portugal (ABOIM, MARINHO & WALL, 2010; BALANCHO, 2004), na Grécia (MARIDAKI-KASSOTAKI, 2000), e no Chile (GALLARDO ET AL. 2006) e na América Central (HEGG, 2004).

No entanto, alguns estudos que se referem à prática efetiva dos homens na vida doméstica, incluindo as responsabilidades e cuidados em relação aos filhos, mostram divergências quanto à ideia de que os limites das relações de gêneros mais tradicionais tenham sido superados, revelando a convivência de práticas antigas e novas, muitas vezes contraditórias (C. SOARES, 2008; WALL & GUERREIRO, 2005; ARRUDA & LIMA, 2013; BELTRAME & BOTTOLI, 2010), ou até hegemonia de modelos mais patriarcais (FREITAS ET AL. 2009). Borsa e Nunes (2011) e Silva e Piccini (2004) salientam esses resultados nas diferentes pesquisas analisadas em suas revisões de literatura.

Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005), através de questionários, e Souza e Vieira (2010), utilizando entrevistas semi-dirigidas, demonstraram em suas pesquisas que as atividades de cuidado e acompanhamento dos filhos é ainda atribuída à figura feminina, sendo delegado à figura masculina os momentos de lazer e outras atividades coadjuvantes. O homem continua sendo mais encarregado de prover recursos econômicos para provisão familiar.

Barbosa e Cavalcanti (2012), em pesquisa quantitativa e qualitativa, afirmam que a quase totalidade dos entrevistados enunciou o afastamento dos moldes mais arcaicos, enquanto os dados quantitativos revelaram a força da tradição. Salientam, contudo, já estarem sendo conjugadas novas formas de divisão do trabalho doméstico.

Em estudo realizado na França, Devreux (2006) argumenta que, apesar das mudanças, os homens permanecem escolhendo quando e como devem se ocupar das crianças, assumindo nada mais do que parcialmente as responsabilidades parentais. Na Inglaterra, O´Brien (2005) considera a possibilidade de os pais estarem cada vez mais se responsabilizando pelas tarefas domésticas, passando maior tempo cuidando de seus filhos, porém em nível inferior às mulheres.

Por sua vez, as mulheres parecem ter internalizado mais os novos ideais, manifestando expressamente a busca de condições igualitárias enquanto os homens continuam ainda ligados aos valores tradicionais (FÉRES-CARNEIRO, 2003; FÉRES-CARNEIRO & NEGREIROS, 2004). Esses autores ressaltam ainda que são as mulheres que possuem maior possibilidade de realizarem mudanças quanto a relações de desigualdade.

Em contrapartida, Féres-Carneiro e Negreiros (2004) e Souza e Vieira (2010) apontam certa ambivalência das mulheres que demandam maior participação masculina na divisão dos trabalhos domésticos e nos cuidados com as crianças, mas, ao mesmo tempo, resistem no momento de compartilhar com o pai tais tarefas (RESENDE & ALONSO, 1995)

Já Staudt e Wagner (2008) e Maridaki-Kassotaki (2000) chamam a atenção para as barreiras que os homens precisam transpor para obter credibilidade nas áreas tipicamente femininas. Além de ainda serem vistos com descrédito quanto as suas habilidades nesse campo, o

homem precisa lutar contra o preconceito em relação à própria masculinidade: a mulher é vista tentando se integrar em um novo mundo, enquanto os homens estariam deixando de ser homens. Para Sutter e Buscher-Maluschke (2008) a existência mútua do exercício de novos valores e a permanência de valores tradicionais surge como forma de preservação da masculinidade.

Além disso, alguns estudos indicam que as novas maneiras de se exercer a paternidade entram em conflito com os modelos mais tradicionais (BELTRAME & BOTTOLI, 2010; FERREIRA, 2011; BOTTOLI, 2010; SOUZA & VIEIRA, 2010; AREND ET AL. 2012) e que o pai não dispõe de referências culturais para exercer a paternidade de modo diferente, segundo colocam Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), Silva e Piccini (2004), Bottoli (2010) e C. Soares (2008). Desse modo, ele busca construir um novo espaço para o exercício da paternidade de maneiras diversificadas (HURSTEL, 1999).

É necessário, ademais, considerar que se diversas pesquisas têm se voltado para a análise da paternidade, elas ainda são insuficientes para se conhecer sua relação com as atividades maternas, considerando as transformações nas relações entre marido e esposa e entre pais e filhos nos diferentes arranjos familiares, sobretudo nas famílias recompostas.

Em levantamentos bibliográficos produzidos por Levandowski (2001) e Borsa & Nunes (2011), foi constatado que, durante a década de 1990 e nos primeiros 10 anos do século XXI, o número de pesquisas relacionados à maternidade são três vezes mais numerosos do que pesquisas sobre a paternidade. Mas também é fato que nos últimos anos as produções sobre a paternidade, sobre sua importância e suas transformações, vêm se expandindo substancialmente (VIEIRA ET AL. 2014). Os homens vêm demonstrando cada vez mais interesse em participar do cuidado e da criação de seus filhos, e assim os pesquisadores da área começaram a direcionar seus estudos para investigar o papel do pai na família e o exercício da paternidade.

1.3 Transições familiares e famílias recompostas

Os valores referentes à dinâmica e estrutura familiar, ao casamento, separação, maternidade e paternidade, transformaram-se recentemente. Associada à conquista de independência financeira e de autonomia das mulheres, essas mudanças tendem a criar espaços para maior igualdade na divisão de tarefas entre os sexos e de atribuição de responsabilidades entre os membros da família, bem como para que diferentes formas de relações sejam construídas.

Em vista disso, uma nova forma de conjugalidade vem emergindo e é caracterizada pela efemeridade do vínculo conjugal, mantido apenas enquanto o relacionamento for considerado

satisfatório e gratificante pelo casal (FÉRES-CARNEIRO, 2003; FURSTENBERG, 1987; GIDDENS, 1993; SEGALEN, 1999).

Com a instituição da lei do divórcio de 1977 e a possibilidade de dissolução do casamento, sucessivas separações conjugais foram impulsionadas viabilizando para os cônjuges separados a reconstituição da vida doméstica em novos moldes, tornando as famílias recompostas uma realidade cada vez mais comum em diferentes segmentos da sociedade.

Tratando do divórcio, pesquisadores destacam que este seria um processo complexo e multifacetado, ocorrendo de maneiras características de acordo com cada família (FÉRES-CARNEIRO, 2003; SCHABBEL, 2005). O processo de separação é usualmente vivido como penoso e estressante pelos ex-cônjuges, principalmente no período logo após a efetivação da mesma, tornando os primeiros tempos muito difíceis para homens e mulheres (BOTTOLI, 2010; SOARES, 2012; SILVA, 2010). Silva (2003), entretanto, afirma que com o passar do tempo os conflitos e tensões entre os ex-cônjuges são minimizados. A maioria acaba se adaptando à nova situação e apresentam menos sofrimento.

No entanto, Féres-Carneiro (2003) aponta a diferença de experiências relacionadas à separação de acordo com o gênero dos ex-cônjuges. Embora vivenciando sofrimentos suscitados pela mesma circunstância, homens e mulheres comportam-se diferentemente e manifestam de forma distinta seus sentimentos em relação à separação e a aquilo que pode tê-la provocado. Apesar disso, pesquisas norte-americanas consideram que o cônjuge que iniciou o processo de divórcio geralmente recupera-se mais rapidamente do que aquele que não desejava a separação, além de casar-se novamente mais cedo (GANONG & COLEMAN, 2004).

Devido ao processo de socialização sobre o feminino que a mulher vivencia, ao avaliar a união conjugal ela apresenta maior facilidade e perspectiva com os relacionamentos afetivos (GIDDENS, 1993), constituindo-se, dessa maneira, como porta-voz de referência em relação aos problemas conjugais ou mesmo ao desejo de separação (FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Féres-Carneiro (2003) também chama a atenção para outro contraste relativo aos gêneros relacionado a percepções em relação aos filhos após a separação. As mulheres consideram que filhos têm menos problemas e dificuldades do que os pais, o que aconteceria devido à maior aproximação da mãe no dia-a-dia com os filhos, já que esta geralmente fica com a guarda dos mesmos.

Apesar da constatação de que o número de famílias recompostas vem gradativamente aumentando, essas sempre existiram no Brasil, embora em número relativamente reduzido e resultavam de segundo casamento quando ocorria o falecimento de um dos parceiros. No entanto,

os dados demográficos no Brasil são incompletos para registrar fielmente essa ocorrência ao longo do tempo e o mesmo fenômeno pode ser observado em outros países.

Conforme análise demográfica empreendida por Atalaia (2014) em Portugal, foi notado um salto de 126,1% do número de casais recompostos ao longo do período intercensitário compreendido entre 2001 e 2011. O mesmo tem ocorrido nos Estados Unidos e no Canadá, como documentam os estudos de Furstenberg (1987) e de Martin, Le Bourdais e Lapierre-Adamcyk (2011), respectivamente, tornando as uniões em que são integrados filhos de casamentos anteriores cada vez mais frequentes nesses países.

Apesar de ainda se rotular negativamente a família recomposta como "desestruturada" (GANONG & COLEMAN, 2004), Ferri e Smith (1998) verificaram em seus estudos que o funcionamento de famílias recompostas é muito similar ao das famílias em primeiro casamento e que padrastos são significativamente envolvidos com a criação e o cuidado de filhos e enteados.

Além de constatarem menor renda familiar nas famílias recompostas do que nas famílias em primeira união, a complexidade das relações acaba gerando estresse e distúrbios emocionais e é a partir desse quadro que muitos pais vivendo em famílias recompostas são mais propensos a se divorciarem novamente, como também foi observado em outras pesquisas norte-americanas (FURSTENBENG, 1987; MARTIN, LE BOURDAIS & LAPIERRE-ADAMCYK, 2011). Ganong e Coleman (2004) corroboram esses dados quando ressaltam que casais em primeiro casamento vivem relações mais positivas do que aqueles que vivem em recasamentos, além da taxa de divórcios ser maior do que em primeiros casamentos.

A análise das famílias recompostas comporta algumas dificuldades. A primeira reporta-se à escolha de um termo para qualificá-las, o que pode ser constatado pela variedade de denominações que elas têm recebido tanto no campo científico quanto nas designações populares como família "recasada", "reconstituída", "rearranjada", "novo arranjo". Diante dessa diversidade, neste trabalho será empregado o termo "recomposta", que tem sido utilizado na literatura científica nacional (FONSECA, 2005; MACHADO, 2001; PORRECA & ROMANELLI, 2004), francesa (SEGALEN, 1999; SEGALEN & ZONABEND, 1999; THÉRY, 2001) e portuguesa (LOBO, 1996, 2009). Nos Estados Unidos, ao lado da designação mais empregada, *step-families*, alguns autores as denominam de *blended families.*

Do mesmo modo, a nomeação das novas relações de parentesco criadas nessas famílias gera dificuldades para qualificar os estatutos de seus membros. Na língua portuguesa não há termos cientificamente adequados para definir os tipos de vínculo entre os diversos integrantes dessas famílias, tanto na vivência cotidiana quanto nas pesquisas da área das ciências sociais e da psicologia (DIAS, 1999, PORRECA & ROMANELLI, 2004; WAGNER, 2002; WATARAI,

2010; SARAIVA, 2013) o que também ocorre no idioma francês como documentam Cadolle (2007), Théry (1993), e Leridon (1993).

Os termos clássicos e bem conhecidos, como padrasto, madrasta e enteado, se originaram das relações de orfandade e não correspondem aos tipos de relacionamento estabelecidos entre o novo par conjugal e os filhos da união anterior. Segundo Grisard Filho (2003), termos como "pais sociológicos", " pais políticos", "pais de acolhida", ou "padrastos e madrastas de fato" foram criados para qualificar essas relações mas não foram incorporados nos trabalhos sobre o tema.

É necessário ainda considerar o significado simbólico negativo que os termos padrasto e sobretudo madrasta adquiriram no imaginário popular e que estão presentes em contos de fadas e fábulas. E não se trata apenas de questões de ordem terminológica para qualificar relações de parentesco no plano simbólico, mas deve-se ponderar que o significado negativo desses termos produz efeitos também problemáticos na esfera da convivência social dos integrantes dessas famílias (WATARAI, 2010).

Ao analisar as famílias recompostas percebe-se que os filhos constituem a principal referência para classificar e analisar essas famílias, pois eles são o elo de ligação entre os integrantes de duas famílias: daquela criada com o primeiro casamento e de outra constituída em segunda união (WATARAI, 2010). É assim que a recomposição familiar favorece o estabelecimento de uma complexa teia de relações, já que em um mesmo núcleo familiar podem coexistir filhos do casamento anterior de cada um dos membros assim como de segunda união.

A partir do recasamento, diferentes pessoas são incorporadas ao novo núcleo doméstico - padrastos, madrastas, irmãos, meio-irmãos, tios, avós, primos - ampliando a rede social dos integrantes desses arranjos. Forma-se então uma estrutura complexa com o entrelaçamento não só de duas famílias, mas de três ou quatro grupos familiares, com histórias, valores e referenciais diversos, constituindo o que Théry (1993) denominou de constelações familiares. É assim que as famílias recompostas podem assumir as mais diversas configurações possíveis, apresentando flexibilidade ao incluir ou até excluir uma série de parentes novos e diferentes domicílios, considerando ainda os familiares da primeira união (GANON & COLEMAN, 2004; LOBO, 2009).

Dessa forma, a noção de família ultrapassa o círculo dos ocupantes da moradia, o que oferece aos filhos diferentes espaços de socialização e sociabilidade, além de uma abundância de novos "parentes", embora a definição cultural desses vínculos e a posição em relação a eles não sejam claramente estabelecidas (SEGALEN, 1999; WATARAI, 2010). Nessas circunstâncias, essas famílias podem assumir diversas configurações e torna-se necessário decompor suas diferentes facetas, como domicílios, redes de relacionamento e de ajuda mútua e de distribuição

de recursos financeiros para a compreensão desse arranjo familiar em sua totalidade (WATARAI, 2010).

Apesar da tendência de diminuição da taxa de natalidade que ocorre em praticamente todos os segmentos sociais Itaboraí (2003) constata a partir de dados da Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (PNDS) da Organização Não-Governamental Bem-Estar Familiar (BEMFAM) de 1996, que o desejo de ter filhos aumenta entre mulheres recasadas e em uniões consensuais, especialmente para as mais novas e com menos filhos. Tais filhos ofereceriam, simbolicamente, maior legitimidade a essas famílias.

Dados semelhantes foram apresentados por Marcondes (2008, 2009). Das dez famílias recompostas investigadas em sua pesquisa, sete tiveram filhos na segunda união. Esses casais tendiam a descrever os filhos como uma contingência resultante da união conjugal ou como forma de conferir maior valor simbólico à união do casal. Por outro lado, a inclusão de novos filhos pode desencadear discórdias entre os membros da família pela disputa por afetos, atenção e recursos financeiros. Além disso, se os filhos definem as constelações familiares, também podem promover o rompimento ou o enfraquecimento dos laços familiares criados na primeira união, especialmente dos pais, que em geral não detêm a guarda dos filhos da união que foi rompida.

Embora haja estudos sobre relações de padrastos com enteados produzidos na França (CADOLLE, 2007; BLÖSS, 1996; THÉRY, 2001) no Brasil (FALCKE & WAGNER, 2000; SOARES, 2012, 2013; WATARAI, 2010), nos Estados Unidos (FURSTENBERG, 1987; GANONG & COLEMAN, 2004) e em Portugal (LOBO, 1996; ATALAIA, 2010; FERREIRA, 2011) há carência de pesquisas nacionais que tratem da situação descrita acima, na qual um homem vive em um domicílio como padrasto do(s) filho(s) que sua companheira atual teve com seu ex-parceiro, como pai do(s) filho(s) havido(s) com ela e como pai daqueles que teve na primeira união mas com os quais não convive cotidianamente.

É nessa teia bastante enredada de relações que cabe discutir algumas dimensões das recomposições familiares tomando como referência a condição e a vivência de homens que são simultaneamente pais e padrastos.

1.4 A família recomposta no campo jurídico

Se os filhos constituem o elo de ligação entre famílias que se desfazem e outras que se formam, as novas uniões colocam em pauta a questão da guarda dos filhos depois da separação. Na França, os filhos tendem a morar com a mãe após a separação dos pais (BLÖSS, 1996; LERIDON,1993) e o mesmo ainda tende a ocorrer no Brasil.

Apesar da alteração na lei brasileira que assegura a guarda compartilhada dos filhos ou que ela seja confiada à mãe ou ao pai, dados do IBGE (2010) mostram que eles permanecem com as mães e em somente 5,6% dos casos a guarda é confiada ao pai como ocorre nas famílias patrifocais analisadas por Abade (2014).

Em pesquisa realizada com sete pais que vivenciavam o processo de separação conjugal, Bottoli (2010) destaca o fato de somente dois deles utilizarem a guarda compartilhada. Contudo, também chama a atenção para a irrelevância da comparação entre os pais que têm a guarda e aqueles que não a têm, pois considera-se, principalmente, o fato de que os filhos possam continuar a conviver com ambos os cônjuges da maneira mais adequada e benéfica possível.

De acordo com Silva (2003), pode-se mencionar que a guarda dos filhos determinada juridicamente mostra uma certa dificuldade dos ex-cônjuges de estabelecerem acordos pessoais, necessitando de uma terceira instância que julgue a questão. Segundo a pesquisadora, a intervenção da justiça não necessariamente traz contribuições positivas para o relacionamento entre pai e mãe.

Essa tendência de que a mãe mantenha a guarda dos filhos em caso de separação/divórcio também pode ser constatada na tabulação elaborada por Marcondes (2008a) a partir de dados do Registro Civil de 2006 do IBGE. No Brasil, em 89,6% dos casos de divórcios de casais com filhos menores de idade a guarda foi concedida à mãe enquanto que em 6,2% foi ao pai e em 4,3% a outras pessoas.

Oliveira (2010) constatou em seu estudo a dificuldade de pais separados em solicitar maiores níveis de convivência com os filhos frente à lei, após a separação. Para os pais entrevistados, as mulheres são muito mais beneficiadas pelos serviços jurídicos e não apresentam espaço para a consideração e reflexão de questões relacionadas à paternidade que estejam além da contribuição econômica.

Porém, de qualquer maneira, a família recomposta congrega um grupo de pessoas formadas por um casal que traz filhos de relacionamentos anteriores e que, devido aos laços de afetividade que se formaram, assumem o papel de mãe e pai afim de seus enteados. A relação pai/mãe e filho gerada a partir daí baseia-se unicamente na afetividade entre eles. Marangoni e Bdine Júnior

(2011) e Filha (2008) concluem que não há distinção entre a filiação socioafetiva e a biológica. A sociedade modificou o conceito de filiação, o qual se estabelece independentemente de vínculos biológicos.

Discutindo a legislação francesa, Meulders-Klein (1993) e Théry (2001) documentam que a qualificação de direitos e deveres entre familiares funda-se habitualmente na relação entre cônjuges e entre esses e seus filhos, enquanto os laços entre padrastos e enteados são deixados de lado (WATARAI, 2010). No contexto norte-americano, Furstenberg e Cherlin (1991) mostram que a carência de normas reguladoras dos vínculos entre padrastos e enteados contribuem para dificultar a emergência de elos entre ambos.

Marangoni e Bdine Júnior (2011) afirmam em seu estudo que as famílias recompostas são uma forma legítima de organização familiar e também merecem expressa regulamentação jurídica no Brasil, já que os padrastos não têm qualquer direito ou dever em relação aos enteados. A legislação brasileira apresenta uma lacuna relevante quanto à legitimação do padrasto nas famílias recompostas, fazendo com que, legalmente, não haja qualquer relação de compromisso com os filhos da parceira (SARAIVA, 2003). Segundo Saraiva, Levy e Magalhães (2014), mesmo com o exercício de cuidados diretos e a convivência diária, o lugar social do padrasto não se encontra definido.

Sendo assim, uma prática razoavelmente difundida entre a população de baixa renda e definida por Fonseca (1995) é a "adoção à brasileira", quando um homem, que não é o genitor biológico da criança assume registrá-lo em seu nome, pois na sociedade brasileira são os aspectos jurídicos e de filiação que formalizam o exercício da paternidade. Não é legalmente possível, no entanto, que após oficializada a “adoção à brasileira” e vivenciada diariamente a paternidade afetiva, esse pai reivindique a anulação do registro, salvo nos casos em que o filho, baseando-se no artigo 27 do Estatuto da Criança e do Adolescente, queira conhecer sua origem biológica (FILHA, 2008). Apesar disso, em alguns casos, o homem que assumiu a condição jurídica de pai do filho de sua companheira tem procurado anular a adoção à brasileira como documenta Fonseca (2004).

O direito brasileiro vem trabalhando para acompanhar e contemplar juridicamente as novas relações que se estabelecem nas famílias recompostas, como a Lei nº 11.924/2009, que abre a possibilidade de o enteado utilizar o sobrenome do padrasto através do registro civil. O Código Civil também prevê no artigo 1.595 que “cada cônjuge ou companheiro é aliado aos parentes de outro pelo vínculo da afinidade”, ou seja, um padrasto pode estabelecer vínculo por afinidade com seu enteado, que é filho biológico de outro pai.

Tais mudanças vêm ocorrendo lentamente, acarretando várias lacunas jurídicas para delimitar a situação da família recomposta e assim dificultando a denominação e delimitação das posições que seus membros ocupam e suas relações entre eles. Essa falta de delimitações acaba por gerar invisibilidade social e estatística para essa organização familiar, sem distingui-las das famílias nucleares e provavelmente indicam uma indefinição dos vínculos afetivos estabelecidos entre os membros dessas famílias (GRISARD FILHO, 2003).

A indefinição das funções sociais e legais do padrasto pode gerar muita angústia e preocupação quando as relações se tornam mais complexas ainda pelo fato daquele não se ver respaldado juridicamente no que se refere à relação com o enteado, não possuindo qualquer obrigação formal em relação ao mesmo (CUTSEM, 2001). Pode-se pensar, dessa maneira, em uma posição de padrasto que desemboca em uma "institucionalização incompleta", assim como Cadolle (2007) observa na França.

Le Gall (1993) aponta para um aspecto positivo que pode emergir dessa ausência de normativas jurídicas, a qual pode levar os membros das famílias recompostas a negociarem suas relações e funções pelo fato de não existirem regras legais que regulem comportamentos e obrigações, fazendo com que essa configuração familiar apresente uma flexibilidade peculiar em relação às outras configurações (LOBO, 2009; WATARAI, 2010).

1.5 O pai /padrasto nas famílias recompostas

Diferentemente das famílias nucleares, as unidades domésticas recompostas, por serem formadas a partir de pelo menos um casamento prévio seguido de separação e recasamento, apresentam uma história conjugal de alianças, de vínculos de descendência e de experiências sociais e afetivas anteriores à composição dessa nova família, e que invariavelmente interferem em sua dinâmica atual (DIAS, 1999; PORRECA & ROMANELLI, 2004; GANONG & COLEMAN, 2004) fazendo com que cada organização recomposta seja única em sua essência (DANTAS, 2003).

Nessas ocasiões, o exercício efetivo da paternidade sofre alterações devido ao fato do pai dificilmente conseguir a guarda dos filhos, tendo, assim, que ser realizado fora da convivência diária. São modificadas, principalmente, a quantidade de tempo em que ficam juntos, as funções exercidas e as relações com a ex-mulher (ATALAIA, 2010; BOTTOLI, 2010).

Estudos efetuados na França mostram que a separação conjugal acarreta a fragilização da paternidade (FINE, 2007), gerando distanciamento social e afetando as ações educativas do pai em relação ao filho que mora com a ex-mulher e com quem convive por menos tempo (BLÖSS,

1996; LERIDON, 1993). O mesmo foi constatado em pesquisas no Brasil como mostram Soares (2013), Watarai (2010) e Silva e Piccinini (2007), assim como Lobo (1996) documentou em Portugal, Skevik (2006) na Noruega, Meggiolaro e Ongaro (2015) na Itália, e Furstenberg e Nord (1985) nos Estados Unidos.

Grzybowski (2007) constatou maior envolvimento materno do que paterno após a separação. Paralelamente, essa autora também detectou maior envolvimento do pai em atividades externas, ao passo que as mães interagem com seus filhos no espaço doméstico, evidenciando novamente a força da tradição que relaciona o público com os homens e o privado com as mulheres, tal qual Dantas (2003) também documentou.

A mesma autora argumenta que o envolvimento do pai não-residente com os filhos pode ser direto, a partir de visitas, atividades, cuidados e orientações, assim como indireto, fundado no sustento econômico, garantia de qualidade de vida e bem-estar, mas que se mantém afastado fisicamente e interfere pouco em sua educação, o que também é salientado nos dados de Silva e Piccinini (2007).

Por sua vez, relatos analisados a partir de diversas pesquisas (DANTAS, 2003; SILVA & PICCININI, 2007; BOTTOLI 2010; SILVA, 2003, AREND ET AL. 2012; SCHIMIDT, OLIVEIRA & CENSI, 2014) revelaram um desejo constante por parte dos pais não-residentes em continuarem participando da educação e vida afetiva dos filhos, para que os vínculos entre eles sejam mantidos apesar dos obstáculos gerados pela separação. Ao contrário das noções populares, quando o pai se esforça para continuar envolvido com os filhos a relação parental não parece sofrer danos ou prejuízos (FURSTENBERG & NORD, 1985).

Os resultados apresentados por Silva (2003) apontaram um grande número de atividades e para a interação diversa entre pais não-residentes e seus filhos, em contraste à proposição de diversas pesquisas. Dois pais entrevistados chegaram a declarar que o relacionamento com os filhos passou a ser mais positivo com o distanciamento gerado pelo divórcio, pois, exatamente pela limitação do tempo, esses pais começaram a conceder mais atenção aos filhos e desempenhar uma multiplicidade de atividades.

Em contrapartida, pais não-residentes podem apresentar experiências negativas a partir do distanciamento de seus filhos, mencionando sentimentos de preocupação e sentimentos de angústia, perda, exclusão e frustração, o que revela a importância da aproximação emocional também para os próprios pais (BOTTOLI, 2010; SILVA, 2003). Passando pouco tempo com os filhos, os pais criticavam a si mesmos dizendo que não se sentiam bons pais e declararam sentir receio por assim estarem afetando o desenvolvimento dos filhos.

Segundo Silva (2003), muito desse sofrimento emocional resulta dos atritos e conflitos que geralmente transcorrem nos primeiros meses seguintes à separação. Desentendimentos entre os ex-cônjuges quanto aos deveres e direitos relacionados aos filhos são frequentes, e qualquer limitação imposta pela mãe que possui a guarda é vista pelo pai como sendo uma resposta do rancor sentido pela ex-esposa (WALLERSTEIN & KELLY, 1998).

Nos Estados Unidos dos anos 80, a síndrome da alienação parental (SAP) foi definida por Richard Gardner como sendo um transtorno que se manifesta nos filhos que são alvos da disputa jurídica entre os ex-cônjuges. Nas palavras do psiquiatra norte-americano, é a partir da criação, na mente da criança, da imagem negativa de um dos genitores pelo outro, chamado de alienador, que a síndrome se manifestaria, fazendo com que o filho rejeite um de seus pais. Em agosto de 2010, foi sancionada no Brasil a lei sobre a alienação parental, a qual determinada punições ao pai ou a mãe que restringir a relação e o contato do(s) filho(s) com o outro genitor.

Conflitos entre pais separados em disputa pelos filhos têm sido documentados em diversas pesquisas (LAGO & BANDEIRA, 2009; SOUZA & BRITO, 2011; VIEIRA & SOUZA, 2010). Em alguns casos é comum que a mãe e mesmo o pai passem a denegrir as condutas do outro como meio de colocar o filho numa relação negativa em relação ao ex-parceiro. Mas a denominação de "síndrome" suscitou críticas e questionamentos a respeito de se atribuir esse qualificativo a problemas decorrentes de disputas de pai ou mãe em relação aos filhos.

Souza e Brito (2011, p. 274) argumentam que o rótulo de síndrome ou enfermidade mental tende a "aprisionar os indivíduos em um diagnóstico, quando os seus comportamentos passam a ser vistos exclusivamente como resultado de uma patologia" reduzindo manipulações de um dos genitores a algo naturalizado ou psicologizado. Nesse sentido as autoras propõem uma discussão da lei sobre alienação parental como meio para solucionar conflitos e para que esses conflitos não afetem os filhos que já passam por um processo doloroso de separação dos pais.

Portanto, é necessário deslocar as manipulações dos filhos do terreno da patologia para discutir essas tensões como parte de um processo sofrido e doloroso que é a separação conjugal, para analisá-lo como parte de uma transição na qual os filhos tornam-se, em alguns casos, meros joguetes das disputas de ex-cônjuges.

A despeito das dificuldades e disputas pós-separação, os homens estão compreendendo a importância de se manterem próximos emocionalmente e acessíveis para seus filhos, já que se observam posturas para manutenção dos vínculos afetivos. Um processo de divórcio adequado e sem turbulências e uma boa qualidade da relação com a ex-esposa e ex-familiares, parecem influenciar positivamente na continuidade e preservação do contato com os filhos (DANTAS,

2003; WARPECHOWSKY & MOSMANN, 2012; BOTTOLI, 2010; SILVA, 2003; SCHIMIDT ET AL. 2014).

Embora existam diversos pontos em comum nas análises acima discutidas, evidenciam-se também particularidades referentes ao envolvimento com os filhos antes e após a separação e aos sentimentos relacionados à paternidade. Estas modalidades de envolvimento mostraram-se muito ligadas à rotina de trabalho e escolarização destes pais, a suas características pessoais e de suas ex-esposas (SILVA, 2003).

De outra perspectiva, isto é, passando a examinar a relação do padrasto com enteados, estudos realizados em Portugal (LOBO, 1996) e no Brasil (MARCONDES, 2008, 2009), relatam grande preocupação com a adaptação dos filhos ao novo parceiro conjugal da mãe. Dessa forma, a qualidade dos vínculos estabelecidos entre padrastos e filhos da primeira união conjugal da parceira parece ser um fator importante para a consolidação e funcionamento da família recomposta. Existe um consenso entre pesquisadores dos Estados Unidos de que a qualidade da relação entre o casal recomposto também é essencial, pois reflete-se diretamente na relação com os enteados (GANONG & COLEMAN, 2004).

Alguns estudos constataram que, em determinadas circunstâncias, os padrastos criam vínculos de afeto com os enteados, compartilhando atividades cotidianas, participando ativamente dos cuidados com eles e com sua formação (FONSECA, 2002; ATALAIA, 2010 WATARAI, 2010; WARPECHOWSKY & MOSMANN, 2012; SARAIVA, 2013) e construindo igualmente relações de amizade com eles (THÉRY & DHAVERNAS, 1993).

Em um estudo que explorou o relacionamento entre três padrastos e suas enteadas, revelou-se que, após o estabelecimento de um vínculo conjugal sólido com a mãe, foi intenção dos padrastos entrevistados consolidar relações próximas e de amizade com a enteada, compreendendo que assim poderiam orientá-la mais efetivamente e contribuir significativamente para seu crescimento e amadurecimento (TOMÉ & SCHERMANN, 2004). Observa-se nos relatos uma tentativa de reverter o quadro de padrasto distante, mais temido do que respeitado, para a de alguém afetivo e participante.

Se o pai biológico é ausente na vida da criança, parece haver ainda facilidade na construção da relação entre padrastos e enteados (TOMÉ & SCHERMANN, 2004) pois muitas vezes a imagem negativa do pai biológico formada pela criança pode aproximar o enteado do padrasto (WALLERSTEIN, LEWIS & BLAKESLEE, 2002), como demonstrado em pesquisa de caso único trabalhada por Chalhub e Pinto (2001). Com o afastamento do pai biológico, abriu-se a possibilidade do padrasto ocupar esse espaço na família, assumindo a paternidade em relação à criança sem maiores interferências. Os dados apresentados por essa pesquisa revelam que o

padrasto exerce a função paterna de um pai que é próximo, ama, orienta e disciplina, independentemente da filiação biológica e baseada unicamente em relações socioafetivas.

Estes resultados corroboram o estudo de Saraiva (2013) que revelou que o padrasto tende a se sentir legitimado a ocupar o lugar parental quando o pai biológico é ausente parcial ou completamente da vida do(s) filho(s), sejam quais forem as dificuldades. Estes padrastos, além de contribuir financeiramente, oferecem sentimento de afeto e sustentação emocional.

Todavia, Ribeiro (2005) e Jacquet (2011) notaram em seus estudos que a relação afetiva entre padrastos e enteados não se alterou com o convívio mútuo e a constante partilha de experiências. Ainda nessa linha de refutação, Marcondes (2008) apontou para uma ambiguidade e apatia nos padrastos participantes de sua pesquisa em relação aos seus enteados. De modo semelhante os entrevistados de Falcke e Wagner (2000) disseram não nutrir o mesmo sentimento pelo filho e pelo enteado, indicando certa dificuldade dos padrastos na criação do vínculo com o filho da nova parceira.

Quanto à interação dos padrastos com os enteados, Tokumaru e Bergamin (2005) perceberam que os padrastos de sua pesquisa restringiam a interação ao transporte e a comprar presentes em detrimento de atividades como brincar, passear, conversar, disciplinar e aos cuidados em geral.

De modo geral, a relação de padrastos com os filhos da parceira passa pela necessidade de reconhecimento recíproco, ou seja, ambos devem reconhecer a nova situação em que se encontram e as funções que estão tem jogo. Por conseguinte, um certo movimento por parte dos padrastos para conquistar a confiança e o afeto dos enteados, assim como por parte destes em aceitar o novo parceiro da mãe como alguém mais próximo, pode criar uma relação emocional positiva, não sendo necessariamente negativa como se manifesta nas representações do senso comum e em diversas fábulas e contos.

França (2006) afirma que o padrasto deve atuar nos pontos em que o pai biológico por vezes falha, agindo como exemplo mesmo que não seja considerado qualquer reconhecimento por parte dos enteados. Na função de pai socioafetivo, deve ser solidário e agir compreensivamente, evitando, assim, conflitos com os filhos da companheira.

Os padrastos, porém, podem eventualmente optar por manter certa distância em relação aos enteados, mesmo porque nem sempre estão seguros quanto às funções e às posturas que devem ter diante deles, sobretudo quando estes são crianças e adolescentes, e podem procurar não se envolver emocionalmente com eles. Em pesquisa realizada com padrastos e filhos adolescentes, Ribeiro (2005) documenta que todos os padrastos entrevistados tiveram problemas com os

enteados adolescentes desde o começo, preferindo, desse modo, o afastamento da relação e o que o tempo se encarregasse de resolver a situação.

O relacionamento entre enteados e padrasto pode sofrer interferência expressiva de alguns aspectos específicos. Levando-se em conta a idade daqueles na época do recasamento da mãe, Cutsem (2001) chama a atenção para a separação que ocorre quando uma criança tem por volta de três anos, quando poucas lembranças e laços emocionais estão retidos em sua vida psíquica, fazendo com que as possibilidades de identificação com outras figuras parentais sejam significativamente maiores.

De modo semelhante, os trabalhos de Soares (2013) e Watarai (2010) mostram que a aproximação afetiva tende a ser facilitada quando o padrasto começa a conviver com enteados durante a infância e início da adolescência. Atalaia (2010), verificou em seu estudo em Portugal que a relação seria facilitada se o enteado fosse pequeno e também do sexo masculino.

Existe uma dissonância na literatura quando o assunto se volta para crianças mais velhas e adolescentes. Pesquisas como a de Furstenberg (1991) indicam maior dificuldade de relacionamento com o padrasto quando o enteado é mais velho. Já pesquisas como a de Wagner e Sarriera (1999) mencionam que uma boa relação dos padrastos com enteados adolescentes é possível pelo fato destes possuírem maior noção da situação conjugal da mãe, o que acabaria facilitando a aceitação do recasamento e interação com o novo parceiro da genitora.

Por outro lado, questões de gênero também interferem no relacionamento entre padrastos e enteados. Conforme ressaltado por Wallerstein, Lewis e Blakeslee (2002), uma separação pode deixar o filho como o único homem da casa, e poder partilhar isso com o padrasto pode representar algo muito positivo. Já as meninas, em geral aproximam-se da figura materna após o divórcio e costumam ressentirem-se com a chegada do padrasto. Quando adolescentes, todavia, parecem ser os meninos que se ressentem com a presença do padrasto, enquanto as meninas ficam mais à vontade na relação com ele (WATARAI, 2010).

O modo como o padrasto é inserido na família pela esposa seria decisivo para a construção de vínculos apropriados e sadios entre ele e seus enteados. Ela possui um papel fundamental como mãe, esposa e ex-esposa, de decidir sobre a concessão de autoridade ao padrasto e seu espaço de atuação, assumindo, dessa maneira, a responsabilidade se situar-se entre os diversos relacionamentos familiares (SARAIVA, 2013). Portanto, tanto a mãe como o pai recasado encontram-se em fogo cruzado, justamente por mediar as relações entre seus filhos biológicos e seu novo cônjuge (SOARES, 2012).

Assim, a convivência prolongada entre padrastos e enteados, o fato de morarem em uma mesma casa e compartilharem refeições, tem o peso simbólico de criar laços de afetividade e de

proximidade entre pessoas fazendo com que a consanguinidade, isto é, a paternidade biológica, não seja determinante para que um homem, no caso, o padrasto, crie vínculos afetivos com enteados. Apesar disso, os padrastos não substituem os pais biológicos, já que estes, de modo geral, continuam a manter contato com os filhos e, muitas vezes, permanecem participando ativamente da vida dos mesmos, embora não vivam com estes que residem com a mãe (WATARAI, 2010).

O exercício da autoridade e as responsabilidades sobre as crianças são aspectos fundamentais para as relações estabelecidas nas famílias recompostas. Sendo assim, torna-se importante a demarcação, entre os membros do casal recasado, sobre qual deve ser o limite de atuação dos padrastos perante os enteados.

A questão da autoridade é um fato que parece delimitar com bastante clareza a atuação do pai biológico e a do padrasto em relação a filhos e enteados. Ou seja, o exercício da autoridade perante a criança ou adolescente delimitaria os espaços de atuação de cada um. Dessa forma, a autoridade torna-se elemento de extrema importância para o funcionamento das famílias formadas após o recasamento. Quando o pai está ausente a mãe torna-se a pessoa legítima para exercer essa autoridade, não o padrasto (DANTAS, 2003; WATARAI, 2010). Também para Wallerstein et al. (2002), até que o padrasto seja reconhecido pelos enteados como uma figura digna de respeito e confiança, seria mais indicado que o exercício da autoridade ficasse a cargo da mãe.

Os adolescentes parecem mais suscetíveis diante do exercício da autoridade que não é exercida pelo pai biológico, principalmente quando a mãe não se posiciona. As questões relativas à adolescência, como a busca por libertar-se da autoridade parental, interferem diretamente e o relacionamento entre padrastos e enteados adolescentes pode se tornar difícil e constrangedor (WALLERSTEIN ET AL.2002).

Da mesma forma que no modelo nuclear, o nascimento de um filho do casal recomposto pode despertar ciúme nos filhos de união anterior. Mas por outro lado, esse nascimento pode servir de elo entre os familiares que não compartilhavam da mesma origem, fazendo até com que enteados passem a aceitar melhor o novo parceiro da mãe, através da ideia de ele ser o pai do meio-irmão (WATARAI, 2010; LOBO, 2009).

A definição dos estatutos de padrastos e madrastas é complicada pela falta de normas e orientações culturais pré-estabelecidas que definam o relacionamento entre eles e enteados. Geralmente essas relações são orientadas por um jogo de contrastes e semelhanças com os estatutos já consolidados de mãe e pai biológicos, e tendem a contribuir para se considerar negativamente a posição de madrastas e padrastos (THÉRY & DHAVERNAS, 1993).

Em relação a isso, o estudo de Marcondes (2008, 2009) reportou frequente preocupação com a adaptação dos filhos ao novo parceiro da mãe. Do mesmo modo, por meio de entrevistas e estudos clínicos de famílias recompostas na França, Hurstel e Carré (1993) avaliam que o estabelecimento de estatutos claros para os membros da família, assim como normas de relacionamento de direitos e deveres entre eles, mostra-se não somente problemático devido à falta de orientações culturais prévias, mas também instável. O estatuto decorrente do parentesco pode ser posto em questão em certas transições, como no nascimento de um filho de segunda união que afeta a posição dos demais, de casamento anterior.

Nesse sentido, as relações de um homem que é pai de filhos de primeira e segunda união e que é simultaneamente padrasto vivendo com enteados geram uma tríade complexa. Como pai mantém com os filhos de duas uniões uma relação de descendência ou de consanguinidade, como padrasto o vínculo com os enteados é de adoção recíproca, ou de parentesco eletivo como esclarece Cadolle (2007). A postura do padrasto oscila entre normas distintas e contraditórias e espera-se que trate seu enteado como seu filho, com quem vive uma adoção recíproca, mas o ideal de perenidade da paternidade biológica, ou da consanguinidade, considerado como o único caminho para determinar a filiação, impede-o de ocupar o lugar de pai biológico do enteado (SARAIVA, 2013).

Em pesquisa realizada com pessoas envolvidas em disputas jurídicas de paternidade em uma Vara da Família de Porto Alegre - RS, Fonseca (2004) constata que, apesar de a prática da "adoção à brasileira" ser muito comum, em caso de separação o argumento de que não se é pai biológico da criança é frequentemente usado pelos homens como motivo para romper o relacionamento com a companheira e seu filho.

Por sua vez, os entrevistados de Marcondes (2002), homens de famílias recompostas das camadas médias de Campinas, avaliam que assumem a posição de pai dos filhos da companheira, não estabelecendo diferença entre esses e seus filhos biológicos, mencionando elementos ligados à convivência cotidiana e o envolvimento emocional com o(s) enteado(s). Entretanto, eles reconhecem que há limite para essa paternidade, por considerarem que o pai biológico ainda mantém direitos e deveres sobre seus filhos.

Além de pai e mãe biológicos, outros adultos podem cumprir as funções afetivas e de cuidado em relação a uma criança. Sendo assim, as famílias recompostas, ao apresentarem a possibilidade de coexistência de relações pautadas em herança biológica e naquelas baseadas exclusivamente em laços socioafetivos, sinalizam a necessidade de se compreender que a paternidade pode ser estabelecida tanto por laços consanguíneos, quanto por laços de afeto.

Os resultados das várias pesquisas examinadas apontam para a existência de diversos modos de participação do padrasto na vida familiar recomposta, e de inúmeras variáveis que influenciariam no processo de inserção de um homem em um contexto que já carrega uma história social e afetiva consolidada (ATALAIA, 2010; SARAIVA, 2013).

Se a heterogeneidade de relações parece indicar à primeira vista situações em que "cada caso é um caso único" convém lembrar, como Fonseca (1999), que é justamente na singularidade de cada caso que é possível apreender a capacidade de todos envolvidos nas relações das famílias recompostas, que agregam pais, padrastos, mães, madrastas, enteados e uma vasta parentela o modo como esses sujeitos constroem criativamente modalidades alternativas e inovadoras de convivência, criando estratégias para superarem dificuldades e para produzirem, muito lentamente, normas para ordenar a complexidade das constelações familiares do modo como existem atualmente e que são relativamente recentes e que estão aumentando como forma de arranjo doméstico.

Ao mesmo tempo, é fundamental frisar que a vida doméstica, qualquer que seja a forma de arranjo, é um processo em constante fluxo de transformação e que é mediante a análise do fluxo de trajetórias diversas que é possível apreender a dinâmica das famílias.

1.6 Justificativa

A maioria das pesquisas sobre arranjos familiares tem como foco a atuação materna, deixando em segundo plano a função social do pai sobretudo na socialização dos filhos. Alguns autores como Bustamante e Trad (2005), Manfroi, Macarini e Vieira (2011) indicam a necessidade de estudos que se aprofundem na análise da condição e atuação do pai no desenvolvimento da criança e das relações estabelecidas entre ele e os demais membros familiares.

Por outro lado, pouco se sabe ainda sobre a organização e as relações internas das famílias recompostas e da complexa teia de relações entre parentes criada pela segunda união dos cônjuges. A carência terminológica para designar um novo conjunto de parentes sugere que as relações entre essas pessoas, bem como sua classificação cultural, no plano das representações, ainda são pouco claras, dificultando inclusive os modos de relacionamento entre elas.

Assim, realização deste projeto justifica-se pela escassez - ou mesmo ausência - de estudos que abordem a relação de um homem que é simultaneamente pai /padrasto no interior de uma família recomposta. Por isso mesmo, este trabalho tem caráter exploratório já que trata de uma realidade familiar relativamente nova e pouco ou nada estudada.

2 OBJETIVOS

Esta pesquisa objetiva investigar e analisar, em seus aspectos multidimensionais, as vivências e experiências da paternidade de homens que sejam simultaneamente pais/ padrastos vivendo em famílias recompostas.

Procura-se analisar como um mesmo homem, pai/padrastro, exerce a relação de paternidade com filho(s) da primeira e/ou da segunda união e quais os vínculos que mantém com o(s) enteado(s), filho(s) que sua parceira teve da primeira união, e como expressa seus sentimentos e emoções frente a filho(s) e enteado(s).

Pretende-se assim analisar como é vivida a paternidade, considerando as particularidades e diferenças da condição de um pai que não participa diretamente da vivência de filho(s) da primeira união, que mora(m) com a ex-esposa e/ou que vive cotidianamente com filho(s) de segunda união. Busca-se igualmente analisar como é a relação desse homem com seu(s) enteado(s) com quem vive e cujo pai não reside com ele(s), para se entender o que significa ser pai e padrasto e como são construídas essas posições na dinâmica da vida doméstica.

Ao mesmo tempo, pretende-se investigar os vínculos com a companheira atual, como ela convive com o(s) filhos da primeira união de seu companheiro e o modo de relacionamento do pai/padrasto com familiares da ex-esposa e da atual parceira, procurando explicitar quais são as representações e expectativas geradas a partir do novo arranjo familiar, os possíveis entraves, dificuldades e também eventuais pontos positivos da vida doméstica de famílias recompostas.

3 METODOLOGIA

3.1 Procedimentos

A seleção dos participantes foi feita através da rede pessoal de relações do pesquisador. Caso os critérios pré-definidos fossem atendidos, era feita primeiramente uma aproximação sobre o interesse em participar da pesquisa através de telefone ou por correio eletrônico combinando um local para a realização da entrevista em dia e horário adequados.

A coleta de dados foi feita através de entrevistas com roteiro semi-estruturado com o pai/padrasto, conforme apresentado no Anexo I, elaborado a partir da seleção de tópicos relevantes da bibliografia acerca do tema para se investigar as vivências de pais/padrastos como a família de origem, o primeiro casamento e a separação, o segundo casamento, relações conjugais e com familiares, ex-familiares, filho(s) e enteado(s). As entrevistas, gravadas e transcritas na íntegra, foram feitas em locais escolhidos pelos sujeitos. Três foram realizadas em suas residências, três no local de trabalho, e uma em espaço público, e ocorreram em espaço adequado preservando-se a privacidade dos sujeitos e a confidencialidade das informações.

A partir das transcrições foi efetuada a análise qualitativa parcial dos dados e categorias de análise foram criadas, interpretadas e contrapostas aos referenciais teóricos da antropologia e da psicologia, a fim de levantar semelhanças entre os participantes para uma análise mais integrada, assim como divergências e particularidades entre os mesmos, distinguindo-os dos demais.

Durante a realização das entrevistas foram feitas observações de aspectos diversos, como descrição da moradia, a postura dos participantes, eventuais conversas que ocorreram antes da entrevista e após ela e que foram devidamente registradas em diário de campo e utilizadas na análise oferecendo mais informações e ampliando os referenciais empíricos da pesquisa.

Introduziu-se também na análise a dimensão exterior à entrevista, ou seja, o campo de investigação, constituído pela dimensão histórica e estrutural da sociedade (ROMANELLI, 1998). Ao se cruzar os dados, comparar diversos tipos de argumentação, confrontar diferentes discursos de diferentes participantes acerca de uma mesma realidade, compõe-se a organização da situação vivida por eles em que valores, sentimentos e emoções se fazem presentes (FONSECA, 1999).

Como esta pesquisa é de cunho qualitativo, fundada em entrevistas em profundidade com número reduzido de participantes, não se tem a pretensão de generalizar os resultados obtidos e a análise dos referenciais empíricos para outros arranjos de famílias recompostas.

3.2 Participantes da pesquisa

Localizar e selecionar os participantes da pesquisa não foi tarefa fácil. Uma primeira dificuldade foi encontrar pais/padrastos em Ribeirão Preto para participarem da pesquisa. Os participantes foram indicados através da técnica de indicação sucessiva ou bola-de-neve (BIERNACKI & WALDORF, 1981), e dentre os sete entrevistados encontrados, quatro residem nessa cidade e os outros três em localidades próximas[1] distantes cerca de 100 quilômetros de Ribeirão Preto.

Foram entrevistados sete pais/padrastos vivendo situações distintas nas famílias recompostas, o que é importante para evidenciar as diferentes modalidades de arranjos dessas famílias e a diversidade do estatuto do padrasto e de suas relações com filhos e enteados.

Dois homens eram pais/padrastos vivendo em famílias recompostas constituídas por segunda união de ambos os parceiros, com filho(s) da primeira união morando com a ex-esposa, e residindo com os filho(s) da segunda esposa, isto é, seus enteados, e com filhos da segunda união. Além destes, foram entrevistados três pais/padrastos com filho(s) da primeira união morando com a ex-esposa e sem filhos da segunda união, mas vivendo com os enteados.

Outros dois pais/padrastos vivem uma situação talvez pouco comum, mas que documenta a multiplicidade de possíveis arranjos das famílias recompostas e da condição de padrasto. Trata-se de um homem que se separou da primeira esposa com a qual teve três filhos que já são adultos. Sua segunda esposa tinha uma filha hoje adulta, sua enteada, e o casamento terminou com a morte da mulher. Atualmente vive em terceira união e tem um enteado morando fora do país, filho da atual mulher e é padrasto duas vezes. O outro caso é de um homem que não teve filhos na primeira união porém tornou-se padrasto pois sua mulher já tinha um filho. Na segunda união teve uma filha e também tem uma enteada, o que o torna duplamente padrasto.

3.3 Aspectos éticos

O pesquisador identificou-se ao entrar em contato com os participantes e informou os objetivos da pesquisa esclarecendo que os dados a serem obtidos seriam sigilosos e usados somente para fins de pesquisa e que os nomes dos entrevistados, assim como qualquer outra informação que pudesse identificá-los não seriam revelados, a fim de manter seu anonimato e privacidade.

---

[1] Os nomes dessas cidades foram omitidos para assegurar a privacidade dos entrevistados. Para facilidade de leitura serão indicadas adiante como cidades "A" e "B", sendo que dois moram em uma mesma localidade.

Foi solicitada permissão para gravação da entrevista e, mediante a aceitação, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Anexo II), de acordo com a resolução no 196/96 sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Após a concordância em participarem da pesquisa, foi solicitada a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, uma das quais ficou em poder do entrevistado e a outra com o pesquisador.

De acordo com a determinação do Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (SISNEP), o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CEP – FFCLRP/USP) e aprovado, de acordo com o disposto na Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, e com o Processo CEP – FFCLRP nº 001245/2016 - 52383115.7.0000.5407.

4 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES

A idade dos sete participantes variou entre 50 e 72 anos, todos assumiram ser de cor branca, e cinco deles: Gabriel, Antônio, João, Miguel e Pedro haviam concluído o ensino superior; Carlos iniciou mas não concluiu essa modalidade de ensino e José tem ensino médio completo. A fim de assegurar a privacidade e o anonimato dos informantes suas profissões, bem como a de outros familiares citados no decorrer das entrevistas, foram alteradas por outras com prestígio social e escolaridade equivalentes.

João e Antônio são advogados, José é gerente de estabelecimento comercial, Pedro é bancário, Gabriel é proprietário de uma empresa dedicada a empreendimentos rurais, Miguel é proprietário de empresa voltada para produção de artigos domésticos e Carlos tem um estabelecimento comercial de pequeno porte. Três dos pais/padrastos (Antônio, João e Pedro) declararam rendimento mensal maior do que 10 salários mínimos[2] e os outros quatro (Carlos, Gabriel, José e Miguel) estão na faixa entre dois e oito salários mínimos.

A seguir são descritas algumas observações feitas durante os primeiros contatos com os participantes e durante as entrevistas sobre moradia, postura diante do pesquisador e eventuais conversa antes e após as entrevistas.

4.1 João

João tem 50 anos, manifesta afinidade pela religião espírita porém não se considera religioso. Começou a trabalhar com 17 anos devido ao estágio obrigatório da faculdade. Concluiu o ensino superior, é advogado com renda mensal no valor de mais de 10 salários mínimos e mora em casa própria. Mantém pouco contato com os pais que moram em outra cidade e com a irmã, oito anos mais nova, e que se afastaram dele após a separação. A mãe tem 74 anos e o pai 82.

Casou-se com a primeira esposa, também advogada, quando ambos tinham 25 anos e tiveram uma relação que durou 20 anos. Após a separação, o filho mais novo, de 16 anos, foi morar com a mãe e o outro de 19 anos estudava em uma faculdade fora de Ribeirão Preto e mantém contato com João e com a mãe frequentemente.

Conheceu a segunda esposa há cinco anos no mesmo ano da separação, quando tinha 45 anos, ela 43 e a enteada 11 anos. Casaram-se há um ano e não têm filhos desse segundo casamento. João mora sozinho em um apartamento em Ribeirão Preto, enquanto a atual esposa, que também exerce a mesma profissão e tem renda mensal de mais de dez salários mínimos, e a enteada, residem em outra cidade fora da região sudeste. Apesar disso, encontram-se semanalmente, seja

[2] O salário mínimo era de R$ 880,00 na época em que foram realizadas as entrevistas.

em Ribeirão Preto ou na cidade onde reside a mulher. Tal forma de arranjo, embora talvez pouco usual, exemplifica as várias modalidades de configuração das famílias recompostas e será discutida e comentada ao longo deste trabalho.

A entrevista com João foi realizada no dia 4 de abril de 2016 em Ribeirão Preto onde ele reside. O contato inicial foi feito através de e-mail e de imediato ele confirmou a participação marcando determinado horário para a entrevista que era inviável para o pesquisador. Um segundo horário foi então combinado e a entrevista foi marcada para acontecer no local de trabalho.

Chegando no local no horário combinado encontrei uma sala com o nome do entrevistado, entrei e me identifiquei. Fomos para sua sala particular, menor, com computadores, livros e equipamentos de trabalho. Ao sentarmos, o participante disse que dispunha de uma hora pois tinha outro compromisso já agendado para depois da entrevista. No começo da conversa, eram nítidas as respostas mais concisas e a postura formal, mas à medida que a entrevista ocorria João foi ficando cada vez mais à vontade, chegando a usar termos chulos para referir-se a determinados acontecimentos.

Quando percebi que havia ultrapassado o horário estipulado de uma hora perguntei se queria interromper, mas imediatamente João pediu para que prosseguíssemos até o fim. Ao término da entrevista, após uma hora e dez minutos, houve uma conversa informal sobre um problema[3] vivido pelo filho e afirmou ter tido uma conversa franca e aberta sobre o assunto com ele.

Disse ainda o que pensa sobre isso e sua preocupação com o futuro do filho e terminou afirmando haver uma diferença muito grande entre os jovens de antigamente e os de hoje em dia. Esses relatos são importantes e serão analisados em maior profundidade no decorrer do trabalho.

4.2 Gabriel

Gabriel tem 64 anos, é católico praticante, nasceu e foi criado na cidade “A” onde concluiu o curso superior, mas exerceu a profissão durante poucos meses. Posteriormente, retornou para a propriedade da família voltada para empreendimentos rurais onde trabalha até hoje, conseguindo uma renda mensal entre cinco e sete salários mínimos. Irmão de outros quatro homens e de três mulheres tem relação próxima com a mãe viúva que mora na mesma cidade.

Casou-se no registro civil somente com a primeira mulher aos 27 anos quando ela tinha 23 e era recém-formada e com a qual teve três filhos, e o casamento durou 20 anos. Gabriel trabalhou em diferentes profissões e a ex-mulher era psicóloga. Após a separação os filhos ficaram com a

[3] Para preservar a privacidade do entrevistado omite-se o problema do filho.

mãe e no ano seguinte conheceu a segunda mulher, funcionária pública, com quem teve uma relação que durou nove anos e terminou com o falecimento da mesma, mãe de uma filha com quem mantém contato muito próximo até hoje e que mora na mesma cidade. Logo depois conheceu a sua terceira e atual esposa, que tem um filho morando em outro país e com a qual não tem filho.

O contato com o participante foi feito através de telefonema e a entrevista foi marcada para o dia 29 de julho na cidade onde reside. Através de outro telefonema consegui agendar para a mesma data entrevista com José morador da mesma localidade.

No dia combinado saí de Ribeirão Preto pela manhã em direção à cidade onde ele reside e ao chegar ao condomínio de Gabriel fui liberado pela portaria e segui para o apartamento. Ele estava sozinho em seu apartamento, pequeno, mas bem mobiliado, com fotos da família atual e dos filhos e começamos a conversar.

À medida que fui esclarecendo novamente o motivo da visita, ficou muito claro o desânimo, talvez até arrependimento por ter aceito conceder a entrevista, mas seguimos mesmo assim. No início, respostas curtas, rápidas, às vezes até monossilábicas, predominaram, como já ocorrera no contato telefônico. No entanto, a fala passou a ser cada vez mais elaborada e descontraída, com direito a algumas risadas. A o término da entrevista, perguntou se poderia deixá-lo de carro no restaurante de um dos filhos, pois fazia parte do caminho que eu seguiria logo depois.

4.3 José

Após a primeira entrevista com Gabriel e o período de almoço, segui para o centro da cidade, onde encontrei José em seu local de trabalho. Ao chegar no local fui avisado por funcionários do restaurante de propriedade da mãe e do qual ele é gerente, que ele ainda não se encontrava e esperei alguns minutos. Quando chegou nos cumprimentamos e a entrevista teve início.

Junto dele estava seu filho do segundo casamento, que em alguns momentos estava conosco, desenhando com canetas coloridas em um bloco de papel que ofereci e chegando até a conversar no meio da entrevista e em outros ficava brincando mais afastado.

Apesar da presença do filho a conversa ocorreu sem outras interferências e a privacidade foi mantida. José mostrou-se muito descontraído e aberto, respondendo todas as perguntas e conversando calmamente sem grandes apreensões. Ele tem 51 anos, é espírita mas não praticante, tem ensino médio completo e tem renda mensal entre dois e cinco salários mínimos.

Mantém contato próximo com a mãe de 78 anos, com dois irmãos e uma irmã os quais vivem com suas respectivas famílias, sendo que o pai e um irmão já faleceram. Aos 41 anos, José viveu uma relação casual com uma mulher de 34 anos, comerciante, com quem não chegou a conviver mas tiveram um filho juntos, que atualmente se encontra com 10 anos, mora com a mãe e se encontra com José todos os fins de semana devido ao acordo de guarda compartilhada.

Um ano e meio depois da separação conheceu a segunda mulher com quem também não se casou e há 10 anos mora com ela, com o filho dessa relação de 5 anos e com duas enteadas de 15 e 18 anos.

4.4 Pedro

Pedro tem 55 anos, é católico praticante, concluiu o ensino superior na área de administração e trabalha em um banco. Começou a trabalhar com 22 anos depois de passar em um concurso público, sua renda mensal está atualmente acima de dez salários mínimos e mora em casa própria. O pai é falecido, e Pedro possui contato próximo com a mãe de 81 anos e com as duas irmãs e o irmão, que sempre estão comunicando-se entre si. Somente uma irmã constituiu família e não se separou, a outra irmã se separou e mora com a mãe e o irmão também é divorciado.

Com 25 anos casou-se quando a primeira mulher tinha 18 e o relacionamento durou 14 anos. A ex-mulher não possui formação superior, trabalhou no setor educacional no começo da relação e depois nunca mais exerceu atividade remunerada, vivendo da pensão que recebe de Pedro. Teve duas filhas nessa relação que no momento da separação tinham 10 e 12 anos e que hoje moram com a ex-esposa na cidade B na região de Ribeirão Preto. Poucos meses depois, aos 39 anos, casou-se com a atual mulher que tinha 33 anos na época e que trouxe um filho pequeno da relação anterior.

Casado há 16 anos com a atual esposa que exerce o mesmo cargo profissional, Pedro mora com ela e o enteado que atualmente estuda em uma faculdade, em um condomínio em Ribeirão Preto e não possuem filhos dessa segunda união.

O contato inicial com Pedro foi feito através de correio eletrônico e combinamos a entrevista para o dia 8 de abril de 2016 em sua casa localizada em um condomínio fechado em Ribeirão Preto.

Os muros do condomínio eram muito altos e a guarita completamente fechada, com vidros escuros. Logo ao entrar na casa era perceptível o padrão econômico da família: ampla sala com muitos sofás, uma televisão grande com um sistema de som instalado, uma mesa de vidro ao lado e a cozinha dividida da sala somente por um balcão. Havia muitas bebidas (whisky, licores) em

cima dos armários, além de uma adega de vinhos. Toda a casa se encontrava bem arrumada, com plantas e ornamentos.

Ao entrar conheci a mulher de Pedro que estava de saída para o culto da igreja que frequenta e ele comentou que estaríamos sozinhos e que o filho de sua mulher chegaria algumas horas depois.

No início da entrevista era perceptível a formalidade de tratamento e também o estranhamento da situação tanto por parte do entrevistado quanto do próprio pesquisador. Respostas mais diretas e contidas foram comuns nas primeiras perguntas.

Alguns minutos, no entanto, bastaram para que a conversa ficasse mais solta e ambos à vontade. A entrevista teve duração de 100 minutos com a introdução de muitos assuntos que não estavam previstos no roteiro dando a impressão de que Pedro passou a apreciar a conversa. Os temas levantados por Pedro mostraram-se relevantes quando da transcrição da entrevista e serão discutidos e analisados posteriormente.

Finalizada a entrevista Pedro ofereceu-me água e café e aceitei somente água. Quando perguntei sobre o quintal do outro lado da sala, disse que era uma área que não tinha piscina, e que a família costuma frequentar um clube da cidade, porém menos do que antes.

4.5 Miguel

Miguel tem 59 anos, já foi católico praticante mas atualmente não tem religião. Concluiu o ensino superior na área de tecnologia e trabalha na fabricação de artigos domésticos junto com a mulher e possui renda mensal entre cinco e sete salários mínimos. Começou a trabalhar junto com o pai quando ainda era adolescente, o que era considerado normal e incentivado em regiões agrícolas. Casou-se com a primeira esposa aos 17 anos logo após uma gravidez acidental e por isso foi expulso de casa pelo pai, tendo então que conquistar independência financeira.

Teve dois filhos dessa relação e separou-se judicialmente depois de 15 anos, quando o filho estava com 10 anos e a filha 15. Após certo tempo depois da separação, o casal tentou a reaproximação e voltaram a morar juntos durante alguns meses, mas não se reconciliaram e terminaram de fato o relacionamento. Nos primeiros anos, os filhos foram morar com a mãe, mas acabaram se desentendendo e depois decidiram morar com Miguel por decisão própria.

Cinco anos depois, com 35 anos, conheceu sua segunda mulher quando esta tinha 25 e que já tinha um filho de 3 anos de outro casamento. Não estão casados, moram juntos há 24 anos e tiveram duas filhas que atualmente têm 23 e 16 anos, além de ser padrasto do enteado de 27 que não mora com ele e a companheira atual.

Os pais são falecidos e ele tem 4 irmãs e apenas uma delas se encontra separada. A filha de 33 anos do primeiro casamento está casada e mora em outra cidade, o filho de 28 não casou e afastou-se da família, a filha mais velha da relação atual, de 23 anos, mora em outro país, e atualmente Miguel mora em casa própria com a filha da segunda união de 16 anos e com o pai da segunda mulher que é viúvo.

O contato com Miguel foi feito através de um terceiro, que primeiramente perguntou a ele sobre sua disposição em participar da pesquisa. Com a resposta afirmativa, conversamos através de correio eletrônico quando foram apresentados os objetivos e os aspectos da pesquisa e foi feito o convite para participar da pesquisa, porém Miguel não respondeu as novas mensagens. Passados alguns dias, foi retomado o contato por parte do pesquisador e assim foi combinado o dia, horário e local onde a entrevista aconteceria na cidade B em uma chácara da família.

Avisei Miguel por telefone que estava a caminho logo ao sair de Ribeirão Preto e ao entrar na cidade ele fez uma ligação perguntando se eu não estaria perdido, pois o horário decorrido desde a minha saída até aquele momento não condizia com o tempo de viagem habitual entre as duas cidades. Depois de avisá-lo que estava tudo bem e a caminho, encontrei sua casa que estava com o portão da frente aberto. Miguel me recebeu e perguntou se não poderíamos fazer a entrevista ali mesmo em sua casa e não na chácara como fora combinado. Diante de minha resposta afirmativa convidou-me a entrar.

Em uma sala ampla com sofás e fotos da família, sentei-me e esperei até que Miguel chamasse sua esposa, que estava trabalhando em casa, para nos conhecermos. Depois de cumprimentá-la, começamos a conversar.

Desde o começo, Miguel demonstrou muita abertura e segurança em seu depoimento, fazendo com que a entrevista se desenvolvesse tranquilamente. Em dado momento, paramos a entrevista por poucos minutos para que ele atendesse a campainha, mas logo voltamos a conversar. Após a entrevista, que se estendeu por 90 minutos, conheci seu sogro que também mora em sua casa e Miguel convidou-me para conhecer o local de trabalho de sua mulher, que fica na própria residência, já que trabalha na produção de artigos domésticos. Ambos me ofereceram água e café e perguntaram se gostaria de comer alguma coisa e aceitei apenas água, despedindo-me de todos em seguida.

4.6 Antônio

Antônio tem 72 anos, nasceu em Ribeirão Preto, tem ensino superior completo, bem como a esposa atual, que trabalha como psicóloga e ele é advogado. Aos 18 anos, quando ainda estava

na faculdade, foi convidado para trabalhar em um determinado emprego e, aproveitando a oportunidade, aceitou a proposta e trabalha desde então. Sua renda mensal está acima de 10 salários mínimos.

Foi criado segundo a religião católica mas hoje considera-se em fase de "hibernação", ou seja, não se envolve com nenhuma religião. É filho único de pai e mãe falecidos que nunca se separaram, e considera a educação recebida de sua família de origem rígida e com "bastante limites".

Casou-se a primeira vez com 25 anos quando a esposa tinha 18 anos e tiveram três filhos dessa união. O relacionamento durou 23 anos, e separou-se quando os filhos tinham 20 e 18 anos, e a filha mais velha, 22. Cinco anos depois conheceu a atual esposa, quando tinha 54 anos e ela 43, e ela tinha dois filhos adolescentes de 14 e 16 anos e uma filha de 10 anos de outro casamento. Atualmente vive casado com a segunda esposa há 18 anos e não tiveram filhos dessa união.

O contato foi feito através de telefone celular e entrevista foi marcada para o dia seguinte em seu local de trabalho, em uma área nobre da cidade. Ao chegar ao local e após uma breve espera, fui chamado em sua sala, muito bem asseada e organizada. Antes de tudo, o participante perguntou sobre o tempo da entrevista, e ao responder que seria por volta de uma hora, relatou dispor na verdade de 30 a 40 minutos, pois tinha um compromisso marcado com a esposa. Direto e lacônico, a entrevista foi feita em 25 minutos, somente interrompida algumas vezes por ligações telefônicas. Terminada a entrevista, nos despedimos e me retirei do local.

4.7 Carlos

Carlos tem 34 anos, tem ensino fundamental completo e é proprietário de um estabelecimento comercial em Ribeirão Preto, vivendo com uma renda mensal que varia de um a dois salários mínimos. A esposa atual apresenta a mesma trajetória educacional e trabalha em uma empresa. Começou a trabalhar com 16 anos por decisão própria e trabalha no mesmo ramo até os dias atuais. Considera-se católico mas não exerce nenhuma atividade religiosa.

A família de origem abrange 9 irmãos: 4 homens e três mulheres, atualmente vivos, e dois irmãos falecidos. Todos os irmãos são casados, e as duas irmãs mais novas moram com a mãe e não se casaram. O pai também é falecido e a mãe mora em sua cidade natal e o casal nunca se separou.

Foi morar junto com a primeira mulher em união consensual em sua cidade natal quando tinha 21 anos e ela 18 e não se casaram. A ex-mulher conclui o ensino médio mas não trabalhava na época. Carlos foi padrasto nessa primeira relação: a mulher já havia se separado e conheceu

Carlos quando era mãe de uma filha de apenas 8 meses. Não tiveram filhos nessa relação e o casal se separou após cinco anos.

A enteada mora com a mãe biológica mas passa o dia sob os cuidados da mãe do entrevistado, de 66 anos, e além disso, a mãe dele também cuida de um segundo filho da primeira mulher, fruto de seu segundo casamento e atual marido. Os dois trabalham e por isso confiaram os cuidados da filha e do filho à mãe de Carlos, os quais atualmente se encontram com 13 e 5 anos, respectivamente.

Conheceu a segunda esposa dois anos após a separação, quando ele tinha 28 anos. Atualmente vive com a segunda esposa há seis anos, casaram-se no civil, tem uma filha de quatro anos e é padrasto de uma filha da primeira relação dessa atual esposa. A enteada tinha apenas 4 anos no começo da relação e no momento da entrevista encontrava-se com 10 anos.

O contato foi feito através do aplicativo de mensagens *Whatsapp* e a entrevista foi marcada no dia seguinte em um restaurante perto de sua residência, em um bairro afastado do centro de Ribeirão Preto. Ao chegar ao local ele me apresentou sua família, a mulher e a enteada de 11 anos, e disse estar também com a filha de 5 anos, que estava dormindo em seu carro. Muitas pessoas transitavam na rua e algumas pessoas sentavam também no restaurante com a família. Situado bem ao lado de um depósito de bebidas, o restaurante funcionava na garagem de uma casa comum: durante o dia são servidos almoços e nos fins de semana, à noite, o local também funciona como bar.

Sentamos então em uma mesa mais afastada e seguimos com a entrevista e ele mostrou-se aberto e motivado durante 36 minutos. Após o término convidou-me para sentar com sua família e tive a oportunidade de conversar com sua mulher, com o dono do restaurante e funcionários e alguns de seus conhecidos do bairro.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE

5.1 A família de origem dos pais/padrastos

Ao se investigar a família de origem dos sete entrevistados, isto é, de seus pais e irmãos, percebe-se nitidamente a divisão bem delimitada das tarefas domésticas entre os sexos, cabendo preferencialmente aos homens adultos o desempenho de trabalho remunerado e a participação na esfera pública, enquanto o domínio da mulher compreendia todos os cuidados relacionados à casa e aos filhos (FONSECA, 1987; ROMANELLI, 1997; SARTI, 1996), indicando assim que a tradicional atribuição de responsabilidades ~~que~~ era então habitual e recorrente.

Na família de João, a mãe era considerada a "rainha do lar", enquanto para Gabriel e Antônio a mãe era a "dona de casa", uma nomeação muito comum até os dias de hoje para mães que se responsabilizam somente pelos afazeres domésticos:

> *Eu era mais próximo da minha mãe, eu acho que na minha época mais ou menos a mesma coisa, que quem criava filho era a mulher (...). E a minha mãe ela assumiu as funções da casa. Entendeu? Então ela fez lá o papel dela de, de que ela era a rainha do lar, mesmo, então ela fez isso daí. Cuidava da gente, da casa. Fazia almoço, fazia janta, lavava, passava, limpava a casa inteira. Minha mãe é muito trabalhadora. Ela tem uma dinâmica... Até hoje, as coisas que ela faz, eu fico cansado só de ver. Ela tem um pique danado.* João
>
> *Minha mãe foi sempre dona de casa.* Gabriel
>
> *(...) minha mãe era dona de casa*. Antônio

Ao pai era delegado o papel de trabalhador, o provedor de recursos para a família e controlador das atividades, como apontado por Miguel. Antônio ressalta a atividade profissional do pai e acrescenta que a relação dos pais era "clássica", provavelmente referindo-se à divisão tradicional das responsabilidades domésticas. Além disso, João enfatiza o fato de o pai ter sido um "pai ausente" devido ao trabalho e outras responsabilidades:

> *Ele* [o pai] *que dava as ordens, tomava conta do financeiro, então ele ficava muito sobrecarregado e não tinha muito tempo para a família (...).* Miguel
>
> *Era eu, meu pai e minha mãe, meu pai era ferroviário, minha mãe era dona de casa, e era um relacionamento clássico dos anos 50.* Antônio
>
> *Meu pai trabalhava de dia, estudava à noite na época que eu era criança. Então não era um pai presente, era um pai meio ausente. Final de semana ele estava podre de cansaço e ainda tinha que fazer trabalho da faculdade. Então para ele era complicado.* João

José viveu situação semelhante, até que a morte do pai colocou um fim nessa dinâmica, fazendo com que sua mãe se responsabilizasse pela família em todos os aspectos, tomando para si tanto os cuidados domésticos e das crianças quanto o provimento de recursos:

> *Com meu pai eu tive pouca oportunidade de ficar com meu pai porque meu pai era caminhoneiro, as vezes ele saía com o caminhão dele a serviço e ficava trinta dias fora, as vezes quarenta dias fora, e eu perdi meu pai com sete anos, então o contato que eu tive mais e que eu tenho é com a minha mãe né, então depois que meu pai morreu e minha mãe ficou viúva com cinco filhos.*

Apesar de não ter vivido muito tempo com o pai, é notável como José recorda-se dos poucos momentos juntos com ele, que via os filhos somente de fim de semana pois durante a semana estava sempre viajando e trabalhando:

> *(...) eu tinha pouco contato com o meu pai, meu pai estava sempre trabalhando, sempre viajando, via poucos pedaços de doses dele no fim de semana, mas era muito filho, nós éramos em cinco, então eu não tenho muito... Não tenho nem muita lembrança de contatos, igual, situações com meu pai, se eu fizer um retrospecto eu não tenho… é estranho, mas é a pura realidade, e a vida da gente é tão corrida, é tão louca que a gente não para de pensar nisso né.*

Com a mãe tendo que trabalhar e também cuidar da casa e dos filhos, José conta que foi a irmã mais velha de apenas 12 anos que se responsabilizou e "ajudava a dar um suporte" nas tarefas domésticas e que incorporou as normas clássicas femininas do trabalho doméstico enquanto a mãe dedicava-se à dupla jornada de trabalho:

> *A minha mãe saía pra trabalhar e como minha irmã já tinha doze, já era mocinha (risos), como fala hoje né, ela que segurava a onda em casa, e a gente tinha os horário que a gente ia pra escola, então minha mãe saía pra trabalhar de manhã, se a gente não fosse na escola de manhã a gente ficava em casa e aí minha mãe almoçava em casa, pra poder organizar e depois, ou a gente estudava de tarde, só sei que ela chegava em casa já era seis horas da tarde, aí que ia organizar a janta, aí que ia organizar roupa, imagina, com cinco filhos, mas a minha irmã já era grandinha então ela ajudava a dar um suporte.*

A morte do pai de José provocou tal transformação na dinâmica familiar que todos os irmãos e a mãe, com a ajuda de um tio, tiveram que se adaptar à situação e trabalhar para sustentar a família e não somente os homens como também a irmã:

> *E aí os primeiros anos, esse aí* [tio] *que ajudou, ficou junto com a minha mãe para dar um suporte, porque minha mãe entendia muito de cozinha, mas não entendia essa parte de balcão, de atendimento, não sabia nada disso, aí meu tio deu um primeiro suporte pra gente, e tinha meus dois irmãos mais velhos que eu e então se eu tinha 11 eu tinha um irmão que tinha 13 e outro que tinha 14, então já eram maiorzinhos. Eu não sei quanto tempo meu tio ficou com a gente, mas até que ele sentiu que estava na hora de decolar e deixar minha mãe seguir o caminho dela, aí meus irmãos trabalharam aqui, minha irmã... Todo mundo trabalhava.*

Importante notar que muito da proximidade de José com sua mãe ocorreu devido à morte do pai na infância, o que acabou até limitando o tempo que passaram juntos:

> *Então a relação que eu tive com a minha mãe foi uma relação muito boa, foi uma relação de mamãe, super zelosa, mas que não tinha muito tempo para ficar com paparicando filho, porque não tinha muito tempo.*

Somente Pedro e Carlos relataram a situação em que ambos os pais trabalhavam e contribuíam para as despesas familiares. As mães trabalharam ao longo da infância e também eram responsáveis pelas tarefas da casa e dos cuidados com as crianças com dupla jornada de trabalho. Carlos, entretanto, expõe que tanto o pai como a mãe eram próximos e unidos e tinham, segundo ele avalia, uma relação "normal":

> *(...) minha mãe, por trabalhar fora, quando ela chegava em casa ela ficava com a gente sempre, então ela abraçava nós e ficava. É o que eu falei para você, minha mãe sempre acompanhou a gente em tarefas, em tudo. Meu pai sempre mais longe dessa parte, né.* Pedro
>
> *Meu pai trabalhava na mesma cidade, minha mãe também trabalhava (...)* Carlos

Gabriel e João descrevem um pai mais "fechado" emocionalmente, enquanto que com a mãe a relação era mais "aberta" e "tranquila":

> *Meu pai foi muito fechado, mas a gente é uma família muito unida. Só que assim, conversar era o que era necessário, negócios assim, normal, mas nós somos muito unidos.*
> [Pergunto como era a relação com a mãe]
> *Minha mãe era mais aberta.* Gabriel
>
> *Assim, a pessoa mais próxima que eu tinha era a minha mãe, né? Era uma relação tranquila, eu não acho que tinha nenhum tipo de problema. A minha mãe dava até liberdade para gente conversar e tal, não tinha*

> *restrição nenhuma. Meu pai, já, era um cara fechado. Sempre foi fechado.*
> João

Para quase todos entrevistados a relação com a mãe era mais próxima e afetuosa, enquanto o pai era qualificado como distante e fechado e as conversas com ele eram limitadas a assuntos referentes ao trabalho, o que estaria relacionado com a valorização da maternidade em detrimento da paternidade na criação dos filhos (BADINTER, 1985).

Miguel expõe claramente a divisão do trabalho que existia em sua família de origem: a relação com o pai era restrita ao trabalho enquanto que com a mãe o contato era próximo e afetuoso. Ademais, revela como a perenidade conjugal vigorava na época ao mencionar que, mesmo com a mãe sendo insatisfeita com o casamento, o "manteve até o fim":

> *Com meu pai era mais restrito, era coisa de serviço. Com a minha mãe a gente conversava, a gente chorava, o que queria e não queria pedia para ela e dava risada essas coisas, era com ela (...)*
> *Não, não separaram por conta da minha mãe né, porque ela sofreu muito com o método que ele tinha para tocar o comércio dele, as coisas dele. Sobrecarregava muito a minha casa, porque como ele mexia com vendas, todos os clientes dele, ele convidava para almoçar em casa, o cara chegava atrasado duas horas aí ela tinha que fazer tudo de novo; então ela não foi muito feliz no casamento não, mas ela manteve até o fim.*

Ainda sobre o caso de Miguel, entretanto, houve um grande desentendimento com a família quando os pais descobriram que sua namorada estava grávida. Não aceitando o que havia acontecido, o pai expulsou Miguel de casa aos 17 anos e ele teve que conquistar sua independência financeira e morar em outro lugar com a companheira e o filho:

> *Aí eu casei, mas meu pai não aceitou, não foi no casamento, ficou sem falar com a gente e tal. Aí fui morar sozinho, na época eu não tinha condições, na época o que eu ganhava era muito pouco. Aí eu precisei mudar de emprego para ver se eu ganhava um pouco mais para pagar aluguel de uma casa pequena e tudo, aí que tive que parar* [de estudar] *para ela estudar, porque os dois não dava.*

Pedro justifica a diferença de tratamento do pai e da mãe com base na nacionalidade da família do pai, que fez com que o avô e o pai fossem mais "chucros", enquanto que a mãe, brasileira, era mais carinhosa:

> *Então ele* [o avô] *era aquele* [nacionalidade], *bem chucrão mesmo. Meu pai acho que pegou essa forma dele, minha mãe não, minha mãe foi criada em* [nome da cidade], *né, e meus avós... ela teve ela mais... acho que onze*

> *irmãos, um negócio assim. Meu era ele mais seis irmãos, né, não sei. Mas em questão de carinho é muito mais pelo lado da minha mãe.*

Já Carlos, quando questionado se havia alguma diferença de tratamento por parte dos pais, deixou claro que ambos eram próximos dos filhos, divergindo, assim, dos entrevistados restantes, e enfatiza ainda que essa seria uma relação "normal":

> *Normal. Na minha família era... tudo próximo. Meu pai trabalhava na mesma cidade, minha mãe também trabalhava, e a gente era tudo unido, era junto. Todo dia estava em casa, convivência foi normal.*

Ao serem questionados sobre o processo socializador que viveram em suas famílias de origem constatou-se a importância atribuída aos valores familiares e os diferentes sentidos que o "educar" tem para os participantes, indicando o significado e a importância que a socialização familiar teve para cada um dos entrevistados.

A educação de João valorizou o trabalho e o desenvolvimento pelo mérito; para José, Pedro e Carlos, a educação que tiveram foi aquela que garantiu a honestidade e a conduta correta em suas vidas; para Gabriel, sua educação valorizou os estudos; já para Antônio, a educação foi rígida e desenvolvida com o intuito de impor limites:

> *Olha, eu acho que, assim, na época em que eu era criança, pelo menos, do jeito que a gente era educado, os pais passavam muito o comportamento que eles tinham, a relação era essa. Tinha as tábuas de valores da família e a gente tinha, a gente era instruído nelas. (...) Então, assim, pessoas que, os dois* [pai e mãe] *trabalhavam muito, a vida inteira, pessoas de valorizar muito o trabalho. Então assim, a visão deles era ganhar, ou crescer pelo mérito. Então... Essa era a tábua de valores principal deles, foi a que eles passaram pra gente. Então assim, sempre foram muito honestos, trabalhadores e tal, era o que a gente levava de princípio.* João
>
> *Mas a minha mãe, a postura dela, era uma postura boa de muita retidão. Então o exemplo dela, muito mais que a ação… Tanto que graças a deus, na minha família são todas pessoas corretas, pessoas coesas, todo mundo trabalha, ninguém nunca teve problema nenhum com a justiça nem nada… Então esse exemplo, muito mais do que palavras ou que ações, o exemplo dela sempre foi muito forte com toda a família.* José
>
> *Mas na educação de base, os dois* [pai e mãe] *sempre atuaram bem legal, meu pai e minha mãe. Tanto que nós nunca tivemos um problema nós quatro, nós que eu falo os quatro irmãos. Não tivemos problema com... com qualquer tipo de coisa alheia a uma conduta correta, não tivemos nenhum problema, os quatro. E os filhos deles também, né... nenhum*

> *momento tivemos assim nada na família que desabonasse a conduta que foi passada para a gente, né.* Pedro
>
> *Perfeito. Ensinou tudo que... graças a deus a minha família... na minha família inteira, de origem de pai/mãe, nunca teve ninguém preso, nem nada. Sempre a educação foi excelente.* Carlos
>
> *Faziam de tudo* [os pais] *pra gente estudar né, valorizavam muito o estudo.* Gabriel
>
> *Mais rígida, com bastantes limites.* Antônio

Por sua vez, ao ser questionado sobre sua educação familiar, Miguel explicitou a difícil e distante relação que teve com o pai, dizendo que o papel de mostrar "o que podia e o que não podia" foi de sua mãe.

> *Foi uma educação assim, com meu pai era difícil, porque além dele chegar cansado em casa ele gostava de tomar umas cachacinha e quando ele tomava essas cachacinha ele ficava mais estúpido e tal, então a gente evitava interagir que era pra não dar problema. Com ela a gente resolvia, sentava conversava, mostrava o que podia e o que não podia.*

Adicionalmente, João expõe um aspecto das experiências socializadoras que viveu na época em que frequentava a escola onde a figura do professor era exaltada, respeitada e muito valorizada:

> *A figura do professor era muito valorizada. A gente achava que o professor era, assim, era um sábio, era uma pessoa que você admirava, então havia um respeito muito grande pelo professor. Para você ter uma ideia, quando o professor entrava todos os alunos levantavam, ficavam todos em pé, até ele sentar, depois aí todo mundo sentava.*

No trecho seguinte é possível entender a importância do valor que o "trabalho" assumiu para João depreendido dos valores transmitidos pelo pai e pela experiência dele:

> *Mas naquela época, essa visão de quem trabalha vence era uma visão muito presente nas famílias, quase todas que cercavam a gente era mais ou menos a mesma coisa (...) Isso foi uma coisa de mérito, ele chegou numa posição muito interessante, ele ganhou de fato pelo que ele propagou a vida inteira, né? Uma pessoa muito competente, meu pai é muito competente (...).*

Depreende-se do conjunto de relatos sobre o processo socializador a importância de valores de retidão, de correção moral e da valorização do trabalho, do empenho individual e, em alguns

casos, de rigidez. Mas além de orientações explícitas transmitidas com maior frequência pela mãe, nota-se como os sujeitos deixam claro a importância da própria postura de mães e pais nas quais os sujeitos se espelhavam.

Certamente o processo socializador familiar não tem o poder de fazer dos filhos aquilo que os pais esperam e desejam; antes, é na relação entre orientações parentais e desejos dos filhos que estes vão gradativamente construindo suas identidades e definindo normas de orientações para suas vidas. Desse modo, a experiência de cada um dos sujeitos com o pai pode ser alterada quando eles próprios se tornaram pais, como será analisado adiante.

5.2 O primeiro casamento e o período anterior à separação

Apesar de todos os históricos familiares incluírem conflitos e separação cada narrativa, quando apreendida em sua especificidade e intimidade apresenta características peculiares.

A própria noção sobre a instituição "casamento" difere substancialmente entre os participantes. Alguns pais destacam, através de comparações diversas, o sentido de união e companheirismo que deve persistir na história conjugal; outros qualificam o casamento uma instituição formal e desnecessária.

João pareceu tomar como fundamento de sua resposta o fato de que duas pessoas devem viver juntas na prática, independentemente de união civil ou religiosa. Ressalta muito o companheirismo que deve existir e vigorar entre os membros do casal e, além disso, o respeito que cada um deve nutrir pelo outro. Não deixa de citar a existência de paixões individuais, porém o casamento deve ser pensado e planejado conjuntamente.

Contudo, menciona que todo esse processo é muito complexo, parecendo justificar, dessa maneira, o fato de tantos casamentos se dissolverem nos dias atuais, incluindo o dele mesmo:

> *Casamento, o importante é o companheirismo, cara. Assim, duas coisas que são importantes entre o casal, é respeito. Você quebrou o respeito de uma pessoa com a outra, ele acaba. A segunda é um plano de concessão conjunta. Você tem que ter isso. Você tem que pensar coisas em conjunto. Vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, vamos construir isso. Porque se você não tiver isso, o casamento, ele não tem sentido. Então ele tem que ter esse lado de companheirismo. É o que segura ele. O resto, cara, o resto é resto. Porque se você tem as suas paixões, isso dura pouco. Depois, você tem que ter é um parceiro do seu lado, uma parceria. Uma pessoa agradável que é um companheiro, que você conta com ele, que você tem um convívio em que você fica feliz ao estar do lado dele, seja agradável, uma companhia agradável da pessoa que te, quando você tá pra baixo te*

> *ajuda a se erguer, quando você tá em excesso te dá um toque. Casamento é um negócio muito difícil. Não é à toa que dá tanto errado.*

Divergindo de João, José e Gabriel consideraram "casamento" como uma cerimônia meramente formal e desnecessária que não acrescenta nada em suas vidas: basta viverem juntos. O primeiro destaca em seu discurso as vivências práticas como sendo o essencial, o segundo relata estar vivendo bem e que não precisa instituir formalmente a união, apesar do desejo da esposa anterior e da atual:

> *Olha, para mim, a vida eu levo com a minha esposa, eu não saberia nem te falar o que iria acrescentar eu casar ou eu não casar, pra mim, indiferente, não acrescentaria nada, minha vida não ia mudar um milímetro do que é hoje, de eu trabalhar, eu ter um relacionamento com a minha esposa, com as meninas dela, com meu filho, eu casado ou eu não casado não mudaria nada. Por isso que falo que a gente não pensa em casar porque não acrescentaria nada.* José
>
> [Pergunto o que acha sobre o casamento]
> *Hoje não casaria mais.*
> [Pergunto porque pensa assim atualmente]
> *Sei lá. As outras duas esposas que eu tive quiseram casar e eu não quis.*
> [Pergunto confirmando se fala sobre as relações após o primeiro casamento]
> *É. Eu não caso mais. Nem se minha mulher quiser, não caso. Para que? Estou vivendo bem, não acho necessário.* Gabriel

Já Pedro tenta integrar na mesma resposta os fatores religiosos e da experiência prática, dizendo não conhecer a instituição em outras religiões diferentes da católica. Fala da união entre duas pessoas como uma "sociedade", uma relação de confiança e honestidade principalmente quanto aos problemas e conflitos:

> *Ah, a união em si, não conheço as outras religiões, não tenho nem ideia, tá. Eu acho que uma união é uma... é uma sociedade, tem que ter confiança no sócio, né. Se montar uma sociedade comigo, se eu começar com uma bala aqui... nanana... entendeu, então é uma relação de... sociedade mesmo, (...) dessa forma. Tem que ser honesto, tem que ser... fiel, tal. Deu algum problema, começou a dar algum probleminha já vai sendo e pontua, entendeu?*

De forma similar, Miguel expõe que após a experiência do primeiro casamento entendeu que a família deve funcionar como uma "firma", que devem se esforçar para manter essa "firma" funcionando.

> *Quando eu vim pro segundo casamento, você já vem com a bagagem do primeiro, então assim, então você tenta errar menos, porque você tem essa experiência, mas no final é uma luta dos dois juntos pra tocar uma família, é quase como tocar uma firma, são duas pessoas que se propõe a tocar uma família, e fazer de tudo pra manter.*

Antônio deixa de lado os fatores civis e religiosos quando fala sobre o casamento e salienta certa necessidade de as pessoas encontrarem alguém para viver juntos e que possam ter filhos. A fala sobre esse aspecto faz lembrar Antônio das decisões tomadas independentemente pelos filhos quanto à dimensão religiosa em seus respectivos casamentos:

> *Eu acho importante. Eu não sei sobre definição civil ou religiosa do casamento, mas é muito importante que as pessoas encontrem uma pessoa com quem eles possam viver, procriar, isso é muito importante que isso tenha. Agora... por exemplo, meus três filhos, a menina casou na Igreja Católica, o menino na Igreja Católica Anglicana, e o outro em nenhuma igreja. Eu nunca dei uma opinião sobre isso não, a decisão foi deles.*

"Não digo que o casamento deu errado, porque eu fiquei casado vinte anos". Ao mencionar os 20 anos de casado, João parece dizer que muito de seu casamento foi positivo. Porém, ao longo do tempo, sua relação com os filhos e a ex-mulher foi se deteriorando e desgastando sobretudo em função da condição de ser o responsável pela correção moral e disciplinar dos filhos:

> *Então ele era um menino difícil de lidar. Entendeu? Então isso põe o... Porque era, assim, ele queria ir numa festa, ele ia falava pra mãe dele, aí ela falava assim "Fala com o seu pai", (...) porque eu tinha, eu que fazer o papel de falar não, entendeu? Então sobrava muito pra mim os atritos. Olha, eu o carrasco e a* [mãe] *permeável, era assim que era, eu era o cara que dava bronca. Então, eu sempre tinha que dar bronca. Ficou assim, tem o mais bravo e o mais manso, né? A mãe era a mais mansa, então... O pai era o mais bravo, então eu era um pai meio chato, meio rigoroso. Eu sempre cobrei muito dos meninos, assim, a...*
> [Pergunto sobre a cobrança]
> *Cobrei num sentido de desempenho bom na escola, comprei, cobrei em comportamentos dentro de casa, cobrei em atitudes de família, pra gente trabalhar sempre em grupo. Cobrei nesse sentido.*

O ambiente familiar nos momentos finais do casamento se resumia a uma forma de convivência desagradável, infeliz e de constante conflito e João menciona que chegou até a entrar em depressão. Interessante notar como é exatamente no campo tradicionalmente masculino do ambiente de trabalho que João consegue suportar sua angústia. E assim deixa bem claro que a difícil convivência com os filhos e a responsabilidade a ele atribuída pela família foram a base da

separação e o "recomeço" de sua vida. Além disso discorre sobre a dificuldade da ex-mulher em assumir também a posição de correção disciplinar, o que remete aos limites tradicionalmente impostos sobre a divisão sexual do trabalho doméstico:

> *Foi uma época muito complicada. Mas eu estava numa depressão (...). Não tinha mais condição de carregar o casamento. Não tinha alegria de estar em casa. Eu ia pra minha casa e era um castigo, preferia ficar trabalhando. Eu trabalhava o máximo que eu podia, aqui. Às vezes saía daqui nove horas da noite. Porque eu chegava em casa, era só atrito. O ambiente ficou muito desarmonizado, era só briga e, assim, chegava em casa e o que era? Era só reclamação dos filhos. Porque um não fez isso, porque outro não fez aquilo, porque outro não fez aquilo outro. Então era, era problema o tempo todo. Esse foi um braço pesado na separação. Então, grande parte da minha separação, (...) foi motivada, sim, em parte, por essas relações conflituosas que eu tinha com os meus filhos, e pela grande dificuldade que a* [mãe] *tinha em assumir um papel um pouco mais de centro, de ela assumir a responsabilidade.*

Também para Carlos a primeira relação e seus desdobramentos foram muito característicos, pois a ex-mulher já havia se separado anteriormente e assim acabou sendo padrasto de uma criança que contava então apenas oito meses e não tiveram filhos juntos:

> *E ela já tinha uma filha na época.*
> [Pergunto se a ex-mulher tinha uma filha de um outro casamento]
> *De um outro casamento. Ela já tinha uma filha de 8 meses, quando eu fui morar junto com ela. Ela já tinha separado do primeiro marido*
> [Pergunto se foi padrasto no primeiro casamento]
> *Já, no primeiro casamento.*

Pedro e Carlos descrevem a relação entre os membros da primeira família como "normal", mas supõe-se que esse "normal" para Pedro inclui proximidade e afeição enquanto que para Carlos significa ser calmo e pacífico.

> *Ah o relacionamento era normal. Não teve... assim, o que eu acho normal é igual aquele que eu tive como base. Família, a gente conversava bastante, tanto como conversamos também.* Pedro

> *Ah... acho que normal. Eu nunca fui um cara agressivo, nem nada, eu sou um cara de boa.* Carlos

No que se refere à separação, Pedro destaca o fato de ter se casado imaturo e a restrição a sua liberdade como os motivos centrais para o fim do casamento. Além do mais, Pedro é o único entrevistado que deixa claro ter conhecido a segunda esposa enquanto ainda vivia o primeiro

casamento, justificando-se a partir do desgaste da relação conjugal, pelo sentimento de fragilidade em que se encontrava e novamente pela limitação de sua liberdade individual:

> *Ah, eu acho que desgastou bastante, aquilo que eu falei para você no início, você lembra? Que eu não tive oportunidade de desfrutar... é.... mais de... eu... começar a poder ter... porque meu pai, quando eu era "molecão", ele nunca me dava carro para eu sair, meus amigos tudo pegavam o carro do pai e vazava. E eu tinha que chorar, entende, pelejar... de vez em quando ele me emprestava o carro para eu sair. Aí quando eu tive oportunidade, eu não tive... eu já estava... em um relacionamento sério, casando, tal, tal. Não sei se foi por esse motivo, mas eu acabei conhecendo a* [atual esposa].... *não sei se por uma fragilidade que eu estava... entendeu. E nós fomos conversando, pá, pá, pá, aí.... (...) Foi por uma necessidade porque... já não estava mais um relacionamento legal, né. Não sei porque por qual motivo, mas aconteceu o relacionamento com a* [atual esposa]... *assim o contato, a convivência constante, o desgaste... entendeu, então acabou acontecendo. E para não dar maiores problemas... e ela também começou a pegar no meu pé. Eu sempre prezei a minha liberdade, sempre, isso daí é sagrado (...)*

Para Carlos, o principal motivo da separação, além do desgaste do relacionamento e do distanciamento conjugal, foi a necessidade de desenvolvimento pessoal, já que se considerava muito novo na época:

> *Devido eu trabalhar* [na empresa], *eu comecei a viajar demais. Aí o relacionamento não deu certo. Aí eu cheguei um dia e falei "eu vou embora para* [nome da cidade] *e... acho que não vai dar certo, se você me esperar, um dia eu volto", e sei lá, foi assim. E já estava também desgastado, sabe. Aí separamos. Aí eu morei em* [nome da cidade], *dois anos, aí no terceiro ano eu vim para cá, porque eu tenho uma irmã que mora aqui, mais velha.*
> [Pergunto se a separação ocorreu por causa do distanciamento]
> *Isso, foi mais pelo distanciamento (...) mas eu era muito novo... e eu tinha que crescer, por isso que... eu saí sem pensar.*

Gabriel fala com clareza sobre a relação harmônica e afetiva com os filhos, mas descreve a relação distante e indiferente em relação à ex-mulher:

> *Sempre muito aberta* [a relação], *brincava muito. Sentava, chegava, deitava na cama, ficava conversando. Sempre fomos assim. Sempre próximos, muito íntimos.*
> [Pergunto da relação da ex-mulher com os filhos]
> *Ótima. (...) Foi uma senhora mãe (...) Minha mulher não tinha nada a ver comigo, não compartilhava nada, não saia comigo. Ela não mistura, não tinha amizade, não tinha nada.*

Gabriel esclarece que diferenças na participação de cada um para o orçamento doméstico contribuíram para a separação conjugal, além da avalição distinta sobre estudo e pelo fato de sua mulher ter ensino superior. Em contraposição às constantes exigências desta para Gabriel voltar para a faculdade, estudar mais e se especializar, ele declara nunca ter gostado de estudar e acrescenta ter se arrependido por "ter perdido aquele tempo estudando":

> *A gente era completamente diferente um do outro. A separação foi difícil, foi difícil para mim. Só que ela tem um gênio fortíssimo e quando ela estava estudando e eu mantinha a casa, eu a mantinha para ela formar, estava tudo bem. Depois que ela cresceu, aí subia na cabeça "eu cresci e porque você não, porque ficou parado?", mas eu não tinha mais condições. Aí começou as divergências. Brigaiada porque você tem que estudar e voltar a trabalhar... Mas não é o que eu quero e acabou. Daí não deu certo mais. Ela achava que eu parei no tempo, que eu tinha que crescer junto com ela, que ela cresceu e lutou e que eu tinha que estudar mais, voltar para faculdade, fazer outro curso. Mas eu não quero, nunca gostei de estudar. Formei parece que obrigado e ainda me arrependi de ter perdido aquele tempo estudando porque eu não fiz nada.*

Antônio se limita a revelar, de maneira simples e direta, que vivia relações muito boas com a ex-mulher e os filhos, o que se estenderia até os dias de hoje sem maiores problemas apesar de todo o processo de separação ocorrido:

> *Muito boa. Nós tínhamos uma relação... temos até hoje uma relação muito boa. Não vejo nenhum problema com os filhos não.*

Sucintamente, Antônio coloca que desentendimentos e aspirações individuais entraram em confronto promovendo a deterioração da relação conjugal e foram responsáveis pela separação. Ao recapitular esse momento de seu passado, uma interrogação acabou surgindo e ele revela o desejo de entender melhor e ressignificar, no presente, essa experiência que se deu há tantos anos atrás:

> *Posso. Eu... desentendimentos, crises individuais, certo. Que... eu não consigo entender muito bem não, mas eu acho que foi uma crise individual. Talvez vale a pena, um dia, eu conversar com ela sobre isso.*
> [Pergunto se o lado pessoal começou a valer mais que o casamento]
> *Provavelmente.*

A postura de Antônio coloca claramente como aspirações e desejos de cada um entram em colisão e que ele fez uma escolha individualizada, o que permite aproximar suas motivações para o fim do relacionamento da análise de Giddens (1993) sobre o amor confluente. Para esse autor,

os casais mantêm o vínculo conjugal enquanto cada um estiver satisfeito com o relacionamento e que este termina quando aspirações não são mais conciliáveis.

Divergindo das falas dos sujeitos anteriores, Miguel refere-se vagamente aos momentos finais da relação conjugal e sobre os motivos da separação, demonstrando talvez a dificuldade que isso representa para ele. Ressaltou mais o processo jurídico da separação, que começou com um pedido formal de divórcio da ex-mulher, seguiu com uma tentativa de recomeçar a relação e terminou com o pedido final de Miguel:

> *Eu acho que aquelas fases de altos e baixos do relacionamento, aí a gente passou por um período desse, aí ela quis separar. Na época eu não queria, eu falava "você vai querer desmanchar um casamento com filho com tudo, só porque a gente não está achando um jeito"? Aí acabamos separando, eu não queria aceitar, mas tive que aceitar, aí teve advogado, juiz e tal, eu tive que sair da casa, isso foi o maior choque, porque você está acostumado a acordar na sua casa com seus filhos e de repente você tem que sair, muito ruim. Tanto que depois eu procurei ela e a gente voltou de novo, mas foi pouco tempo, a gente ficou uns seis meses juntos, aí a minha ficha caiu, aí eu percebi que realmente o relacionamento tinha terminado, aí fui embora de novo. Aí depois que eu saí ela que entrou em depressão e desespero querendo voltar. Mas aí eu tinha enxergado a situação, mesmo se a gente voltasse a gente não ia ficar bem.*

Ao falar da relação com os filhos, Miguel é pontual e sintético ao dizer que a "relação era boa". No entanto, ao falar sobre a ex-mulher, relata tanto os aspectos positivos, como a educação que ela passou aos filhos, quanto os negativos, por ela ser "um pouco nervosa" e "um pouco explosiva, e apresenta uma possível explicação para os últimos:

> *Pra parte de educação e tudo ela* [a mulher] *foi boa, ela só tinha pavio um pouco curto. Ela era uma pessoa um pouco nervosa, um pouco explosiva, o pai dela era meio assim né, muito mandão, muito autoritário e ela tinha um pouco disso. Mas num geral acabou dando uma educação boa para os filhos, todos eles estudaram, formaram, tiveram um parâmetro bom mesmo com as turbulências da separação e tudo eles continuaram nos cursos deles.*

José, por sua vez, viveu uma dinâmica muito diferente dos demais, pois sua relação com a primeira mulher foi breve, desprovida de muita afetividade. Foi a notícia da gravidez inesperada e o desejo do casamento por parte dela que fizeram com que José efetivasse a separação, o que para ele seria consequência natural da insatisfação individual. Segundo ele, ambos não tiveram muitos problemas no processo de separação porque eram adultos e conseguiram conversar, assim a separação se deu sem maiores conflitos e entraves:

> *Olha, essa primeira união eu não posso nem falar que era uma união, era uma pessoa que eu via, ainda mais eu solteiro, eu via ela… não via ela sempre, via ela uma vez por semana… A gente teve um breve relacionamento.(...) Foi uma situação meio chata porque depois que ela engravidou ela achou que a gente ia casa, e eu não ia casar… Eu não tinha um vínculo afetivo com ela pra falar que eu ia casar com ela, e eu achei que não era a situação… eu falo, o fato dela ter engravidado, uma obrigação por ela tá grávida (...) A gente não tinha planejado ela ter engravidado, lógico, foi um acidente de percurso né, e eu falo em relação à situação chata que depois que ela engravidou lógico, eu passei a dar mais atenção pra ela por ela tá gravida, e acho que ela confundiu essa situação da gravidez com casamento e aí chegou um ponto que eu tive que abrir o jogo com ela e falei: "o fato de você estar gravida não quer dizer que a gente vá ficar junto, eu vou ficar junto com você pra te dar assistência porque você tá gravida, mas eu não tenho intenção nenhuma em casar, em ter um relacionamento estável com você.*

É interessante notar como cada relação terminou a partir da insatisfação das partes, demonstrando, como em outras pesquisas sobre o tema, que aquela antiga representação tradicional de que o casamento é indissolúvel cedeu espaço para uma nova forma de conjugalidade caracterizada pela fragilidade do vínculo conjugal, mantido apenas se construído a partir da concepção de que todos os membros possam conviver em harmonia (FURSTENBERG, 1987; GIDDENS, 1993; SEGALEN, 1999; FÉRES-CARNEIRO, 2003, 2004; MARANGONI & BDINE JUNIOR 2011).

Chama a atenção também o fato de que foram os homens a dar início ao processo de divórcio, exceto Gabriel e Antônio. Tal postura masculina parece ir na contramão de outras pesquisas que apontam que o pedido de separação é proposto pelas mulheres (FÉRES-CARNEIRO, 2003). Ainda, segundo Giddens (1993) analisa, devido à socialização de gênero as mulheres têm maior facilidade em lidar com relacionamentos afetivos e consequentemente maior possibilidade de entrar com um pedido de separação.

5.3 Divisão sexual do trabalho na primeira união

Sobre a divisão das atividades domésticas e o provimento de recursos para a família, é pertinente observar a diferença em relação às famílias de origem dos entrevistados. Não obstante terem vivido o período de socialização em famílias que apresentavam traços mais tradicionais, a quase totalidade dos entrevistados acabou relatando experiências familiares mais inovadoras referentes a concepções da divisão sexual do trabalho, maternidade e paternidade. Tal

diferenciação pode ser creditada em boa parte ao ingresso maciço e em novos moldes da posição da mulher no mercado de trabalho.

O aumento da escolarização feminina, documentado em várias pesquisas (CARVALLHO & RABAY, 2015; CARVALHO, LOGES & SENKEVICS, 2016; ITABORAÍ, 2017; ROMANELLI, 1986; VAITSMAN, 1994), alterou a posição da mulher dos estratos médios no mercado de trabalho, na família, na relação com marido e com filhos, conferindo a ela maior autonomia e independência e contribuiu para alterar as relações de gênero, embora elas ainda continuem assimétricas.

Se o aumento da escolarização feminina incidiu mais intensamente sobre mulheres dos estratos médios também não deixou de produzir efeitos positivos sobre o segmento feminino da população de baixa renda como pode ser documentado nos trabalhos de Piotto (2008), Portes, (2011), Viana (2012), e Zago (2011).

O ponto comum nos relatos de João, Gabriel, Miguel e Antônio foi a flexibilização significativa no desempenho das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos, pois as ex-mulheres estavam no mercado de trabalho, o que levou os maridos a assumirem maior participação nas atribuições domésticas.

Miguel, além de pontuar a divisão mais igualitária em relação ao cuidado com os filhos, revela também que a avó das crianças participava da criação dos netos. Gabriel particularmente contou ter sido mais ativo no cuidado com os filhos devido ao horário de trabalho da ex-mulher já que suas atividades eram mais flexíveis, e João, apesar de trabalhar tanto quanto a ex-mulher, alternava o horário de trabalho com ela para que um dos dois cuidasse dos filhos em casa.

Antônio, mesmo relatando que nos dois primeiros anos os cuidados dos filhos foram de sua responsabilidade devido ao trabalho da ex-esposa, esclarece que as tarefas domésticas eram bem compartilhadas.

> *Os dois primeiros anos, era... praticamente foi mais eu porque ela fazia residência, certo? Ela... nós nos casamos em 71, eu me formei em 70, e o nosso último filho nasceu em 75, quando ela se formou. Então... era uma divisão bem grande de trabalho.*

A mesma postura de Antônio é explicitada por João, Miguel e Gabriel:

> *Era compartilhado, eu e a* [ex-esposa]. *E no começo, quando eles eram pequenininhos, teve uma época em que eu até cuidava mais, porque eu fazia pós-graduação. (...) Até essa fase aí eu era mais em casa do que a [esposa], depois inverteu, é. Aí ficou mais ela do que eu. Então acho que eles tiveram uma mistureba (...).* João

> *Olha, ela* [ex-esposa] *e eu, bem dividido, no início só eu trabalhava, mas depois ela começou, a gente deixava durante o dia com a mãe da* [ex-mulher] *e a noite ficava com a gente.* Miguel

> *Eu tomava mais conta que ela* [ex-esposa], *porque eu acordava de manhã, fazia café, levava na escola, todo dia. Ela buscava da escola porque eu estava na fazenda, ia trabalhar e não voltava em casa. Aí de tarde voltava mais cedo para casa porque ela trabalhava até às 7, 8 horas da noite. A hora que ela chegava eu já tinha dado banho nos meninos, arrumado tudo*. Gabriel

Com o nascimento das filhas, a ex-mulher de Pedro deixou o emprego e dedicou-se integralmente aos cuidados da casa e das crianças, relegando o papel de provedor para o marido, indicando uma divisão mais tradicional do trabalho doméstico. No depoimento de Pedro está implícito o que a maternagem representa para ele:

> *Ela* [ex-esposa] *começou a trabalhar como professora de uma creche lá, lá mesmo. (...) Depois... assim, oh... depois que nasceu as meninas... e nós mudamos para* [cidade da região], *isso em 91, ela não trabalhou mais. Não trabalhou mais. Porque era uma cidade grande, ia deixar com quem? Lá é complicadíssimo. Como também com as minhas meninas, a ex-mulher que cuidava, parte de limpeza, tudo, olhava, dava comida. Eu não sei se é... obrigação da mulher, de maneira nenhuma, mas é uma coisa que mulher faz com mais maestria, cuidar de filhos, elas fazem com grande, nossa, maestria. Cuidar na essência da palavra, né, cuidar, trocar fralda, dar mamadeira, comida, coisa que tem que dar de remédio, os horários... mulher tira de letra.*

A divisão tradicional entre os sexos também pode ser observada na família de Carlos. No entanto, diferentemente de Pedro, a ex-mulher de Carlos foi "dona de casa" desde o começo da relação:

> [Pergunto qual era a ocupação da esposa]
> *Quando eu morava com ela?*
> [Respondo afirmativamente]
> *Dona de casa, ela não fazia nada.*
> [Pergunto se a ex-esposa cuidava mais dos filhos e da casa]
> *Isso.*

Levando em consideração tais relatos, é plausível compará-los com outras pesquisas que constataram alterações nas relações de gênero e no exercício da paternidade. Os pais entrevistados declararam participar dos cuidados domésticos e das crianças, interagindo direta e afetivamente na vida destas. Entretanto, é importante frisar que também pode-se constatar casos em que pode

ser identificada a hegemonia de modelos mais tradicionais (FREITAS ET AL. 2009), nos quais a valorização da maternidade na criação dos filhos prevalece e as mães foram as maiores responsáveis pela casa e pelos filhos.

5.4 O período pós-separação

Pelo exame do relato dos participantes é possível apreender a dificuldade e os sentimentos de tristeza e abandono logo após a separação dotados de significados diversos.

João não hesita em falar sobre a vontade que teve de "não viver" e o luto afetivo que adveio da separação, revelando angústia muito grande e perda de muitos de seus referenciais. Segundo ele, a separação conjugal significou reconstrução, e foi exatamente o investimento em sua própria vida que impulsionou sua reconstrução pessoal e levou-o a encontrar uma saída:

> [Pergunto sobre o que acha do ato de separação]
> *Eu comecei a tentar reconstruir a minha vida. A minha ideia era de reconstrução. Eu acho que eu tive que fazer o que eu tive que fazer, eu estava numa situação meio sem... saída, cara. Se eu não tivesse feito o que eu tinha feito eu teria pulado de um prédio. É o que eu teria resolvido fazer. (...) Estava muito* [difícil]. *Eu não tinha vontade nenhuma de viver. Então foi a saída que eu dei que eu precisava pra mim. Chegou uma hora que eu falei "Eu vou investir em mim. Eu estou quase com cinquenta anos, preciso investir em mim." Foi o que eu fiz. Eu acho que eu tinha fôlego pra reconstrução. Se fosse hoje, com mais de cinquenta, não sei se eu teria força pra fazer isso. Porque... Foram quatro, cinco anos que eu passei em reconstrução, entendeu? Porque você perde o que você tinha. Perde o teu referencial afetivo, perde a construção familiar que você fez, perde patrimônio. Perde tudo. Então você precisa de um "gap" aí pra reconstruir. Não é tão fácil quanto parece, não.*

Gabriel, assim como João, relata uma época árdua, desmotivada e deprimida, principalmente em relação aos filhos que se afastaram depois do divórcio, mas relata essas dificuldades dando a elas uma dimensão profundamente afetiva:

> *É difícil. Demais. Acho que foi a pior fase da minha vida. Entrei numa depressão violenta, fui morar com meu pai na fazenda, com a minha mãe... Fiquei um ano e meio lá sem trabalhar, sem fazer nada, não vinha nem na cidade. Não foi fácil ficar longe dos filhos...A gente era muito ligados, meus filhos e eu, eles não me largavam.*

Carlos também menciona preocupação que teve com a enteada a partir da separação e que sofreu somente por ela, mas não diz mais nada sobre qualquer outro problema ou sofrimento

pessoal, dando a entender que lidou bem com a situação à medida que o tempo foi passando, do mesmo modo que Silva (2003) encontrou em seu trabalho:

> *Ah, eu sofri um pouco por causa da menina, que eu gostava muito dela, da criança. Mas foi indo, foi indo, foi passando, eu vi que... eu tinha que correr a minha vida e... foi passando mais, até hoje eu falo com ela, a gente vai amadurecendo, né, vai vendo que a vida não é tudo que a gente quer. Entendeu?*

A fala de Carlos é bastante sugestiva porque ele fala como padrasto e não como pai, ao explicitar o sofrimento causado pelo distanciamento e mesmo de perda da relação com a enteada. Pode-se supor e sugerir, embora não haja fundamentos na fala de Carlos para assegurar essa suposição, que talvez pense assim por não ter tido filhos em sua primeira união. De qualquer modo, sua postura revela o envolvimento criado com a enteada e que foi certamente sendo construído na relação com ela ao longo da convivência familiar. Tal sentimento do padrasto em relação aos enteados foi igualmente documento nos trabalhos de Fonseca (2002), Atalaia (2010), Watarai (2010), Warpechowsky e Mosmann (2012), e Saraiva (2013).

No entanto, quando interrogado sobre o que acha do ato de se separar, novamente coloca o sofrimento das crianças em primeiro plano e diz saber hoje em dia que não são somente os pais que sofrem com o processo de separação.

> *Depende. Hoje, que eu sou casado, eu acho que tem que ter uma conversa maior, porque envolve a família, crianças, essas coisas. Não vai sofrer só eu e minha esposa, né. Tem outra coisa em jogo. Agora, antigamente, não, sobre a minha primeira esposa, envolvia a criança, mas eu era muito novo... e eu tinha que crescer, por isso que... eu saí sem pensar. Hoje em dia é totalmente diferente, a gente tem uma vida juntos... e é muito boa, a gente está a oito anos juntos, e tem muita coisa envolvendo, né, as crianças, e tudo. Eu penso assim.*

E a fala acima leva a supor um processo de amadurecimento de Carlos face à separação já que ele pondera que o rompimento do vínculo conjugal não afeta apenas o casal mas incide sobre os filhos de modo intenso e doloroso.

Sobre o ato de separar, Pedro expõe que a separação é necessária quando uma relação harmônica não existe mais e principalmente para não evitar danos emocionais para os filhos, como ele relata:

> *Volto a falar aquela lá que eu falei para você. Sendo uma sociedade, se não tiver mais harmonia, tem que... para evitar problemas mais sérios para os filhos. (...) Porque... ia atrapalhar muito a evolução das crianças,*

> *entendeu? Vendo brigas constantemente, essas coisas, ia acabar atrapalhando elas. Então, eu acho que começou a dar problema...*

No entanto, Pedro descreve o sentimento dominante nos momentos da separação: "(...) eu cheguei, expliquei, nossa... aí... parecia que desabou o mundo", relatando também que sentiu as pressões jurídicas da ex-mulher como ataques pessoais diretos, já que esta não aceitou a separação:

> *Então, não ficou bom não porque ela* [ex-esposa) *não aceitou muito a separação. Mais para frente ela descobriu que eu estava tendo um relacionamento com a* [atual esposa], *vixe aí que não aceitou mesmo. Ela começou a tentar me atingir com outras coisas, a ficar pedindo pensão, revisão de pensão, toda hora advogado.*

Pedro explicita que o término de uma relação não mais satisfatória desencadeia inúmeros problemas que não dizem respeito apenas aos sentimentos dele, mas que os sentimentos de perda sentidos pela ex-esposa criam novos conflitos.

Miguel, por sua vez, refere-se à dificuldade de lidar com a discordância da ex-mulher quanto à separação e aos conflitos jurídicos que se sucederam:

> *Eu acho que aquelas fases de altos e baixos do relacionamento, aí a gente passou por um período desse, aí ela quis separar. Na época eu não queria, eu falava "você vai querer desmanchar um casamento com filho com tudo, só porque a gente não tá achando um jeito"? Aí acabamos separando, eu não queria aceitar, mas tive que aceitar, aí teve advogado, juiz e tal, eu tive que sair da casa, isso foi o maior choque, porque você tá na acostumado de acordar na sua casa com seus filhos de repente você tem que sair, muito ruim Tanto que depois eu procurei ela e a gente voltou de novo, mas foi pouco tempo, a gente ficou uns seis meses juntos, aí a minha ficha caiu, aí eu percebi que realmente o relacionamento tinha terminado, aí fui embora de novo. Aí depois que eu saí ela que entrou em depressão e desespero querendo voltar. Mas aí eu tinha enxergado a situação, mesmo se a gente voltasse a gente não ia ficar bem.*

Miguel retoma a imagem da "firma", termo utilizado por ele para qualificar o casamento, também ressalta que a separação é necessária quando o casal perde a "sintonia", fazendo com que surjam os mais variados problemas. Termina justificando sua postura porque o casamento envolve duas pessoas muito diferentes:

> *É como eu falei pra você, uma casa é quase como uma firma né, quanto mais os dois se sintonizam mais você consegue as coisas na família, quando sai perdendo a sintonia vai aparecendo os problemas, porque sempre aparece as turbulências, uma coisa ou outra, uma hora é dinheiro, outra é filho, mas a gente vem tentando tocar. A gente também tem os altos*

> *e baixos porque são duas pessoas diferentes né, não é sempre que você vai tá certinho um com o outro.*

Já Antônio frisa o silêncio e o isolamento experimentados com o divórcio. Parece não ter contado com amigos ou familiares nessa situação, fechando-se sobre si mesmo e sofrendo calado, demonstrando, dessa maneira, dificuldades em compartilhar com outras pessoas as dores e adversidades que viveu.

> *Eu me mantive na nossa casa. É... me mantive quieto.*
> [Quieto?]
> *Total. Isolado. Trabalhava, ia para casa, e ficava na minha casa...*
> [Sofreu?]
> *Muito, muito... muito sofrido, muito sofrido. Não tenha dúvida, uma separação é muito sofrida.*

Interrogado sobre o que acha sobre o processo de separação, enunciou, assim como Gabriel e Carlos, o sofrimento dos filhos independentemente da idade deles na época, além da carga de sofrimento pessoal:

> *Muito ruim... muito ruim. A separação é ruim, embora meus filhos fossem de adolescentes a adultos, os filhos sofrem muito, né. E eu sofri muito com a separação.*

Muito discrepante dos outros entrevistados, José mencionou não ter tido problema algum com a separação. Disse, entretanto, que o ato de se separar é uma decisão estritamente pessoal:

> *Não tive dificuldade nenhuma porque a gente conversou, a gente era adulto. (...) porque eu sabia o que eu queria, e eu não queria casar com ela né. E eu pensei na minha obrigação de pai, não na minha obrigação de marido, obrigação de marido eu não tinha nenhuma.*

Féres-Carneiro (2003) e Schabbel (2005) ressaltam que o processo de separação é complexo e multifacetado e ocorre de maneiras características levando-se em conta a família e o indivíduo em questão, o que pode ser observado nos relatos acima. Entretanto, para todos os pais entrevistados a separação não se desenrolou sem que passassem por períodos muito difíceis de dor e isolamento, incluindo até distúrbios emocionais, como também constataram Soares (2012), Bottoli (2010) e Silva (2003).

Se nenhum dos sujeitos sofreu distúrbios graves e prolongados, todos sentiram os efeitos negativos emocionais da separação de diferentes modos. Gabriel, Carlos, Pedro e Antônio expressaram dificuldades emocionais relacionadas ao afastamento e preocupação com os filhos;

Miguel e Pedro mencionaram a fase turbulenta e o estresse gerado a partir dos conflitos judiciais que se sucederam após o divórcio, sendo que Miguel expressa, aparentemente, menos sofrimento.

O pai que mais se afasta desses relatos é José que, além de separar-se quando a filha não havia nascido, disse que não houve nenhuma dificuldade sequer em relação à ex-mulher pelo fato de conversar efetivamente e assim contornar qualquer problema eventual.

Sentimentos de perda, quer sejam claramente explicitados ou evitados, remetem mais ao distanciamento dos filhos do que em relação à ruptura com a ex-esposa, cabendo lembrar o sentimento de perda que Carlos sentiu face ao distanciamento da enteada.

5.5 Os relacionamentos após a separação

O período após a separação é marcado por relações atravessadas por sentimentos intensos e conflitantes entre os pais e seus filhos, suas ex-esposas, seus parentes e os delas, bem como afeta os relacionamentos com amigos do ex-casal.

Os pais pensam e procuram descrever os sentimentos dos filhos diante da separação de diferentes modos. Trata-se, portanto, da interpretação atual que os pais fazem dos sentimentos dos filhos acerca de situações vividas no passado. Além de serem interpretações elas remetem a aquilo que os pais supõem que os filhos viveram. Todavia, sentimentos nem sempre são explicitados e no caso dos filhos eles vivenciaram experiências que às vezes são dificilmente exprimíveis como analisado por Dias (1999).

Quando se trata dos filhos, em alguns casos os pais referem-se a formas de pressão das ex-esposas e de familiares dela procurando colocar os filhos contra eles, o que indica uma postura que pode ser aproximada da alienação parental documentada por Lago e Bandeira (2009).

João disse que os filhos suportaram e superaram o divórcio sem muitos problemas e outros pais comentaram o sofrimento dos filhos ou até abandono deles por um período de tempo, devido à manipulação das crianças por parte da ex-esposa e de sua parentela.

João conta que conversou com os filhos, que tinham 16 e 20 anos na época da separação e eles entenderam a situação e o apoiaram na decisão, apesar de ter sido uma época complicada para todos. Embora um deles fosse adolescente, a idade e o gênero dos filhos, ambos homens, é um dado relevante a ser considerado, já que os sentimentos filiais são distintos de acordo com idade, gênero e da relação que cada um deles tinha com o pai e mãe.

Entretanto, em relação a sua família de origem, houve distanciamentos e rompimentos de vínculos com parentes que não aceitaram bem a separação e ficaram ao lado da ex-esposa, seja

pela amizade que tinham com ela ou por serem conservadores quanto ao casamento, dizendo que ficou afastado, isolado de parte da família:

> *O mais novo tinha dezesseis, e o mais velho estava com... dezenove, pra fazer vinte, né? Três anos e meio de diferença. O, os dois reagiram bem. Eu expliquei porque e, lógico, foi um ano de tristeza pra todo mundo, porque uma família, nunca é fácil. Mas eles me deram apoio. Eles não foram pessoas que me cruc... que me julgaram e tal. Eu não tive esse julgamento por parte dos meus filhos, não.* (...) *Eu não tive esse julgamento por parte dos meus filhos, não, mas por parte da minha família... Indiretamente pelo meu pai... Minha mãe não gostava muito da minha ex-mulher então pra ela foi até bom. Minha mãe não se dava bem com a minha ex-mulher, tinha um certo grau de atrito. Então pra ela acho até que foi bom. Meu pai gostava muito da* [ex-esposa]. *Então ele, ele... É uma pessoa muito conservadora, como eu falei pra você, então ele não gostou nem um pouco disso e... Ficou distante... Meu pai é muito fech... reservado. A minha irmã era muito amiga da* [ex-mulher]. *(...) Eu fiquei meio isoladão. Estou meio isolado. Tanto que no momento eu sou mais bem tratado pela família da* [atual esposa] *do que pelas pessoas da minha própria família (...).*

A argumentação de João é relevante porque indica que a separação do casal não implica apenas no rompimento da díade conjugal, nem desta com os filhos, mas envolve também a parentela do casal, de marido e esposa, que reage de diferentes modos. Tal consideração é relevante e permite retomar as considerações de Lévi-Strauss (1986) que considera o casamento, e a união consensual, como vínculo que não une apenas o par conjugal, mas cria relações com a parentela de ambos. E, consequentemente, a separação tem efeitos sobre a parentela que pode romper, ou não romper integralmente o vínculo com aquele que se afasta dos parentes criados pelo casamento.

No que se refere aos vínculos com familiares da ex-esposa, João relatou rompimento total, a não ser pelo contato deles com seus filhos. Menciona ainda que o último contato com os familiares da ex-esposa acabou gerando um grande desentendimento. Quanto ao vínculo do ex-marido da atual esposa, João diz que também o rompimento foi total:

> *O que ficou ruim foi o meu relacionamento com a minha ex-mulher, esse azedou de vez.*
> [Pergunto se nunca mais se viram]
> *Não, nunca mais. A última vez que eu vi a minha ex-mulher para conversar com ela, foi quando eu assinei o documento do divórcio, que demorou quase um ano pra sair o papel. Porque teve que dividir patrimônio, uma série de coisas, então... Eu pedi o divórcio em janeiro de 2011 e assinei o documento em dezembro de 2011. (...) A família da minha mulher, né? Rompeu completamente comigo. A gente tinha muito contato,*

> *assim, a ex-família dela ela muito próxima, vinha em casa, viajávamos juntos, a... Eles romperam. Eu nunca tive um telefonema mais de nenhum deles.*
> [Pergunto se não mantiveram contato nem com os filhos]
> *Não, com meus filhos eles têm contato. Do lado deles não tem problema. O negócio foi comigo. Entendeu? Então... Ali eu fui julgado e condenado em primeiro grau. Não tem conversa. (...) Nunca mais ninguém me deu um telefonema sequer. Isso aconteceu. E... Logo depois, eu lembro direitinho, na Páscoa, desse ano, da minha separação, eu ainda não tinha assinado a separação, em 2011, eu fui lá na casa da minha sogra, fazer uma visita pra ela. A mãe da* [ex-esposa]. *A* [ex-esposa] *estava lá. Eu fui levar os meninos lá, em* [nome da cidade], *porque ela também é de* [nome da cidade] *e subi lá no apartamento pra falar com eles, né? Pra explicar. Mas foi um negócio que eu... Me arrependi amargamente, porque... A minha cunhada falou que eu era um cara estúpido, que eu era burro (...) Uma série de coisas. Foi nesse nível a conversa. E ficou um clima horroroso, e aí eu fui embora antes que virasse briga. Então eu fui muito mal recebido. Também não esperava muita coisa diferente, mas talvez eu esperava um grau de compreensão, né? Mas também não teve, então teve uma ruptura. (...) Não aparece* [ex-marido da atual esposa]. *Ela tá rompida com ele, inclusive.*
> [Pergunto se não há nenhum contato]
> *Nenhum. Nenhum, zero. Assim como a minha ex-esposa não tem contato nenhum com a* [atual esposa].

Além do mais, separações e novas uniões afetam igualmente as amizades já que existem amigos comuns e outros que são amigos de apenas um dos ex-parceiros. João diz perceber com clareza que, além dos amigos casados se isolarem, o círculo de amizades em comum foi afetado substancialmente ocorrendo, segundo ele um "racha" entre os amigos:

> *Os que são casados tendem a isolar os que são separados. Isso é uma coisa extremamente comum. Primeiro que eles ficam divididos, entendeu? Porque um vai falar mal do companheiro e depois vai o outro falar mal do companheiro, aí um vai falar mal do casamento porque acabou, e o outro... Aí o cara fica numa situação complicada. Segundo que, normalmente a mulher, e os ciclos são mais ou menos parecidos, porque as pessoas têm tempos de casamento mais ou menos iguais, eles têm mais ou menos os mesmos problemas, então um deserda, e dá um certo estímulo pro outro pular fora da canoa. Então a mulher do cara normalmente restringe os relacionamentos. Você vê isso muito claramente, muita gente que era próxima minha foi embora, assim... E alguns tomaram partido, ficaram amigos da minha ex-mulher e não ficaram meus, entendeu? Isso também aconteceu, as duas coisas. Isso foi muito claro, muito claro. Tanto que o nosso ciclo de amizade comum, que era entre eu e a* [ex-mulher], *a... Não existe ninguém. desse relacionamento passado, que se preservou.*
> [Pergunto se nenhum amigo em comum foi preservado]
> *Ninguém, não tenho nenhum dos núcleos familiares que eram frequentes, que iam na minha casa, que mantiveram, amizade com a gente e tal. Tem*

> *cara que nem foi na minha casa, depois que eu me separei. E isso acontece com, curiosamente, sabe? Com uma certa frequência. Toda essa resposta, de muita gente.*

Não obstante mencionar primeiramente que não sabe o que os filhos acham do recasamento, João arrisca-se a dizer que um dos filhos aceitou com mais tranquilidade e o outro possivelmente não aprovou devido ao sofrimento da mãe gerado a partir da separação:

> *Boa pergunta, eu não sei. Eles não falaram pra mim o que eles acharam, então eu não sei dizer pra você o que se passa na cabeça deles. Eu não sei mesmo. (...) Acho que o* [filho mais novo] *é mais cabeça fresca assim, ele é mais sossegado pra essas coisas. Até porque eu acho que ele convive com muita gente que é família recomposta, então, muita gente, hoje em dia isso é muito comum, o ambiente dele sempre foi assim. Ele tem dezenas, talvez centenas de amigos aí que são filhos de pais separados, então isso aí... Pra ele não teve problema nenhum. Acho que ele falou assim "Se você for fica mais feliz desse jeito, vai fundo." Entendeu? A cabeça dele é muito tranquilo nisso. O* [filho mais velho] *eu acho que é um pouco mais fechado, então é difícil saber o que ele pensa. Mas eu acredito que talvez ele sinta que a mãe dele sofreu e que isso não foi legal. Entendeu? Eu acho que, acho que é isso. Mas eu não sei te responder essa pergunta.*

José viveu uma experiência diversa por ter se separado quando o filho ainda era um bebê, mas conta que quando teve idade suficiente para entender a situação, a criança pareceu nutrir sentimentos negativos em relação a ele e que passou a ser manipulada pela família da ex-mulher. Em relação a esta última, ele diz que agora aceita a separação e hoje mantem um "relacionamento amigável":

> *Hoje ele* [o filho] *tem nove anos, e ele ainda é muito manipulado pela família dela, pelos avós.(...) Ah, ela* [ex-mulher] *não reagiu muito bem, lógico, porque a intenção dela não era essa, mas aí com o tempo e com a minha postura ela passou a ver que não tinha a ver a gente ficar junto e depois essa criança nasceu e a gente tem um bom relacionamento assim como amigo, mas não como casal, depois disso a gente passou a não se relacionar, igual à gente se via a gente estava junto, eu não… eu segui meu caminho, e hoje a gente tem um relacionamento amigável.*

José afirma que não se importou como a família e os amigos receberam a separação e o recasamento, pois trata-se da vida dele e das decisões que toma enquanto adulto, exaltando a satisfação individual no lugar da suposta obrigação conjugal, no caso, devido à gravidez acidental, mas colocando as obrigações da paternidade como absolutas e permanentes:

> *A minha família não teve oportunidade de conhecer muito a mãe do meu menino, então eles não opinaram, e outra eu já tinha quarenta anos, não era um adolescente que engravidou a namoradinha, eu já tinha quarenta anos, já era um homem feito, então essa parte da minha mãe, amigos e irmãos, ninguém me deu opinião nenhuma, e também não pedi opinião nenhuma, porque eu sabia o que eu queria, e eu não queria casar com ela né. E eu pensei na minha obrigação de pai, não na minha obrigação de marido, obrigação de marido eu não tinha nenhuma. Então eles não opinaram em nada não interferiram em nada, eu nem permitiria que isso acontecesse também porque eu era um homem feito né cara, não era um adolescente, então não opinaram nada, não interferiram nada, eu tomei minhas decisões do que eu achei que era certo e segui meu caminho.*

O período pós-separação e o recasamento trouxeram problemas para a relação de Pedro com as filhas que tinham então 10 e 12 anos e que ficaram sob a guarda da mãe. Os familiares da ex-mulher tiveram espaço para construírem uma imagem negativa sua, transformando-o em inimigo no processo de separação. Mas à medida que o tempo foi passando e as crianças foram amadurecendo, os obstáculos se dissolveram e passaram a entender melhor a situação, e atualmente visitam Pedro constantemente.

O relacionamento entre elas e Pedro foi sendo retomando e hoje vivem uma relação mais próxima e harmônica. Por sua vez, seus familiares apoiaram integralmente a separação, porém as relações entre ele e os familiares da ex-esposa são limitadas:

> *Não, não. No começo... é... elas não gostaram, assim... da* [mulher atual], *mas hoje está bem mais tranquilo, agora que eu convivo com a* [mulher atual], *mas no início não, não gostavam, como eu te falei, por causa de buzina lá da... ex-mulher, da família da ex-mulher, mais... elas não vinham, hoje elas vêm constantemente, (...) Elas, para elas, coitadas, era tudo muito novo para elas, que até então nós éramos casados, e depois separados, entendeu. Então, para elas, por isso que eu falei, elas sempre pegaram o que as outras falavam, entendeu. Então... assim, no meu modo de ver, tá, elas... elas ficaram mais arredias, comigo, porque: "ai, ele não presta, que ele fez aquilo", eu acho que falavam assim para elas, e elas foram pegando por aí. Mas foi como eu te falei, a idade avançando elas foram vendo que não é assim, que também elas estão sujeitas a uma separação, entendeu, a um atrito, principalmente a* [filha] *que casou. Atrito com o marido, é uma coisa suscetível a qualquer casal, a qualquer sociedade, entendeu, então... é por aí (...) Mas a relação da minha família comigo, sempre me apoiaram, viram que era melhor assim, nunca me deram palpite, mas sempre perguntaram se eu estava bem, sempre perto de mim, me ligavam constantemente ou vinham, entendeu. Dela, nunca me ligaram não.*

Essa postura da ex-esposa, e mesmo de seus parentes, de denegrir a imagem do pai - embora o inverso também ocorra - constitui um dos aspectos problemáticos das separações e afeta negativamente crianças e adolescentes que são objeto de disputa entre mãe e pai e remete à alienação parental. Ao mesmo tempo, a mudança na relação com as filhas indica a flexibilidade dos sentimentos e como eles são criados e produzidos nos relacionamentos familiares (CARSTEN, 2000) e como eles também podem mudar de acordo com o amadurecimento dos filhos e do pai.

Outro aspecto da separação é mencionado por Gabriel ao referir-se aos vínculos com sua família de origem. Ele esclarece que o relacionamento com os pais ficou até mais próximo, já que foi morar com eles após o divórcio e recebeu todo o apoio deles. Mas ao mesmo tempo Gabriel viu o sofrimento dos filhos, que tinham 14 e 16 anos na época, e a filha 10, que não o abandonaram e com os quais mantinha uma relação muito íntima. Quanto às uniões subsequentes à separação, família, amigos e os filhos apoiaram Gabriel sem restrições:

> *Fui morar com eles* [pais] *e isso até aumentou nosso relacionamento.*
> [Pergunto sobre os outros familiares]
> *Normal, a gente sempre foi unido, sempre ficamos junto. Eles* [os filhos] *sofreram muito. Não foi pouco não, foi muito. (...) Eles não me abandonaram nem um minuto, disso eu sei. Acho que meu filho mais velho ficou meio revoltado com a mãe. Eu percebo, né, percebia na época. Ele é muito calado também, igual a mim que sou de falar pouco mas ele não falava nada. Agora, o* [filho] *não me largava. Aonde eu ia, queria ficar o fim de semana só comigo porque ele estudava...sexta feira, acabou! (...) Eles* [amigos] *apoiaram* [o recasamento]. *Meus filhos e o resto da família também.*

Gabriel declara não ter mais nenhum tipo de contato com a ex-mulher. O contato que antes se resumia a socialização e orientações conjuntas dos filhos quando eram adolescentes atualmente não existe mais:

> *Já os encontrei algumas vezes* [ex-esposa e atual marido] *mais só oi e tchau. Raramente converso com ela, a gente não tem mais contato. Alguma coisa que ela precisava sobre meus filhos, ela ligava, mas isso quando eles eram adolescentes, agora acabou.*

Gabriel introduz também a forma de ruptura desencadeada pela separação que é a mudança no círculo de amigos. Do mesmo modo que declarado por João e Antônio, relata a dificuldade que viveu em lidar com os amigos de sua parte assim como da ex-mulher:

> *Separação não é fácil para ninguém... Amizade acaba, né. Logo que você separa, a turma que você tem muda. Eu mudei a turma que eu era quando*

> *estava com a primeira esposa, hoje não tenho mais convivência com eles. Porque aí é outra turma, outro pessoal, começa a conviver com outras pessoas e aquelas vão ficando... Muda. Quer dizer, primeiro, a surpresa, né, que isso provoca (...) É, sempre tem surpresa. E segundo, eu acho que... na separação, além das divisões que você tem de bens, você tem divisão de amigos. Porque você existe... tem... lados diferentes né.*

Antônio diz entender que seus filhos, que tinham 20 e 18 anos na época, e a filha 22, sofreram com a separação, mas não pode afirmar nada já que nunca conversou com eles sobre o processo todo. Ao mesmo tempo, afirma a "profissionalidade" que os filhos apresentaram frente à situação, referindo-se talvez à formalidade e racionalidade que os membros da família adotaram ao enfrentar as consequências emocionais e formais da separação:

> *Foram extremamente profissionais. Eles entenderam, não tomaram... não tomaram... posições, certo. Não ficaram nem de um lado ou de outro, se mantém absolutamente amigos dos dois e... eu nunca conversei sobre a separação.*
> [Pergunto se acha que os filhos conseguiram lidar com a situação]
> *Sofreram também, mas...*

Quando fala sobre a relação com a ex-esposa e ex-familiares, Antônio se limita ao "necessário":

> *Mantemos uma relação sempre que necessário, e sempre em relação aos filhos.*
> [Pergunto da relação com ex-parentes]
> *Também, conheço, converso, quando necessário, não tem nenhuma coisa contrária.*

Carlos foi o único a não citar a ocorrência de maiores conflitos ou rancores. Na verdade, chega até a comentar sobre a satisfação que a mãe demonstrou com a separação, pois ela não gostava da primeira esposa e termina acrescentando a relação de cuidado que acabou se formando entre a mãe e a enteada.

Essa aceitação da enteada pela mãe de Carlos remete a um dado importante nas constelações familiares de inclusão de alguém que está vinculada a uma nova forma de parentesco e mostra que separações criam dissoluções de certos elos mas permitem criar outros que ainda não foram codificados nas interpretações sobre famílias recompostas.

Simultaneamente esse fato é indicador de como sentimentos podem ser criados nas famílias recompostas independentemente do tipo de vínculo e indica, como Carsten (2000) analisa,

que sentimentos de afeição, amparo e solidariedade dependem, em grande parte, dos modos de relacionamento entre sujeitos determinados vivendo situações novas.

Quando questionado se a separação sensibilizou os amigos e conhecidos, é direto ao mencionar que foi "tranquilo" e que "não tem nenhum problema":

> *Para minha mãe, na verdade, foi muito bom, porque minha mãe não gostava muito... da primeira... da minha primeira esposa. A primeira. Que ela achava que... ela não se dava muito, sabe, ela só atrapalhava e mantinha ela, e tudo. Aí para minha mãe, foi isso, foi bom, apesar da minha mãe cuidar da criança até hoje, não tem nada contra, mas pela menina, né, que ela só ficava em casa, para minha mãe foi bom, porque minha mãe queria que eu saísse. Que o meu futuro era viajar e sair mesmo.*
> [Pergunto como foi para os amigos e conhecidos]
> *Ah, tranquilo. Tranquilo. Eu vou lá, não tem nenhum problema.*

Em relação à enteada, que tinha cinco anos no momento da separação, Carlos diz que a separação "não foi muita coisa" já que a visita frequentemente até hoje, frisando novamente ter sido "normal". A partir de sua exposição entende-se que o relacionamento continuou muito próximo e afetivo, "como pai e filho", apesar de revelar certo sofrimento ao mudar para outra cidade nos primeiros momentos após da separação:

> [Pergunto como foi a separação para a enteada]
> *Pô, não posso falar como que foi porque... na verdade eu acho que para ela não foi muita coisa, porque eu ia todo final de semana de* [nome da cidade] *para lá, e ela ia para minha casa e eu via ela. Como pai e filho, ela ficava, dormia na casa da minha mãe, e eu voltava e ia embora... e ela voltava com a mãe dela. E foi assim, durante esses treze anos...*
> [Pergunto se acha que a enteada sofreu]
> *Ela sofreu um pouco quando eu vim embora. Mas eu falava, no final de semana eu volto, mas foi normal.*

Segundo Carlos, família, amigos e enteada da primeira relação simpatizaram e apoiaram o segundo casamento "numa boa"

> *Aprovaram, aprovaram muito* [a segunda união].
> [Pergunto se a enteada aprovou]
> *A primeira? Normal também, levou numa boa.*

Os depoimentos dos entrevistados relatam afastamento ou, pelo menos, um enfraquecimento do vínculo com a ex-esposa logo após a separação, e somente João disse ter tido problemas com sua família de origem, sendo que os filhos aceitaram bem a separação, porém o

filho mais velho parece ter tido problemas com o recasamento do pai. Antônio, José e Carlos disseram ainda preservar algum nível de relacionamento com ex-familiares e o último foi o único a dizer não ter vivenciado nenhum problema, a não ser a preocupação pela dor da enteada.

É perceptível como o vínculo conjugal é interpretado como uma escolha que é mantida apenas enquanto o relacionamento for considerado satisfatório e gratificante pelo casal em questão (FÉRES-CARNEIRO, 2003; FURSTENBERG, 1987; GIDDENS, 1993; SEGALEN, 1999), o que seria muito diferente no caso da relação com filhos, vista como perene por todos os pais entrevistados.

Apesar do distanciamento dos filhos, todos os participantes disseram ter mantido algum nível de relacionamento com eles assim como também revelaram sentimentos de preocupação e apreensão, cientes, portanto, da responsabilidade e dependência em relação a eles ao continuarem orientando e zelando por suas vidas, além da contribuição financeira.

Entretanto, João, Antônio e Gabriel mencionaram alterações no círculo de amigos e Pedro e José relataram ter vivido retaliações por parte das ex-esposas já que procuraram denegrir suas imagens perante os filhos, o que depois, com o crescimento dos mesmos, foram sendo melhor elaboradas e hoje nutrem relações próximas.

Quanto à ex-mulher, José é mais claro sobre não ter mantido um bom relacionamento logo após separar-se, mas o tempo foi passando e hoje nutrem um relacionamento "amigável", como Silva (2003) afirma em seu trabalho.

Além da diversidade das reações dos pais diante da separação e dos sentimentos desencadeados, notam-se elementos comuns a todos eles, particularmente no que diz respeito à relação com os filhos, e no caso de João diante da enteada. Apesar de um distanciamento inicial entre pais e filhos ambos se reaproximaram após um período de tempo, variável em cada caso, e que, se foram abalados após a separação, são retomados em novo patamar de proximidade afetiva.

5.6 Pensão e guarda dos filhos

Apesar de a guarda compartilhada ser um direito, somente José formalizou juridicamente o pedido e tinha o direito de encontrar o filho nos finais de semana:

> [Pergunto se José e o filho mantiveram contato]
> *A gente mantém contato porque eu pego meu menino, todo fim de semana eu pego meu menino.*
> [Pergunto se passam o fim de semana juntos]
> *Isso, todo sábado, porque depois chegou num ponto que ela entrou com revisão de pensão, que eu acho que ela ganhava pouco aí nessa revisão*

> *de pensão, aí já aproveitou que teve que contratar advogado pra chegar num consenso, aí o advogado falou "já que vocês tão mexendo com isso vamos fazer o negócio da guarda, quem passa natal, ano novo etc." Aí a gente já determinou tudo essa parte, já formalizou tudo isso, então hoje eu já pego ele* [o filho] *tudo nos horários que o juiz determinou que fosse um horário combinado entre nós, horário que eu posso também né, que ficou viável pra mim e ela trabalha no comércio também então ela só tem o final de semana pra dar mais atenção pro menino então no sábado eu fico com ele e no domingo ela fica.* José

Somente Gabriel, Antônio e Carlos não formalizaram juridicamente a pensão mensal e fizeram um acordo com as respectivas ex-mulheres dividindo os encargos com as despesas dos filhos. Gabriel relata ter ajudado com o pagamento da faculdade de um filho e ter ajudado no que podia.

Antônio esclarece que ele e a ex-mulher eram independentes economicamente, querendo dizer, com isso, que não pagava pensão, e em relação aos filhos diz que custeou o ensino superior de um e ela de outro:

> [Pergunto sobre pagamento de pensão]
> *Não, nós somos independentes economicamente, eu e ela. Nós simplesmente... a filha estava se formando logo, e eu fiquei responsável pelo custeio da educação de um filho e ela ficou responsável da educação do outro filho. Os dois se formaram em* [nome da cidade] *no* [nome da Universidade], *um é* [profissão do filho], *o outro fez* [curso universitário], *a menina fez* [curso universitário].... *Nós custeamos os filhos sem nenhum problema.*

Carlos diz que repassava parte de sua remuneração para a casa da mãe onde vive a enteada desde a separação, e complementa dizendo que assim fazia devido a sua "consciência" que determinava o que deveria ser feito. Legalmente não era obrigado a dar suporte econômico à enteada, mas sua atitude indica que visava auxiliar financeiramente a mãe com quem ela morava. Mas pode-se ainda interpretar a postura de Carlos como fundada no sentimento que nutria pela enteada e no desejo de ampará-la, mesmo que tivesse sido abrigada e amparada por sua mãe.

> *Não. Quando eu morava em [nome da cidade] eu mandava um dinheiro para minha mãe para cuidar dela, sabe, para comprar roupas, essas coisas.*
> [Pergunto se não era pensão judicial]
> *Não, não. Eu mandava por causa da minha consciência, porque eu gostava muito dela. Falava para minha mãe, "compra isso para ela, faz isso..."*

Quanto à pensão aos filhos e ex-mulher, Gabriel esclarece que os acordos foram tratados pessoalmente, fora da esfera jurídica:

> *Isso, ela* [ex-mulher] *não pediu* [pensão]. *Paguei a faculdade deles e ajudava, o que eu podia eu dava. Paguei a faculdade do* [filho] *que ficou aqui e mantinha-o.*

Todos os outros pais tiveram a obrigação jurídica de depositar a pensão para os filhos e somente a ex-mulher de Pedro também recebia pensão, o que o levou a pensar que ela só não formalizou outra união para continuar recebendo a pensão:

> *Até hoje ela* [ex-mulher] *não teve... não assumiu um relacionamento, para viver da pensão. Porque se... caso minha primeira mulher estivesse em um relacionamento, minha opinião isso, tá, nunca conversei, tal. Porque... ela era bem nova... com eu também na época, mas ela era muito mais nova, ela não assumiu nada de relacionamento, para ficar... ou não sei se foi por causa das meninas, eu creio que não.... para não perder a pensão.*

José e Miguel também comentaram sobre constantes conflitos em relação à pensão, quando suas ex-mulheres vez ou outra pedem revisão do valor, como relata Miguel:

> *Ela começou a tentar me atingir com outras coisas, a ficar pedindo pensão, revisão de pensão, toda hora, advogado.*

Quatro participantes fecharam o acordo de pensão mensal, em oposição a três que entraram em acordo com as ex-esposas. Apenas José, que viveu uma relação casual e Carlos que viveu em união consensual na primeira relação, não passaram pela divisão judicial de bens. Assim como Bottoli (2010) observou em sua pesquisa a questão da guarda é resolvida geralmente fora da esfera jurídica, no contrato particular entre ex-marido e ex-esposa.

5.7 A família recomposta e a nova vida conjugal

Apesar de alguns assumirem desentendimentos ocasionais nas relações vividas na família recomposta, os pais entrevistados avaliaram-na como melhor do que a primeira união, principalmente devido às experiências do casamento anterior e ao amadurecimento pessoal.

João revela que decidiu recasar-se pois já intencionava reconstruir a própria vida com a segunda esposa que conhecia antes do processo de divórcio e esclarece que seu segundo casamento

"melhorou bastante". Mas também afirma que mesmo assim é importante um constante trabalho para que a relação não se desgaste intensamente e traga antigos erros de volta.

Para isso, João contou que o fato de a atual esposa não morar em Ribeirão Preto contribui para que cada um tenha seu espaço individual, diminuindo as possibilidades de atritos e conflitos e tornando os encontros de fim de semana especiais:

> *Ela já estava separada* [a atual esposa], eu não. *Já estava com o casamento nesse bagaço. Então aí deu um tempo, eu falei "Ó, cara, eu vou tentar reconstruir a minha vida. Eu vou, vou me separar e vou tentar puxar o negócio do zero. Tentar de novo." (...) Ah, cara. Se eu for pesar os prós e os contras acho que melhorou bastante. Eu tô numa fase que tô mais tranquilo, assim. Todo casamento é casamento, vai voltar pros erros do passado. Não tem outro jeito. Tem a história da convivência, que você tem que saber levar. Mas todo cara que é separado e casa de novo, ele não quer separar pela terceira vez, a grande maioria. As pessoas querem acertar, entendeu? Então, já aprendeu com os erros do passado, né? Então não acaba fazendo os mesmos erros.*
> [Pergunto se a família se encontra com frequência]
> *Todo final de semana a gente se encontra quando ela* [esposa] *vem (...) Tem todo um esquema de aproveitar o final de semana. E quando eu vou pra lá a mesma coisa, porque a gente só fica dois, três dias juntos, então aproveita muito intensamente os dois, três dias que a gente fica. O que é muito legal. Pelo menos pra mim. Tem coisa que é muito legal, não dá esse desgaste todo, né? (...) Então, eu não vejo nenhum atrito nessa família, não. Acho que as coisas não ficaram ruins.*

De fato, João ressalta a importância de preservar seu espaço nessa nova modalidade de arranjo familiar, isto é, cada um em sua casa, embora integrando uma constelação familiar bastante peculiar. Ao mesmo tempo, a situação de moradia de João indica diversas possibilidades de configuração de arranjos familiares, e não somente das famílias recompostas e suscita questionamentos.

Pelo fato de morar só, já que no presente também os filhos não moram com ele, sua condição é a de *single* e pode ser enquadrada no que os dados do censo demográfico qualificam como família unipessoal. E mais ainda, o que define efetivamente uma família? A moradia, o fato de se configurar enquanto *household* ou unidade doméstica?

Melhor retomar a conceituação de família como exposta no início deste trabalho, como unidades, ou grupos sociais, constituídos a partir de relações de parentesco, no plano de laços de aliança ou afinidade e descendência existentes simbólica e socialmente, e que independem de familiares ocuparem uma mesma moradia e do vínculo jurídico do casal.

Por outro lado, considerando a condição de sua esposa, que pode ser qualificada como madrasta dos filhos da primeira união de João, e que mora em outra cidade com a filha, ela integraria simultaneamente uma família monoparental feminina, embora também faça parte de uma constelação familiar já que convive alguns dias por semana com João. Nesse caso, temos uma sobreposição de unidades familiares, aquela formada por Joao, esposa, filhos e enteados e a família de sua esposa que vive com a filha em outra localidade.

E cabe retomar a distinção entre família de origem e de procriação; a primeira resultante do casal e onde filhos são criados, cuidados, maternados e paternados, socializados; a segunda originada do casamento dos filhos da família de origem. Assim, em determinada etapa da vida um indivíduo integra duas famílias. Esse processo de criação e de segmentação ou fissão das famílias (Bourdieu, 1996) foi analisado por Lévi-Strauss (1986) que mostra como é próprio das famílias que elas se constituam e se segmentem para dar origem a novas famílias.

A situação vivida por João e esposa ilustra de modo claro como famílias, no plano empírico, são grupos que se fazem e se desfazem, o que ocorre não apenas com famílias recompostas, mas com as chefiadas por mulheres, as patrifocais e as ampliadas. Desse modo pode-se tomar uma conceituação genérica de família, tal como exposto acima, enquanto no plano da realidade empírica e no plural, isto é, de famílias, estas organizam-se segundo uma multiplicidade de arranjos, sem que laços de parentesco sejam negados, mas são retrabalhados, recriados e ainda carecem de uma qualificação para nomeá-los adequadamente no contexto das constelações familiares das famílias recompostas.

A situação vivida por José mostra o desejo de reconstituição da vida conjugal. Apesar de estar aberto a um novo relacionamento não tinha planos concretos para uma segunda relação. Através da insistência de uma amiga conheceu a atual esposa:

> *Nessa época, eu estava com quarenta e dois, eu lembro. Aí eu lembro foi uma situação interessante assim, que uma amiga minha que me conhecia, a gente nunca teve nada, e ela sempre me falava "eu tenho uma amiga cara, nossa, você precisa conhecê-la cara" sabe essas coisas doida? Pensei "a que legal né" Aí a gente se viu a primeira vez, só trocou umas palavras, mas aí depois a gente passou a se ver com mais frequência, só sei que num prazo muito curto a gente estava muito junto, sabe aquela coisa muito intensa? Ela estava saindo de um relacionamento dela, fazia dois anos que ela tinha separado e tipo assim, estava aberta a um relacionamento e eu também, com quarenta e dois anos já estava querendo um relacionamento mais sossegado, mais tranquilo, mais estável, não essa doidera de ficar saindo, a noite...*

Comparando sua experiência da união anterior com a atual, José enfatiza a harmonia que sente, e que é diferente da situação relatada por João, pois a convivência diária parece não afetar nem desgastar a vida conjugal e aponta seus aspectos positivos:

> *Meu relacionamento com ela* [esposa] *é muito bom, ela é uma pessoa vivida já, que já passou por um relacionamento que não deu certo, e a gente tem muita harmonia assim, e eu sou uma pessoa tranquila e ela também... A gente trabalha junto também.*

Também Pedro desejava reconstruir sua vida e relata que por não gostar de ficar sozinho, mesmo prezando liberdade individual, optou por novo relacionamento:

> *Isso, já, já fiquei com a* [atual esposa], *porque também eu nunca gostei de ficar sozinho, nunca. Prezo muito minha liberdade mas eu nunca gostei de ficar só. Olhando o tempinho sozinho, lá em Mococa, mas nunca foi minha praia, não gosto.*

Pedro destaca o fato de ter se casado muito jovem com a primeira esposa e que o amadurecimento pessoal vivido desde as experiências do primeiro casamento é o principal fator de harmonia vivida na segunda união, fazendo com que ambos os parceiros sejam mais verdadeiros, condescendentes e objetivos:

> *Bem tranquilo, bem... como fala... já sou... nesse novo relacionamento eu já era uma pessoa já mais... feita, vamos dizer assim, a* [atual esposa] *também. Diferente de quando eu casei que eu tinha 25, eu já tinha 39, vivido bastante coisa, tinha já... conheço mais coisas da vida, conheci, tive que conhecer mais coisas da vida. Então nós éramos já bem mais maduros, por isso que o relacionamento já é bem melhor, bem mais franco, entendeu, bem mais tranquilo. Acho que daí também a evolução da pessoa contribui muito, a criação e evolução, contribuiu bastante no relacionamento, eu acho que isso é primordial (....) É aquilo que eu falei né, como nós éramos bem mais maduros, a relação ficou de outro jeito, com mais conversa, com mais escuta, qualquer problema a gente senta, conversa... um sendo mais franco com o outro, sabe. E é assim que a gente está junto até hoje.*

De modo similar a José, Gabriel também não planejava o recasamento e disse ter conhecido a sua segunda esposa através de um amigo, hesitando, porém, à primeira vista, mas depois de um tempo ela acabou estabelecendo contato e passaram a se encontrar.

> *Nos conhecemos por um acaso. Tem um amigo que morava na fazenda que conhecia ela e falou "ah, tem uma mulher...", ela era separada também, tinha uma filha. Ele me deu o telefone dela, falou pra ela que eu*

> *tinha visto ela e a mesma história que ele contou pra mim contou pra ela. Ele deu o meu telefone pra ele e o dela pra mim. E sempre perguntava, "você não vai ligar pra ela?" e eu falava que um dia ligava e nunca liguei. Passou um ano e meio quase e um dia eu estava lá na* [trabalho] *e ela me ligou.*

Gabriel revela que sua segunda união deu certo pelo fato de ambos serem parecidos, diferentemente da situação vivida na primeira união. Afirma, porém, que essa harmonia não foi atingida sem atritos e brigas. Inicialmente, a ideia da então mulher era que ficassem juntos mas morando cada um em sua própria casa, como é o caso vivido por João, o que não acabou acontecendo. Isso mostra como é possível que cada família se ajuste e acabe encontrando a dinâmica mais favorável a uma convivência satisfatória.

Os arranjos de Gabriel e de João ilustram o esforço dos parceiros em nova união para criarem estratégias e novos modos de convivência para organizarem e procurarem manter a vida conjugal de formas inovadoras e alternativas:

> *Éramos pessoas* [Gabriel e a ex-esposa] *completamente diferentes, né. Aí muda bastante. (...) Acho que foi uma maravilha* [a segunda união]. *Muito companheirismo. No começo também não foi fácil, foi difícil até a gente se acertar né. Namorava, brigava, largava, ficava uns dois meses parado, voltava de novo. Ela gostava de sair, tinha um monte de amigo, saia toda noite e falava que não queria nada que a prendesse. Mas depois fomos nos achando e acabou. Ela falava que se tivesse alguém na vida dela era ele na casa dele e ela na dela. Mas não foi isso que aconteceu, né?* Gabriel

O relacionamento de Gabriel com a segunda esposa terminou com a morte dela e ele engajou-se em nova união cujo início foi diverso da segunda união porque foi ele quem procurou o contato com a esposa atual:

> [Pergunto como foi decidiu recasar-se pela terceira vez]
> *Foi quase da mesma forma da outra. Ela foi tratar de dente com a minha prima e elas conversando lá, eu tinha ficado viúvo e fazia 17 anos que ela estava separada, minha prima perguntou se ela não ia arrumar mais ninguém. Ela respondeu falando que quando ela achasse um homem de Deus, porque ela é muito católica, e minha prima falou de mim. Ela me deu o telefone dela e eu não liguei de novo. E minha prima ficou me ligando pra saber se eu ia ligar ou não e eu liguei. A gente combinou de se conhecer no grupo de oração e aí começou. Foi até mais fácil, porque pouco tempo conversando a gente já foi ficar junto.*

A decisão de Miguel de recasar-se se deu de maneira similar à de João, que também já conhecia a atual mulher e passaram a pensar em um "projeto de como ia ser" e que foi novamente desencadeado por uma gravidez acidental:

> *Sim, a gente tinha um projeto de como ia ser, se conhecer melhor, sair né, antes de assumir mais coisa. Mas acabamos num ficando um ano e apareceu essa gravidez.*

Quando questionado sobre o que acha da segunda união, Miguel se afastou de uma avaliação pessoal, isto é, referida ao relacionamento conjugal e mencionou a dificuldade financeira pela qual estão passando atualmente, e que parece ter afetado a relação entre os dois trazendo problemas:

> *Agora nosso relacionamento tá um pouco complicado na parte financeira, a gente fez um investimento na chácara, pra aumentar espaço, essas coisas e tal, e coincidiu de ser junto com essa crise do mercado agora né. Então tá um pouco difícil nessa parte e isso exige bastante da gente, exige bastante, você tenta não passar muitos problemas pros filhos também né, tentar manter os filhos nas escolas e tudo.*

Antônio também declara que não decidiu deliberadamente casar-se outra vez e atribui a nova união a um processo de amadurecimento, argumento também utilizado para avaliar o relacionamento com a atual companheira:

> [Pergunto como decidiu casar-se novamente]
> *Não, isso acaba acontecendo. Você não tem... você não decide, é um produto do amadurecimento do processo (...)*
> [Pergunto como é a relação atual]
> *É uma relação mais madura... mais madura... é... uma relação madura... diferente, quero dizer, eu casei com 25 anos, eu era... pós-adolescente, e eu me casei novamente com 54 anos, era um... uma outra cabeça. Mas é... o problema... o grande problema do casamento é você encontrar duas culturas diferentes, né, e aceitar essas culturas diferentes.*
> [Pergunto se são vidas diferentes]
> *Totalmente. Quer dizer... os dois foram criados por pais diferentes, mães diferentes, encontram amigos diferentes, tios diferentes, primos diferentes, viveram coisas muito diferentes, e têm comportamentos diferentes. É respeitar a cultura do outro, e quando eu falo cultura é tudo, né.*
> [Pergunto se conseguiu atingir com a atual esposa]
> *Estamos conseguindo. Nunca pode falar "conseguiu", e sim "estamos conseguindo".*

Antônio destaca o amadurecimento pessoal decorrente da idade como fator determinante no sucesso do casamento ao qualificar o atual como mais maduro e considerar-se com "outra cabeça". Ao relatar que o "grande problema" do casamento, conforme sua fala acima, "é você encontrar duas culturas diferentes, né, e aceitar essas culturas diferentes", é possível inferir que o assunto o sensibiliza e que já refletiu muito sobre as possíveis causas da separação conjugal. Quando questionado sobre a qualidade da relação com a atual esposa, responde no gerúndio que está "conseguindo", possivelmente querendo dizer que a construção de uma relação é um processo permanente e que tal construção não é realizada sem percalços e complicações.

Carlos também conheceu a segunda esposa de modo inesperado, "igual um raio", e a relação foi se alongando até que passaram a morar juntos e posteriormente se casaram:

> *O dela foi... igual um raio, sabe?*
> [Pergunto se foi inesperado]
> *Foi do nada. Conheci ela, aí a gente ficou, aí eu comecei a ir na casa dela, a gente começou a namorar... aí foi com uns quatro meses já estava morando junto, já comprei uma casa, aí foi indo, foi indo, morando junto, aí passou, eu acho, uns 3 anos, aí ela "vamos casar", "vamos casar". Porque a gente acha que a gente se ama muito, eu e ela, aí casamos e estamos juntos até hoje.*

Carlos é enfático ao declarar que seu atual casamento é "perfeito" e chega a dizer que brinca com a esposa ao pedir que briguem, pois nunca houve brigas nem conflitos entre o casal:

> *Hoje, para mim é perfeito, perfeito.*
> [Pergunto se eles se dão bem]
> *Muito bem, demais. Minha esposa trabalha, eu trabalho. Hoje tudo que eu tenho é a minha empresa, montei a partir do momento que eu fui morar com ela, graças a deus está dando tudo certo, perfeito.*
> [Pergunto se já tiveram alguma dificuldade na relação]
> *Não. Jamais. É até estranho, porque a gente não tem conflito. Até no começo do namoro eu falava para minha mulher: "vamos brigar, porque nós não briga". Eu vejo casal brigando, um bicudo com o outro, e nós não briga, e é assim até hoje.*

João, Pedro e Miguel declararam abertamente que já pretendiam recasar-se após a separação e Pedro, particularmente, quis o recasamento por não gostar de ficar sozinho, enquanto os outros avaliam que a segunda relação ocorreu com o passar do tempo. No caso específico de Gabriel, o que mais se abalou com o fim do primeiro casamento, ficando um ano e meio na casa da família. Posteriormente, começou sua segunda relação por iniciativa da mulher.

João, Gabriel, Miguel e Antônio foram os que fizeram referência a atritos e problemas no segundo casamento, apesar de ressaltarem os aspectos positivos. Carlos afirma que o segundo casamento é "perfeito", sem nenhum tipo de problemas ou conflitos.

Para melhor se entender as relações conjugais é necessário descrever a organização doméstica atual. Todos declararam que suas esposas trabalham e assim dividem os custos e o provimento de recursos, mas esse fato não impediu que as tarefas domésticas e os cuidados com as crianças na família de Pedro, José, Miguel e Carlos continuassem a ser, em grande parte, responsabilidades das mulheres, indicando que a força da divisão sexual tradicional dos trabalhos domésticos ainda persiste, diferentemente de Antônio, que sinteticamente revela uma "divisão total de tarefas".

Pedro é ainda mais direto ao mencionar a habilidade inata das mulheres em cuidar de crianças pequenas que executam com "grande maestria". Necessário explicitar que que Pedro vive com a mulher e com um enteado de 16 anos; logo os cuidados da mulher com o filho, e mesmo a relação dele com o enteado, também não demanda maior participação dele nessa relação. A divisão de tarefas entre ele e a esposa refere-se mais a cuidados domésticos, como limpeza da casa, cuidados com vestimentas, preparo de alimentos.

Ainda, ao hesitar dizendo que não sabe se tudo isso é obrigação da mulher, infere-se que pelo menos em algum momento de sua vida acreditava exatamente nisso:

> *Bom, estando em casa, a* [esposa] *faz comida, ela assumiu esse papel para ela, eu lavo e tal, faço também comida, se bem que minha comida é complicada, mas também faço. Mas a maior parte... também, como a gente fica fora, não suja a casa, não tem tanto problema em casa. É mais os cachorrinhos, que tem que lavar ali onde eles ficam, mas... as tarefas domésticas... basicamente vamos pôr assim que a* [esposa] *cuida, ela que organiza a casa.*
> *Se precisar eu faço, isso é o de menos. Não sei passar roupa, nunca vou aprender porque nunca vou conseguir. Mas é ela que administra.* Pedro
>
> [Pergunto se dividem os custos financeiros]
> *É o rendimento agora é eu e ela* [esposa] *(...) Então estamos tentando tocar junto esse esquema, estamos pensando em investir mais* [no trabalho], *ver se colocamos mais coisas lá, em relação a alimentação essas coisas.(...) É mais a esposa assim, que dava banho, que trocava as crianças, mais essa época que eu trabalhava fora. Agora trabalhando junto com ela, tem uma mulher que vem umas duas ou três vezes por mês fazer uma geral, mas o resto quem toma conta mais é ela mesmo, eu ajudo mais nas coisas que ela precisa pra elaboração das comidas. Essas coisas de cortar, descascar. Mas como a gente tá o tempo todo junto, eu que levo a mais nova na escola, a gente ainda divide com outros pais, mas num geral é ela mesmo.* Miguel

Na exposição de Carlos é possível apreender, à primeira vista, que são as mulheres as responsáveis pelo zelo da casa e cuidados da filha de quatro anos e da enteada de 10. Porém ele justifica a tradicional divisão das tarefas domésticas afirmando que o local de trabalho da esposa é na própria moradia.

> *Não. Eu saio para trabalhar cedo e volto cinco horas da tarde. Então minha esposa... o salão é na minha casa, a esmalteria é na minha casa, então ela leva as crianças na escola cedo, busca umas... 11 e pouco, aí faz o almoço, tudo... aí a [enteada] tem que lavar a louça do almoço, fazer essas coisas, que é a tarefa dela, a gente já passa as tarefas para ela. Até minha filha de quatro anos tem tarefa. Tem que juntar os brinquedos, tudo, aí começa desde cedo porque foi a educação que eu tive, entendeu?*

Já a família atual de João apresenta características peculiares. Nesse caso, o fato de ter se casado com separação total de bens e ele e a esposa morarem em casas e cidades diferentes, faz com que cada um tenha o seu espaço e patrimônio individuais, além da divisão de custos financeiros:

> *É dividido, tudo rachado, não tem muita dificuldade nesse meio. A gente faz almoço um pro outro, faz janta um pro outro, mais ou menos assim. A gente tem uma certa divisão de tarefas sem muito problema. Divisão de custos, porque nós temos duas casas né, então tem os custos de lá, os custos daqui, então a gente tenta dar uma equilibrada até nisso. A gente tem tudo separado. Diferente do casamento convencional, casei com separação total de bens, ela tem o patrimônio dela, eu tenho o meu. E basicamente é isso. Uma coisa que, nesse aspecto, é muito claro.*

Os resultados apontam para uma divisão mais igualitária na obtenção de recursos domésticos, pois todas as mulheres exercem suas profissões. Quanto aos trabalhos domésticos e cuidados com as crianças, no entanto, essa equalização não é efetiva: as mulheres continuam a exercer atividades quase que exclusivamente na área doméstica, revelando a convivência de práticas antigas e novas, até contraditórias (C. SOARES, 2008; WALL & GUERREIRO, 2005; ARRUDA & LIMA, 2013; BELTRAME & BOTTOLI, 2010), ou até a predominância de modelos tradicionais, como no caso de Pedro (FREITAS ET AL. 2009).

Pode-se concordar também com O´Brien (2005), quando se refere ao fato de que, em famílias em que ambos os cônjuges contribuem para a economia domésticas, quase 100% das mulheres continuam assumindo os trabalhos em casa, denunciando a dupla jornada de trabalho.

Da descrição e análise dos dados deve-se ressaltar o modo como esses pais avaliam as relações conjugais. De modo geral a avaliação positiva da segunda união funda-se na comparação com as relações vividas no primeiro casamento e os pais atribuem essa condição tanto a seus atributos pessoais, sobretudo ao amadurecimento, quanto às qualidades de suas companheiras, elas também qualificadas como mulheres que amadureceram e aprenderam a contornar dificuldades e problemas pessoais para constituírem efetivamente uma relação a dois, que pode ser aproximada do que Salem (1989) qualificou como unidade com dois. Nesse caso, a postura individualista, de colocar anseios de cada um em primeiro plano, seria superada pelo companheirismo.

Embora haja certa tendência dos pais, expressas em suas falas, de avaliarem a convivência conjugal atual como mais satisfatória do que a primeira, seria prematuro e inadequado supor que ela seja "perfeita" como declara Carlos.

Convém, portanto, comparar a duração do primeiro casamento com a da segunda união. O período dos relacionamentos atuais é variável. Antônio está na segunda união há 21 anos, Carlos há seis, João há cinco, José há 10, Miguel há 24, Pedro há 16 e Gabriel conviveu com a segunda esposa durante nove anos até o falecimento dela, e atualmente sua relação com a esposa atual tem sete anos de convivência.

Já a duração do primeiro casamento foi de 23 anos para Antônio; 5 para Carlos, 20 para Gabriel e João, 15 para Miguel e 14 para Pedro. José diverge do grupo por ter vivido uma relação casual com a primeira mulher e não ter convivido com ela.

Comparando-se a duração das duas uniões, Antônio, Gabriel e João viveram durante mais tempo com a primeira esposa; para José, Miguel e Pedro a união atual é mais prolongada do que a primeira; para Carlos, que tem 34 anos e é o mais novo de todos, ambas as uniões têm praticamente o mesmo tempo de convivência. Gabriel é um caso à parte pois sua segunda união de nove anos terminou com a morte da esposa, a primeira durou 20 anos e a atual completou sete anos.

Deve-se ainda considerar a idade dos pais. Excetuando-se Carlos, o mais novo, quatro deles, João, Pedro e Miguel estão na faixa etária de 50 anos, Gabriel tem 64 anos e Antônio, 72 anos, é o mais velho.

Todos esses indicadores constituem apenas uma referência para melhor situar o relacionamento conjugal e para delimitar a duração das duas, ou três uniões, caso de Gabriel, e para compará-las com a idade dos pais e não podem ser utilizados para comprovar a suposição de que segundas uniões são mais duradouras do que as primeiras. Tampouco a idade de cada pai pode servir de garantia da continuidade dessas uniões. Afinal, pessoas, homens ou mulheres separam-se independentemente da idade, tal como tem sido documentado nos trabalhos já citados.

E, mais importante ainda, trata-se da discussão e análise de apenas sete casos e se não podem nem devem ser estendidos e generalizadas podem contribuir para mais pesquisas se aprofundarem sobre a dinâmica conjugal das famílias recompostas.

5.8 As constelações familiares: o pai/padrasto

As constelações familiares comportam uma dinâmica relacional específica expressa na diversidade das modalidades de arranjos, na posição e nas relações do pai com os filhos do primeiro casamento e uniões posteriores, e do padrasto com seus enteados, bem como com ex-esposas e familiares dela.

Ao definir a relação com o filho da primeira união, que atualmente se encontra com 10 anos, José esclarece que só consegue conviver com ele uma vez por semana e afirma desconhecer como é a relação dele com a mãe. Já a atual mulher e esse filho parecem se dar bem, assim como ocorre entre ele e seu meio-irmão de cinco anos, filho da segunda união de José:

> *Essa parte de influência é mais a mãe dele do que eu, porque eu vejo ele uma vez por semana. A mãe tem a oportunidade de ver ele quando ela quer, eu não sei se ela vê. Eu não vejo. Porque a visita que foi determinada pra eu poder ficar com ele foi só no sábado. Lógico que se eu quiser ligar lá e ter contato com ele eu posso, mas a gente vive numa vida tão louca e eu trabalho seis dias da semana que na hora que eu vejo já é sábado que é o dia de eu pegar ele aí eu fico com ele no sábado aí a semana já atropela de novo, quando vou ver já é sábado novamente, e ele tem o esquema dele onde ele vive com a vó dele, que pra eu ter acesso a ele eu teria que tipo, sair daqui do meu trabalho, muito complicado. Então a parte da educação do menino é exclusiva do avô e da avó, não posso nem falar que é da mãe (...) A dela* [relação da ex-esposa como o filho] *eu não posso definir, a minha relação eu vejo ele uma vez por semana e é um momento que eu tenho para ficar com ele, que eu tento passar para ele, igual eu tenho meu menino pequeno, então ele fica com a gente pra poder brincar (...)*
> [Pergunto sobre a relação do filho da primeira união com a atual mulher]
> *A relação que ele tem é na hora que a gente está junto, porque é na hora que ele tá na minha casa, com a minha família né. Então ele está sempre junto com a gente.*
> [Pergunto se eles se dão bem]
> *Super bem.*
> [Pergunto da relação do filho da primeira união com o da segunda]
> *Se dão super bem, ele fica louco para chegar o sábado pra brincar, porque o irmão já é sinal de brincadeira né. De jogar bola, de correr, de andar de bicicleta, então é um momento para eles ficarem juntos, tem uma liga muito boa, eles têm uma afinidade muito boa um com o outro.*

Apesar da manutenção dos vínculos com os filhos do primeiro casamento, João revela o desejo de maior contato com o filho mais novo de 21 anos que mora na mesma cidade e que o visita somente quando precisa de alguma coisa, e ainda explicita que isso seria comum em outras famílias.

> *Mas eu não sei se é da geração deles ou não, porque eu vejo isso com várias pessoas que são amigas minhas, eles são distantes. Eles não dão telefonema, não fazem uma visita. Quando aparece um telefonema é porque vem um pedido. Eu já até sei. Lá vem história, que ver? É aquilo, "E aí, pai? Como você está, você tá bem, como estão as coisas?" Pa pa pa... "então, estou precisando ir em lá, tal lugar, será que você não poderia me ajudar com a passagem?" No fim sempre vem um pedido. O* [filho] *é na dele, cara, ele vai quando dá na telha dele, assim. Ele, ele vai pouco em casa. Para quem mora em Ribeirão Preto, ele vai pouco.(...) Não, tem, ela* [esposa atual] *tem* [boa relação com os filhos]. *Eu acho que isso não tem problema não. Isso não tem, a relação dela com eles é tranquila. E eles nunca tiveram problema com relacionamento com ela, ela sempre foi super mãe pra eles, e tal.*

João relata, entretanto, a boa relação que mantém com o filho de 24 anos e o mais novo, fruto de seu relacionamento atual e também com a enteada:

> *Ah cara, dos meus filhos eu tenho a expectativa boa, extremamente boa para o [filho mais velho], acho que ele tá bem orientado, acho que o [filho mais novo] é meio perdido. Acho que ele ainda não sabe o que ele quer. Então eu espero que ele não se perca no caminho. (...) A [enteada] é muito madura pra idade dela, ela tá com dezesseis. Ela não definiu exatamente o que ela quer, mas ela é uma menina muito pegada, eu acho que ela vai ter grandes chances de conseguir o que ela quer. Vejo ela com um caminho meio tranquilo, também. Eu acho que dos meus filhos, eu... Eu só tenho realmente preocupação maior, hoje, é com o [filho mais novo]. O cara que me tira o sono hoje é o [filho mais novo]. Ele... Ele me preocupa demais.*

Antônio deu a entender que em relação aos filhos da primeira união, que tinham 20 e 18 anos no período da separação, e a filha 22, sempre participou da vida deles em conjunto com a ex-esposa:

> *Aí com eles eu sempre tive participação. Sempre, totalmente diferente. Mantemos uma relação sempre que necessário* [com a mãe], *e sempre em relação aos filhos.*

É interessante notar como as exposições de Antônio tocam apenas superficialmente os assuntos sobre as relações familiares e os sentimentos associados a elas parecendo revelar grande

dificuldade de alcançar lembranças e quaisquer sentimentos que se refiram a sua família. Ou ainda talvez apenas demonstre o desconforto do participante em falar sobre esses temas com o pesquisador. Quando interrogado sobre a relação com os filhos do primeiro casamento, limita-se a responder, apesar de moderadas insistências do pesquisador, que a relação é amistosa, profissional e formal, destacando a existência de vínculos de amizade:

> *Os filhos, é... tenho uma relação amistosa.*
> [Pergunto se aceitaram bem a separação]
> *Aceitaram, aceitaram... e embora seja... diferente. É uma relação mais profissional também. Respeito, tudo bem, mas... com certeza eles gostariam que es estivesse casado com a mãe deles.*
> [Pergunto novamente sobre como é a relação com os filhos]
> *Muito boa.*

Quando questionado sobre o seu papel na vida das filhas do primeiro casamento, Pedro conta que, por já estarem com 28 e 26 anos, elas já estão seguindo a vida de modo independente e não tem qualquer tipo de problema atualmente, mas tenta orientá-las quando pode:

> *Não. Elas já estão tocando a vida delas. A mais nova tem as atividades dela, como que te falei, e... assim, eu tento orientar muito, conversar. A outra, eu também converso muito... ah, por eu ter sido gerente geral por muito tempo, para muitas coisas ela me liga e pede a opinião minha.* (...) *Elas já têm a vida delas né, estão adultas já, vivendo a vida delas. Teve uns problemas na época da separação, teve, mas aí elas cresceram, foram amadurecendo...*

O contato de Pedro com as duas filhas continuou apesar de elas morarem na cidade A e atualmente quase não o visitam em Ribeirão Preto:

> *Aí... então, e esse convívio mais próximo* [com as filhas] *eu que fazia. Mesmo morando por aqui em* [cidade A], *que é super distante, eu ia lá, tentava sempre tá perto. É...* [cidade] *também, distante, mas eu sempre tentava... estar próximo, né, perto não tinha como, né, as vezes muitas datas eu não estava próximo. Isso daí que sacrifica, né? Mas de resto sempre tentei estar próximo.*
> [Pergunto se as filhas o visitam]
> *Não, de vez em quando, assim, vamos pontuar uma... uma ou duas vezes por ano, porque elas têm os relacionamentos delas lá, nós temos aqui.*

Miguel viveu uma situação peculiar pois a ex-mulher passou a conviver com um companheiro imediatamente após à separação, o que afastou os filhos da casa materna depois de um certo tempo e foram viver na casa do pai. No entanto, a mãe procurou aproximar-se dos filhos

novamente e eles acabaram voltando para sua casa, mas logo depois saíram para cursarem faculdade em outra cidade. Interessante notar como Miguel trata a guarda materna com naturalidade, apesar de não a ter resolvido juridicamente:

> *Aí depois eles quiseram vir morar comigo, quando eu já estava com a* [atual esposa]. *Porque depois que a gente separou, pouco tempo assim, ela entrou num relacionamento e já pôs o cara dentro de casa, sem falar pros filhos sem sentar e ter uma conversa sabe? Ou se tivesse apresentado antes, saído um pouco, foi muito de supetão.*
> [Pergunto quantos anos eles tinham]
> *Ah, estavam na adolescência já né, e foi meio um choque para eles, um outro homem dentro de casa, e a outra pessoa não se preocupou muito com eles né. E eles ficaram meio revoltados e vieram morar comigo, e eu topei, eu que pagava tudo né. Aí quando eu conheci a* [atual mulher], *antes deles virem morar aqui, eu fiz isso de conversar com eles, fui indo aos poucos, falei dela, e eles começaram a ficar ansiosos pra conhecer ela, sempre falava quando falava com ela. Aí eu levei eles para conhecer, aí eles quiseram que eu ficasse com ela. E tanto que assim que começamos a morar juntos eles quiseram vir morar junto. (...) De primeira eles ficaram com ela* [mãe biológica] *porque a guarda é da mãe né, aí vieram morar comigo, mas depois de um tempo começou a sentir muita falta, pediu desculpas, já tinha separado do cara, mas aí logo eles foram pra faculdade e tal.*

Parecendo se confundir, Miguel esclarece que os filhos já eram adultos no momento da separação e por isso pouco participou da orientação deles:

> *Então, quando a gente separou eles já estavam quase se formando, a* [filha] *já trabalhando já então não teve muito o que…*

No entanto, Miguel é o único pai que vive um impasse com o filho do primeiro casamento com quem teve um rompimento quando este já era adulto, e o motivo seria o ciúme que o filho sente pelo enteado. Já o relacionamento da filha da primeira união com a atual esposa é tão positivo a ponto de causar ciúme na mãe biológica:

> *Então, com a* [filha do primeiro casamento] es*tá normal, ela está em* [outra cidade] *casada, dá aula, o marido dela trabalha numa empresa lá, ela vem para cá, dorme aqui, vem visitar, tudo certo. E o* [filho do primeiro casamento] *tá daquele jeito que eu falei. (...) Só depois agora adulto que o* [filho do primeiro casamento] *ficou meio enciumado, achando que eu estava dando mais preferência para o* [enteado]. *E faz um tempo que não conversa comigo. (...) A* [filha do primeiro casamento] *se dá super bem* [com a atual esposa], *melhor até que com a mãe dela, ela faz mais questão de vir aqui em casa e trazer o filho dela do que na mãe em Ribeirão, a mãe até tem ciúme (risos). O Marcelo se dava bem, mas por causa dessa*

> *bobeira que eu acho que é ciúmes ele achou que num dei atenção pra ele na hora que ele precisava, mas eu não tinha mesmo, e ele acha que não, mas ele foi muito radical, parou de vir!*

Discorrendo sobre as relações com os filhos da primeira união Gabriel esclarece que ainda são muito próximos dele hoje em dia e que mantiveram bom relacionamento com a filha da segunda esposa que faleceu e com a qual também viveram uma boa relação:

> [Pergunto se os filhos do primeiro casamento são próximos] *Sempre muito próximos. O* [filho mais novo] *sempre tá comigo e agora está trabalhando comigo. O* [filho mais velho], *o mais velho, tem um restaurante aqui, estou sempre com ele lá e ele ficou uns cinco anos na fazenda comigo.* (...)
> [Pergunto como é o relacionamento dos filhos com a enteada da segunda esposa]
> *São bem amigos. Meus filhos conversam com a filha dela até hoje, sempre nos encontramos em reuniões de família. E minha segunda mulher também conversava com meus filhos se davam muito bem.*

João e Pedro relatam maior responsabilidade na socialização e imposição de limites dos filhos do primeiro casamento por parte da ex-mulher. Assim, a maior proximidade com a mãe, já que os filhos moram com ela após a separação, acarreta maior responsabilidade pelos filhos (L.C.E.C. SOARES, 2012; SARAIVA, 2013).

> *Quer saber de uma coisa, mudou a relação dos meus filhos, com a minha separação. E muito. Porque eles também, eu parei de fazer o papel de, de restrição, entendeu? Eu parei. Parei com isso. Eles ficaram, então, melhor do que eles eram quando eram adolescentes.* João

> *Ah foi com a ex-mulher. Inclusive meu ex-sogro, como eu falei para você, ele é muito gente boa, elas adoram ele, entendeu, então ele... eu creio que ele ajudou muito também, pela distância, mais pela proximidade dele, ele ajudou bastante.* Pedro

De modo geral, os depoimentos dos padrastos indicam um limite de participação na socialização dos enteados e no exercício da autoridade sobre eles e não substituem o pai biológico quando este se encontra presente da vida dos filhos (WATARAI, 2010) como consta da fala de João:

> *Ah não, eu não tenho nada a ver com isso, cara. Não entro nessa seara. Eu converso muito com a* [enteada], *a gente troca ideias, ela vem falar comigo, tem coisas que ela pergunta como conselheiro. Mas eu não me sinto em... no aspecto... Autorizado a dar bronca na* [enteada]. *Isso não é meu papel não, isso é coisa da mãe dela, mesmo. Então assim, eu não*

> *interfiro em absolutamente nada, o mínimo possível. Só quando ela me pede algum conselho, mas a gente tem uma relação ótima.(...)*
> [Pergunto se as decisões sobre a enteada são responsabilidades da esposa atual]
> *É, é mais com a* [atual esposa] *que fica. Assim como dos meninos, também, a* [atual esposa] *dá muito pouco palpite. Não interfere. Até porque eles são adultos, né? Nessa nem eu interfiro. Depois dos dezoito, meu filho, cada um por si e Deus pra todos.*

José conta como foi o primeiro contato com as duas enteadas quando estas tinhas cinco e oito anos, e como foi se aproximando delas aos poucos até conseguir manter uma relação positiva e inclusive elas se dirigem a ele chamando-o por seu nome. Porém afirma que não espera ser amado por elas provavelmente pelo fato de ser padrasto, ressaltando, assim, o respeito mútuo e o exemplo que tenta passar:

> *Ah, o primeiro contato com elas* [enteadas] *foi legal porque elas eram crianças né, cinco e oito anos e eu comecei a frequentar a casa delas aos poucos então já foram acostumando comigo, eu sou muito tranquilo, então foi muito de boa, uma aceitação tranquila. (....)Muito boa* [a relação com elas], *eu comento assim ó, eu nunca espero que elas me amem entendeu? Só espero que elas me respeitem e quanto a isso a gente tem uma tranquilidade muito grande, eu respeito elas, elas me respeitam, eu nunca espero que elas vão me amar, que isso é impossível, e o que eu tenho passar pra elas é a linha de ser uma pessoa trabalhador, ser uma pessoa dedicada as coisas que eu faço, tento ser uma pessoa correta, eu passo isso pra elas, é lógico que elas vão ter isso pra elas, carregar isso com elas. É isso que eu quero, passar pra elas e pros meus filhos, aliás, pra todos que convivem comigo.*

E José prossegue:

> *Eu não tenho muita influência em relação à educação delas* [enteadas], *é mais minha esposa, um pouco que ela tem mais contato do que eu e outra, elas já estão numa fase adolescente então eu prefiro que elas sigam a opinião da mãe do que a minha opinião, que sou padrasto né, as vezes evitar um atrito. Eu não tento impor situações a elas, porque pode ser que não vá dar certo. (...)*
> [Pergunto se não é papel dele]
> *Não é que não é meu papel, o fato de eu ser padrasto, eu sinto a interpretação delas diferente do que se fosse o pai. É lógico, tudo que minha esposa passa de educação, a gente tá sempre em contato, eu com a minha esposa, agora minhas meninas, não tanto. Até porque mesmo a de noite quando chego elas tão em casa estudando ou no quarto delas, então eu não interfiro muito na educação e lógico, minha esposa troca ideia comigo, mas a palavra final em ralação a educação das meninas, é dela.*

Sobre as conversas ou outras atividades com as enteadas, José relata certa distância e falta de tempo porque trabalha nos finais de semana e por elas terem gostos muito diferentes por serem adolescentes, preferindo sair com as amigas ou namorados.

> *Muito pouco, porque eu trabalho no final de semana, que é o dia que teoricamente elas têm folga então a gente não fica muito tempo junto, não faz muita coisa junto, por quê? Elas são adolescentes, as coisas que eu faço junto não tem muito interesse para elas e outra, a gente quase não sai, quase não passeia por causa desse lance do final de semana. Então vamos supor, chego em casa num sábado, num domingo, quatro horas da tarde, o que eu faria com elas sábado de tarde? Então elas combinam de sair com as amigas, sai com namorado, que agora elas já estão namorando então a gente não sai, diferente do meu menino que tem cinco anos que é meu filho. Igual, eu tenho folga na segunda feira aí o único dia que eu tenho de folga eu fico com meu menino, parte da tarde, a tarde toda, é diferente, por quê? Elas já são adolescentes as coisas que eu gosto elas não gostam, porque elas são mulheres, então essa é a diferença, a gente não faz coisas em comum.*

José comenta que o relacionamento das enteadas com seu filho do primeiro casamento é bom e que passam o dia de visita da guarda compartilhada juntos. Ele ainda relata que o pai biológico das enteadas parecer ser muito amoroso com elas embora passem pouco tempo juntos:

> [Pergunto se as enteadas conhecem o filho do primeiro casamento]
> *Conhecem, elas convivem todo sábado né.*
> [Pergunto como é entre eles]
> *Ah, é super legal, ainda mais que elas já são adolescentes, é super legal, apesar de que adolescente parece que eles gostam de ficar cada um no seu quadrado, não tem o perfil de misturar muito, mas ele convive super bem com elas.*
> [Pergunto da relação delas com a ex-mulher]
> *Não, nenhum, nem eu não tenho.*
> [Pergunto do contato com o pai biológico]
> *Ele tem mas muito pouco, ainda mais que ele não mora em* [cidade atual] *e a nossa vida é bem corrida também, então é muito pouco contato, parece que elas não fazem muita questão de estarem com o pai, a vida que a gente leva aqui também é muito corrida, o pai não mora em* [cidade atual], *mas eles tem um bom relacionamento, ele é muito amoroso com elas, atencioso mas não se veem toda semana, é mais de vez em quando assim. Ele trabalha com comércio também, a vida dele é bem atribulada.*

José descreve a diferença de tratamento entre seu filho de cinco anos com a relação que teve com as enteadas que tinham cinco e oito anos no começo de seu relacionamento com a mãe delas.

> *Totalmente diferente, meu menino é meu filho entendeu, então eu não tenho que dar satisfação nenhuma pra ninguém pra poder educar meu filho a não ser pra minha esposa né. Com ele o que estiver certo está certo e o que estiver errado eu falo por mim, não vou falar para minha esposa para falar para ele, como é com as meninas, não tem um intermediário nessa relação. Assim como nos momentos que ela está com ele ela vai educar ele do jeito que ela achar certo e quando a gente está junto a gente tem um consenso.*

A relação de Miguel com o enteado começou quando este tinha apenas três anos e eles foram se aproximando cada vez mais e hoje os vínculos entre ambos são muito intensos, o mesmo não ocorrendo entre o enteado e seu pai biológico, que é bastante ausente. Tratam-se de "pai" e "filho", apesar de Miguel dizer que utiliza um apelido para o enteado e completa relatando que este conhece seus familiares com os quais convive muito bem:

> *Como ele era criança* [o enteado], *ele tinha três anos né, criança é criança né, eles são autênticos, no começo fica meio inibido, não me conhecia né, mas fui me aproximando, brincando com ele, fazendo amizade mesmo, quando viu a gente já estava entrosado e tudo.* (...) *Ele* [enteado] *me chama de pai e eu chamo todo mundo por apelido na verdade, mas às vezes falo filho, considero ele um filho. A gente tem um relacionamento que ele não tem como o pai biológico dele né. Eu que ensinei as coisas pra ele, tudo.* [Quanto à relação com os parentes de Miguel] *Sim, minhas irmãs, tudo, a gente se encontra todo ano, reúne a família no natal e no ano novo, então todo mundo sempre junto, se relaciona bem, todos os filhos e tal.*

Por outro lado, Miguel diz dividir essa tarefa com a atual esposa e parece não diferenciar a relação mantida entre a filha e o filho do primeiro casamento, de 38 e 33 anos, as filhas de 23 e 16 anos do segundo casamento, e com o enteado de 27. Com relação ao enteado do casamento atual, Carlos declarou dividir essa responsabilidade, desde quando ela tinha quatro anos, não somente com a mãe mas também com o pai biológico dela e que a visita com frequência.

Vivendo um arranjo familiar pouco comum, Gabriel é o único entrevistado que vive em terceira união. No começo do relacionamento com a enteada de 13 anos, filha da segunda mulher, Gabriel conta que teve dificuldades em se aproximar e conversar com ela e que não faziam nada juntos. Acreditando que ao assumir uma enteada deve-se criá-la como uma filha, com o tempo e a convivência a relação foi se formando e hoje nutrem uma relação amorosa "igual pai e filha" e que vai além do que ele percebe que os filhos biológicos sentem por ele.

> [Pergunto se houve dificuldade no começo do relacionamento com a enteada]

> *Sim, uns dois ou três anos. Difícil. Ela tinha um gênio muito forte também, mas depois ela foi ficando maleável, foi crescendo e hoje é uma simpatia de mulher.* (...) *Acho que se você assume você tem que criar igual filho. (...) quando ela foi crescendo, com uns 15 anos começou a gostar de mim... Hoje a gente tem uma relação igual pai e filho. (...) parece que ela tem mais amor em mim do que meus filhos. Liga toda semana falando que eu não vou ver ela, que não vou a casa dela.*(...) *Depois que fui morar com ela tive mais relação com ela do que com meus filhos. Meus filhos moravam tudo fora, não morava comigo. A gente viajava sempre junto, sempre os três. Aonde ia um iam os outros, não separava. A relação foi de pai e filha mesmo.*

Ademais, Gabriel comenta que a enteada participa da família e que apesar de não chamá-lo de pai, ele não hesita em chamá-la de filha, esclarecendo que o pai biológico não aprova o uso dessa denominação:

> [Pergunto da relação da enteada com a família]
> *Muito, participa da família. Sempre íamos pra fazenda, ficava lá fim de semana, até hoje.* (...) *Não, ela me chamava pelo nome, ela nunca me chamou de pai. Eu que chamava ela de filha. E o pai dela achava ruim. Mandava recado falando que a filha era dele e não minha.*

Interessante notar também que Gabriel expressa não querer ser "visto como um cara mau" por interferir na educação da enteada que tinha 13 anos no começo do segundo relacionamento, provavelmente referindo-se ao valor simbólico negativo atribuído aos padrastos (WATARAI, 2010):

> *(...) porque eu não queria me impor para também... ficar visto como um cara mau: "Ah mas meu pai é meu pai, você vai ficar falando isso daí para mim porque?" Eu achava assim, então a* [esposa] *conversava e, dependendo da gravidade do assunto, ligava para o pai dele, mas foi muito pouco, nossa, pouquíssimas vezes. Mas... bem tranquilo mesmo.(...) Eu achei que ele tem que ter o pai dele. Porque não pode perder esse vínculo, eu vou estar sendo muito injusto, muito egoísta, muito errado, de tentar suprir o pai dele, não, de maneira nenhuma. Eu tenho que orientar, não posso amarrar. Ele quer sair, se ele quiser se drogar, você vai fazer o que? É até pior, porque se você fazer um monte de coisa, você vai acabar segurando para saber como é que é, então você orienta. Orienta, sempre orientando, eu acho que dá certo. Orienta, e reza, porque... em uma cidade deste tamanho, você não vai saber as amizades que ele tem, você não vai querer também conhecer todos os amigos, você não vai pagar mico desse jeito. Então, tem que orientar, é orientando que a pessoa vai se... né.* (...)
> [Pergunto quem ficou responsável pela educação da enteada]
> *A mãe dela. Nunca dei opinião na filha. Nunca falei nada com ela, se tivesse que falar alguma coisa falava com a mãe, nunca com a filha*

> [Pergunto se o pai biológico tinha algum papel na educação]
> *Lá dentro da casa o que precisava a mãe ainda ligava pra ele e falava, né. E ele bravo demais. E ela morria de medo do pai.*

Da união com a terceira mulher, Gabriel tem um enteado que chegou a conhecer, mas não convive com ele pois mora no exterior. Apesar disso, afirma que o enteado aprova a união dele com a mãe e que tem problemas com o pai:

> [Pergunto como é a relação dos filhos e da enteada com a terceira mulher]
> *Normal também. Nenhum atrito.* (....)
> [Pergunto se a terceira mulher tem filhos]
> *Tem, um.* (....) *Não, ele não mora nem no Brasil, mora no* [país estrangeiro].
> [Pergunto como é para esse filho a nova união da mãe]
> *Ele apoia a mãe, achou uma maravilha. Foi tranquilo. Porque o pai dele é complicado, que também mora no* [país estrangeiro]. *Ele mora longe do pai, o pai acho que ninguém combina com ele. Eles ficam três, dois anos sem ver o pai, eles não têm muito contato.*

Quando a questão é autoridade e imposição de limites, Antônio diz que certas posições devem ficar bem claras em relação aos enteados que conheceu quando tinham 14 e 16 anos e a enteada 10. Ele e enteados não parecem nutrir afeto e intimidade suficientes para que qualquer tipo de diálogo seja elaborado, já que ele expõe que as orientações devem originar-se de imitações ou interpretações implícitas de comportamentos e não através de explicações verbais. Quem cuida dessa parte são os pais biológicos, mais especificamente a mãe:

> *Tem coisas que você pode definir... é... tem coisas que você não tem o que falar. Por exemplo, o comportamento deles, se namora, se não namora, se casa, ou se não casa... isso eu não posso dar palpite, é problema deles. Agora, dentro da nossa casa existe uma... as regras da casa, e eles devem se comportar sim. Eu acho que nessa fase, que eu me casei com 54 anos... essa orientação vem muito mais do seu comportamento, dele enxergar seu comportamento do que propriamente você ser didático e explicar comportamentos, certo. Quer dizer, eles era... o mais novo tinha 14,15 anos, quer dizer... então eu não vou chegar nesse menino e falar "não faça assim" ou "faça assado". Quer dizer, numa conversa, almoço eu posso dar a minha opinião. Agora, a mãe dele que cuidava dessa parte.*
> [Pergunto se o pai biológico tem papel nessa parte}
> *É claro que ele deve ter participação, e eu não me envolvo nisso.*

Pedro relata as primeiras aproximações já muito positivas com o enteado quando este possuía apenas cinco anos, pois conviviam nos mesmos contextos pelo fato de a atual esposa

compartilhar local de trabalho comum a ambos. Também é importante ressaltar que ele e o enteado se tratam pelos nomes próprios:

> [Pergunto sobre o primeiro contato com os enteados]
> *Bem tranquilo, bem de boa. Ele conversava bastante, porque, até... no início... é... em churrascos que a gente fazia na caixa, antes da gente ter... ele sempre, ele era uma figurinha, bem pequenininho, a gente conversava, brincava, entendeu, porque não era uma agência* [bancária] *grande também, né, lá em* (outra cidade próxima a Ribeirão Preto) *era uma agência boa, mas pequena, então você sempre tinha contato com todo mundo, a* [atual esposa] *às vezes levava ele lá na agência por falta de... empregada, porque eu acho que o marido dela também trabalhava na época, e... não tinha com quem deixar o menino, de vez em quando ela levava ele lá, entendeu, então, conversava... ele me conhecia antes de a gente ficar junto, então não teve tantos problemas não* (...)
> [Pergunto se brincavam quando o enteado era criança]
> *Ah brincava. Nós moramos lá em* [outra cidade] *em uma casa que tinha piscina, a gente ficava na piscina.* [Outra cidade] *também, sempre tivemos umas casas... umas doideras, piscina e tal. Brincava, jogava bola. (...) Mas assim, a gente conversava bastante, jogava bola... um relacionamento normal, o que eu acho normal, porque, a outra família...*

Atualmente, Pedro diz que ele e seu enteado se respeitam e devido à idade deste não interagem tanto quanto antes:

> *É assim, ele* [enteado] *me respeita muito, eu também respeito ele, lógico, todo mundo tem que ser... tem que ter o... o seu espaço.(...) Então, é o que falei, ele tem o círculo de amizade dele, da faculdade, do trabalho, então ele não está mais ficando em casa. Ele tinha uma namorada, acabou com namorada uns tempos atrás, agora só está com a molecada, mas já já engancha com outra menina aí de novo, né. Mas ele tem agora os círculos de amizade dele.*

Pedro também diz que suas filhas convivem bem com seu enteado de 21 anos, apesar dos problemas que elas tiveram com a segunda esposa logo após a separação. Mas hoje em dia a relação mudou bastante e é harmônica:

> [Pergunto da relação das filhas com o enteado]
> *Tem, conversa com ele. Quando vem para cá, é difícil a gente ir para* [nome da cidade], *mas elas vêm aqui, conversa numa boa com ele, bem tranquilo.*
> [Pergunto se a relação das filhas com a atual esposa mudou]
> *Mudou, mudou, como eu te falei elas vão crescendo, vão tomando uma outra forma, entendeu. Por mim também vê que ela me trata bem, quer dizer, se quer bem a mim, não vai querer mal para elas, não é verdade? Então eu acho isso daí... por aí que elas começaram também a entender,*

> *que até então elas não entendiam, elas pegavam só o que elas filtravam que vinham das outras, né.*

Pedro descreve que os vínculos entre o enteado e o pai biológico são raros com poucas visitas, e a maior parte do contato entre eles é por telefone. Atualmente a relação entre a atual esposa com o ex-marido é praticamente nenhuma:

> *(...) quando a* [atual esposa] *acha importante ela liga para o pai dele, quando ele era mais novo, que ele era rebelde, a* [atual esposa] *ligava, para posicionar, para ele entender também. Aí o pai dele vinha, ou ligava, conversava com ele, entendeu, (...) então ela conversava e, dependendo da gravidade do assunto, ligava para o pai dele, mas foi muito pouco, nossa, pouquíssimas vezes. Mas... bem tranquilo mesmo.*
> [Pergunto se o pai biológico visita o enteado]
> *Não, é muito difícil. Olha, o [enteado] ia lá sempre no final de ano, só nos finais de ano, ele ia lá, passava o... não sei se era o natal, o natal ele passava com o pai, depois passava com a gente aqui.* (...)
> [Pergunto se Pedro e a atual esposa mantém contato com o pai do enteado]
> *Com o pai dele? Não.* Pedro
> [Pergunto se não existem problemas]
> *Sem problemas.*

Carlos já é mais direto ao enunciar que não diferencia o tratamento entre a filha de quatro anos fruto de sua segunda relação e a enteada de 10, inclusive enfatizando que a enteada, quando em casa com a família, é considerada filha dele. Quando interrogado sobre a participação do pai biológico na socialização de sua enteada responde que este participa, e deixa a entender que exerce autoridade em relação à criança participando ativamente de sua socialização e promovendo sanções e que o pai biológico não interfere.

O contato de Carlos com ambas as enteadas, do primeiro e segundo casamento, se deu em uma época bem precoce de suas vidas, talvez indicando a proximidade e facilidade da interação com ele. Além disso, menciona o fato de gostar muito de crianças, o que para ele seria uma característica hereditária:

> [Pergunto como foi o primeiro contato com a enteada atual]
> *Foi bom. Acho que ela tinha 2 anos, 1 ano e pouco...*
> [Pergunto se aceitou bem a relação]
> *Aceitou.*
> [Pergunto sobre a enteada do primeiro casamento]
> *Isso, já foi se conhecendo. Na minha família inteira acho que todo mundo... sempre gostou de criança, sabe... para cuidar, tudo, a gente sempre... foi muito amoroso por parte de... de criança, essas coisas.*

Na vida diária com a filha e enteada, Carlos ressalta uma relação íntima, com bastante convivência e brincadeiras e com muita atenção e cuidado, já que deixa bastante clara a preocupação com o perigo que é morar em um bairro de periferia:

> *Ah eu chego, elas já vêm, e brinca comigo, tudo, eu falo: "não, vou tomar um banho", e elas já pede para sair, porque daí tem as amiguinhas... e elas não sai da minha casa. As minhas filhas não saem de casa, com o portão fechado, tudo, elas não ficam na rua, sabe? Elas esperam eu chegar, aí elas pedem para ir na casa de uma amiguinha ou outra, aí eu levo. A relação do dia-a-dia é isso, a gente volta para casa e é tudo normal, elas brincam, a gente brinca, tudo normal.*
> [Pergunto se a filha e enteada só saem acompanhadas]
> *É só acompanhado, ou eu ou minha esposa, na rua sozinha não sai.*
> [Pergunto se seria por causa do perigo]
> *É, por causa do perigo, porque eu moro no Progresso, né, eu não posso deixar minha filha andando para lá e para cá, hoje em dia ela está com... via fazer 11 anos, então ela já estar quase uma mocinha, eu não posso deixar ela ficar andando na rua, né. É complicado. Até a minha de 4 anos, não posso abrir o portão e deixar brincando... Para mim é assim, o meu cuidado com elas é o maior.*

Carlos revela uma conversa notável com a enteada da família atual relacionada à nomenclatura dos membros da família. As transformações familiares intrigaram a própria enteada e ela mesma questionou o padrasto sobre como deveria referir-se a ele. Chegaram então a um acordo em que ela o chamaria de tio, "para não misturar as coisas" pois ela tem o pai biológico que a visita com frequência, o que não diminuiria o carinho que sentem um pelo outro:

> [Pergunto como a enteada o chama]
> *Tio.*
> [Pergunto se a chama de filha]
> *Eu chamo ela de filha. Por opinião minha. Ela chegou um dia e para minha esposa: "posso chamar você de pai?", daí eu converse e falei: "olha, não pode porque você tem seu pai, seu pai te pega toda vez". Então, a gente tem um carinho de pai, mas me chama de tio, "eu sou seu pai do mesmo jeito, mas é tio, porque você tem seu pai". Aí fica complicado, se o pai vem te pegar e você me chama de pai e ele de pai, então eu sou seu tio e ele é seu pai. Isso é separado desde quando a gente foi criado. Igual eu falei, educação eu não separo as coisas. Tem que ser realista, né, no que faz. Se é o pai dela, é o pai dela, eu sou o tio dela mas tenho carinho de pai, mas é tio e pronto, entendeu?*
> [Pergunto se ela então quem perguntou sobre com nomeá-lo]
> *Ela que fez a pergunta, "posso chamar você de pai", aí eu conversei muito, e falei "pode, se você chamar em casa, mas fica complicado, a gente sai, aí você vai sair com seu pai, é pai, aí pessoa vai te perguntar, você tem dois pais?" Eu falo, não, eu sou o tio, mesmo carinho, é a mesma coisa.*

> [Pergunto então se seria somente para diferenciarem-se]
> *Só para diferenciar pelo nome. E... para não misturar as coisas, né, nem ficar complicado para a criança depois que ela crescer, entendeu?*

A relação com a enteada do primeiro casamento parece ter sido muito próxima e afetiva quando conviviam juntos, não sofrendo abalos desde então. A mãe da enteada casou-se novamente após a separação e ela, que chamava Carlos de pai, passou a utilizar o termo tio para referir-se a ele, já que chamava de pai o novo companheiro da mãe.

> [Pergunto se era próximo da enteada do primeiro casamento]
> *Bem próximo. Eu chegava todo dia em casa 5 horas, 6 horas do serviço e a gente convivia lá, normal, todo mundo junto, brincava junto, bastante. Por isso que até hoje ela me ama, gosta muito de mim.*
> [Pergunto se mantiveram contato]
> *Mantemos.*
> [Pergunto a idade atual da enteada]
> *13 anos.*
> [Pergunto se chamava de pai]
> *Ela me chamava de pai. Sempre chamou de pai, hoje ela me chama de tio, porque a mãe dela, hoje em dia, é casada, e ela chama o rapaz de pai. Depois que eu larguei, com 5 anos. Mas a gente tem uma relação boa.*

Questionado sobre a relação do pai biológico com a enteada atual, Carlos diz que ele a visita com frequência e descreve um cronograma similar do que seria a guarda compartilhada, porém revela que a guarda não foi efetivada juridicamente e que não interfere na relação da ex-mulher com o ex-marido. Parece, na verdade, não interferir de maneira nenhuma no campo dessa relação, a não ser quando se trata da educação da menina:

> [Pergunto se o pai biológico tem uma relação com a filha]
> *Tem. Ele pega na escola, eu deixo. Para mim é normal, ele vai lá na porta de casa, eu deixo, tudo normal.*
> [Pergunto o que fazem juntos]
> *É, de 15 em 15 dias ele pega ela e leva para a casa dele, que ele mora com a irmã dele. Ele leva para lá.*
> [Pergunto sobre guarda compartilhada]
> *Não, não. Não tem guarda compartilhada. Eu nem.. até eu... se for falar a verdade eu nem sei se ela paga pensão. Isso é entre ele e a minha mulher, eu só me envolvo na educação (...)*

Os entrevistados, enquanto pais e padrastos, procuram orientar filhos e enteados quanto ao futuro e suas posturas apresentam pontos em comum. Os valores que José procura transmitir no processo de socialização dos filhos e enteadas compreendem responsabilidade, princípios morais e preservação do contato com a família:

> *Do que eu falei já né, do trabalho da retidão, da responsabilidade, de respeitar as pessoas principalmente, independente de qualquer situação, valorizar a família, porque isso é muito importante, não importa onde você more, o que você esteja fazendo, sempre tendo contato com a família, sempre preservar isso né, porque hoje em dia parece que as pessoas esquecem disso. Então que o que eu falo, preservar essas coisas, passar pra eles.*

Quanto ao futuro dos filhos e das enteadas, José divide o que pensa sobre educação mas em dois pontos distintos: o primeiro refere-se a aspectos da socialização que dizem respeito à conduta moral e necessária para assegurar harmonia familiar, para que não existam atritos que poderiam culminar em desintegração familiar; o segundo, exigência de escolarização, conhecimento e competências profissionais oferecidas pelo ensino superior:

> *É o que eu falo, a partir do momento que tem... Igual eu falo que a vida que eu vivo em relação aos meus filhos, igual as meninas são minhas filhas, olha tempo que a gente tá junto, eu falo, só esse lance da educação que eu deixo mais pra minha esposa passar essas noções pra gente ter harmonia dentro do lar e não ficar tendo atrito, mas é o que eu falo, a gente trabalha pra caramba pra dar um suporte pra que eles sejam cidadãos do bem, que trabalhem, que estudem, que pensem no futuro, que queiram ter família, e logicamente, me deem netos (risos) Então a gente trabalha em função disso né? Pra que eles tenham uma boa educação, pra que no dia de amanhã eles estudem e tenham bons empregos, boas profissões.*
> [Pergunto se espera que todos façam faculdade]
> *Todos, com certeza, a oportunidade que eu não tive a gente tá aí se ralando, se desdobrando pra fornecer pra eles tanto que a menina de dezoito já faz faculdade aqui em* [nome da cidade], [nome do curso]. *Então a gente tá aí ralando correndo pra poder dar uma educação melhor do que a gente teve né, ainda mais esse mercado competitivo de hoje, se a pessoa não tiver uma especialização, não tiver uma faculdade que dê um suporte, você não chega a lugar nenhum, hoje a exigência é muito grande em relação a profissionalismo e capacitação.*

É bastante sugestiva a afirmação de José explicitando que cabe à esposa transmitir orientações de cunho moral voltadas para manter a harmonia da família enquanto afirma que cabe a ele a responsabilidade de orientar a escolarização das filhas e enteadas. Numa clara divisão do que denomina de “educação”, ele repõe os princípios da divisão sexual do trabalho no processo socializador, diferenciando os âmbitos da esfera privada, cujas orientações devem ser transmitidas pela mãe, e da pública, que deve ser feita pelo pai.

De maneira semelhante a José, Pedro procura passar para as filhas e a enteada, princípios morais de honestidade e fidelidade familiar:

> *É honestidade, a união, a fidelidade, a cumplicidade. Numa família todos têm que ser cúmplices do bem. Que que é o bem? É não prejudicar nunca ninguém, entendeu, é o que eu sempre penso, aja da forma correta que seus filhos vão ver.*
> [Pergunto se procura ser um exemplo para as filhas e enteado]
> *Exatamente. Orientar sempre, sempre orientar, mas sempre agir da forma que você acha que é correta, e eles vão te tomar como exemplo.*

Para o futuro de seus filhos e enteado, Pedro almeja nada mais que a felicidade, seja qual for o sentido que cada um particularmente atribui à própria felicidade. Talvez pelo motivo de ter a aposentaria à vista, Pedro aproveita e também relata o que gostaria para seu própria futuro:

> *Vamos lá. Espero que eles tenham felicidade, quero que eles sejam felizes. Tendo dinheiro ou não, tendo riqueza ou não, mas o mais importante é que eles sejam felizes, com os parceiros deles, é... tenham felicidade, o que é felicidade? Eles que vão definir o que é felicidade para eles, que eles estejam bem, com saúde... E para mim e a minha família, eu se Deus quiser vou me aposentar, a* [atual esposa] *aposentou já, mas ela continuou trabalhando. Eu quero viajar mais, é... acho que é muita bacana a experiência de ir para o exterior. Então, o que eu mais quero, é viver bem com a minha família, lógico, com as pessoas próximas de mim. Eles tb, os meus filhos, né, e todos os nossos parentes. E... poder desfrutar um pouquinho agora que vou parar trabalhar, descansar, fazer o bem... eu tenho uma intenção de... é o que eu sempre falo, a hora que eu estiver mais livre acho que vou conseguir ajudar mais... a fazer caridade.*

Miguel vem tentando socializar os filhos no sentido de não se importarem somente com dinheiro, cita a necessidade de desenvolver outros valores, entretanto não especifica exatamente quais seriam:

> *Eu nunca incuti neles, nem coloquei para eles que o dinheiro é a principal coisa, que eles tem que se formar, trabalhar, formar empresa e isso e aquilo. porque a vida vai passar, vocês vão fazendo as coisas mas não se iludam com dinheiro não, se realizem, mas não se iludam com gastar o tempo de vocês se matando pra ficar rico, e graças a deus eles tão bem, trabalham, tão formado, tão tocando as suas vidas, e acabaram ficando bem, classe média assim. O* [filho] *é mais ambicioso, por isso acho que acaba fazendo umas* [decisões erradas], *ele é mais vidrado em ganhar dinheiro. O* [enteado] *é mais desapegado, tá subindo na empresa mas vai no ritmo dele, tranquilo, então tenho incutido isso neles, tem que ter outros valores, essa ilusão do dinheiro estraga muito a vida das pessoas, hora que a pessoa vê ela tá com setenta anos e não adiantou nada, dono*

> *de um monte de coisa e a vida passou. Claro que não vou falar que não é bom você ganhar um dinheiro bom, ter uma vida estabilizada, sobrando é melhor do que… mas não querendo acumular demais e gastar tempo só com isso.*

Quando indagado sobre o futuro dos filhos e enteados, Gabriel coloca sucintamente que espera que "cresçam na vida". Termina dizendo que não há outra maneira a não ser torcer pelos filhos, indicando a perenidade da filiação com os filhos e enteados, apesar de não se referir mais especificamente em relação a estes:

> *Acho que qualquer pai espera que os filhos cresçam na vida. Hoje o que eu puder fazer pra ajudar meus filhos eu faço pra eles. A gente tem que torcer pelos filhos, né? Não tem jeito.*

Questionado sobre o que pensa do futuro de filhos e enteados, Antônio limita-se a descrever as situações profissionais dos filhos já estabelecidos e com família e relata o processo de "desenvolvimento" em que os enteados se encontram, podendo-se inferir que espera o sucesso profissional e estabilidade destes:

> *Os meus filhos, né, eles já estão bem encaminhados. A minha filha mora nos [outro país] há 19 anos, tenho uma neta lá de nove anos...*
> [Pergunto sobre os outros dois filhos]
> [Descreve a situação dos dois filhos]. *Os enteados, como são mais jovens, estão em fases, assim, mais... é... de desenvolvimento.*
> [Pergunto se estariam em fase de estabelecimento]
> *É,* [Descreve o percurso profissional e situação atual dos enteados]

Da mesma maneira que José, Antônio destaca o fato de ser e apresentar-se como um modelo de socialização para os filhos e enteados:

> *Eu acho que é... a... os seus filhos crescem com você. Eles veem o seu comportamento, e você passa, você é modelo. Os enteados vêm com o modelo da família que eles foram criados. O mais importante nesse processo é respeitar os modelos, desde que não tenha um modelo... nesse modelo tenha coisas que possam ser... imorais ou amorais, certo? Se tivesse algum filho ou enteado que fosse, por exemplo, drogado, eu poderia participar, e orientação e dar palpite, mas felizmente esse problema nós nunca tivemos. Quer dizer, cada um tem um comportamento bem social, assim, aceito pela nossa sociedade.*

As orientações mais importantes que Carlos transmite através da socialização das filhas e da enteada referem-se à necessidade de trabalhar para assim conquistar o que se deseja e procura

exemplificar isso mediante o ensino e controle de tarefas domésticas que, se não realizadas apropriadamente, são passíveis de punição:

> *Primeiro, e depois ensinar elas que na vida é fácil. Tem que trabalhar, e tudo, para você conquistar, você tem que fazer, tem que trabalhar. Eu ensino para a [filha] e até hoje, eu falo "faça, que você vai ter", tipo a... "a sua tarefa é lavar louça, passar um pano de vez em quando, e o seu aniversário é no fim do ano, se você não fez nada, não tem nada", comigo é assim, entendeu? A gente tem que ensinar que trabalhando que se tem as coisas, entendeu?*

A fala de Carlos, que não tem filho ou enteado do sexo masculino, é elucidativa da diferenciação da socialização de acordo com o gênero já que a tarefa da filha é "lavar louça". Em contraposição a essa manifestação impregnada por uma visão estereotipada do trabalho feminino, Carlos finaliza sua exposição dizendo que deseja muito "estudo e muito trabalho" para o futuro das filhas e da enteada, pois aprendeu por experiência própria e com a família de origem que somente com muito estudo e trabalho é que se vence na vida:

> *Eu desejo para eles que eles... sejam trabalhadores, igual eu, né, que eu tento ser mais igual a minha família, que a minha família é muito trabalhadora... e que conquiste alguma coisa na vida, igual eu venho conquistando. É isso que eu desejo para eles, muito estudo e muito trabalho, e vencer, correr atrás, porque nada é fácil, entendeu?*
> [Pergunto se passou por essa experiência]
> *Trabalhei bastante hein, eu sofri muito. Para chegar onde eu cheguei eu tive que trabalhar muito.*

As relações com as ex-cônjuges e com familiares vão sendo construídas gradualmente no interior das constelações familiares. Ao comentar o relacionamento com a ex-mulher, José afirma que isso é muito raro e conversam mais por telefone e diz que tem um ótimo relacionamento com os avós maternos do filho da primeira união:

> (...) *Olha eu tenho mais contato com os avós do meu filho do que com a mãe do meu filho, porque a mãe do meu filho eu não vejo, ela trabalha no comércio, porque a hora que eu pego ele, três horas da tarde no sábado, ela tá trabalhando ainda.*
> [Pergunto se conversam no fim de semana]
> *Não, a gente não se vê. De jeito nenhum, raramente. Agora os avós, todo sábado que eu busco ele eu busco ele na casa dos avós que é onde ele mora, então eu tenho um ótimo relacionamento com eles porque eles são pessoas super boas e integras então eu tenho um bom relacionamento com eles, melhor do que com a mãe dele, porque eu não vejo ela, às vezes falo no telefone quando ela quer alguma coisa, quando acontece alguma coisa,*

> *ou quando ela quer alguma coisa mas muito raro, eu vejo os avós que é onde ele mora.*

José esclarece que o relacionamento com a segunda esposa é muito positivo e harmônico; também conta que a relação com a família da atual esposa é muito boa e que pretende trazer os pais dela para morarem perto dele:

> *Meu relacionamento com ela* [esposa atual] *é muito bom, ela é uma pessoa vivida já, que já passou por um relacionamento que não deu certo, e a gente tem muita harmonia assim, e eu sou uma pessoa tranquila e ela também... A gente trabalha junto, ela trabalha com comida também, só que ela trabalha comigo na parte da manhã e aí na parte da tarde tem meu menino pequeno que fica em casa então ela fica com ele, com as meninas, então ela fica comigo na parte da manhã, então a gente tem um relacionamento tranquilo bem legal, bem interessante (...) Sim, nos damos super bem, tanto que agora eles estão mudando, estamos trazendo eles pra ficar mais perto da gente, porque eles não moram aqui né. Eles já têm mais de setenta anos, e eles ficaram na cidade onde minha esposa morava, eles ficaram sozinhos então a gente tá trazendo eles pra* [cidade A] *pra eles poderem ficar mais perto da gente (...)*

Quando questionado sobre a relação com a ex-esposa, Pedro relatou muitas discussões nos momentos seguintes à separação, mas diz que hoje está "sossegado". Quanto aos ex-familiares, afirmou ter uma boa relação com o ex-sogro com quem ainda mantém contato; no entanto o vínculo com a ex-sogra não foi mantido e descreve um episódio de conflito com a ela:

> *O ex-sogro meu é muito gente boa, muito gente boa. De vez em quando eu converso quando eu vou lá, muito bacana mesmo, sabe. A ex-sogra, não tenho muito papo com ela não. Mas... também não ofendo, eles não me ofendem, nada. Ofensa nunca teve, mas assim, discussão, com a ex-mulher sempre teve, no início. Aí depois, como eu falei, foi passando o tempo foi normalizando, foi normalizando, hoje está tranquilo, hoje está sossegado. (...) Só uma vez a ex-sogra me falou umas bobagens lá, eu para não retrucar, para também não perder porque eu começo a ficar nervoso começo a falar bobagem, eu disparo, aí eu viro uma metralhadora. Eu peguei saí de perto, preferi, mas acho que foi uma vez só, nesse tempo todo, aí depois viu que não era por aí, acabou.*

Quanto aos familiares da atual esposa, Pedro diz que a relação não começou muito bem por eles serem muito católicos e o catolicismo ser contrário ao divórcio, mas acabaram aceitando a união da filha:

> *É aquilo que eu falei né, como nós éramos bem mais maduros, a relação ficou de outro jeito, com mais conversa, com mais escuta, qualquer*

> *problema a gente senta, conversa... um sendo mais franco com o outro, sabe. E é assim que a gente está junto até hoje.* Pedro (...) *No início, eles ficaram um pouco arredios. Não é arredio, como vou te dizer... ficaram surpresos, né, acho que pela criação religiosa dela, aquilo que eu falei para você, quando chega num ponto que o negócio... a religião é para te dar a base para você tomar uma decisão, isso que eu penso. Hoje eles estão mais tranquilos, aceitaram, a gente vive numa boa.*

Pedro ressalta muito em seu discurso a proximidade e contato que mantém com sua família, contato feito, na realidade, por telefone:

> *Mas sempre nós, muito unidos. Tanto que eu ligo para meus irmãos constantemente. Para minha mãe já converso uma ou duas vezes por semana, mas meu irmão, quase todo dia, minha irmã, umas duas três vezes por dia.*

Miguel tem uma relação turbulenta e conflituosa com a ex-mulher e embora mantenha contato amigável com os familiares dela, principalmente com a ex-sogra relata o rompimento total com a ex-esposa e com seus familiares. A relação com a mulher atual está fundada na sintonia que vive com ela, além de manter boa relação com os familiares dela:

> *Sempre foi boa, ela tinha dois irmãos, eu sempre me relacionava bem com eles, o pai dela morreu logo em seguida que a gente casou, e com a mãe dela eu tinha uma relação muito boa, ela gostava muito de mim, a mãe dela tinha uns problemas de saúde, e eu ajudava muito ela a fazer a as coisas, e ela acabou gostando muito de mim, mesmo depois de separar eu visitava ela, eu ajudava ela a comprar uns remédios mais caros. Mas a* [ex-esposa] *cortou totalmente o relacionamento com os meus familiares.* (....) *É como eu falei pra você, uma casa é quase como uma firma né, quanto mais os dois se sintonizam mais você consegue as coisas na família, quando sai perdendo a sintonia vai aparecendo os problemas, porque sempre aparece as turbulências, uma coisa ou outra, uma hora é dinheiro, outra é filho, mas a gente vem tentando tocar. A gente também tem os altos e baixos porque são duas pessoas diferentes né, não é sempre que você vai tá certinho um com o outro.*

Já o ex-marido da atual mulher, não tem qualquer tipo de relacionamento com ela e nem com o filho:

> [Pergunto se o ex-marido da atual esposa mantém relação com a família]
> *Não, nem com o filho ele tem.*
> [Pergunto se ele pagava pensão]
> *Chegou* [a pagar] *mas era uma coisa muito irrisória, ele pagava acho que era... vinte por cento de um salário mínimo, mas não visitava nem nada, eu até falava para ela falar para ele vir buscar ele passear, aproveitar*

> *essa fase. Depois de muito insistir ele veio uma vez ou outra, a gente chegou a levar, mas não foi muito adiante, não conviveu.*

Quanto à relação de Gabriel com o ex-marido da segunda esposa, parece que os dois não se viam mas mesmo assim a relação entre ambos gerava muitos atritos, provavelmente por certa disputa pela atenção da filha da primeira união. Gabriel foi contraditório ao comentar a relação do pai biológico com a filha. Em certo trecho da entrevista, Gabriel afirma que a enteada se encontrava muito com o pai e em outro momento diz que não tinham contato e que não eram próximos:

> [Pergunto de sua relação com o ex-marido da segunda esposa]
> *Muito difícil. Ele não aceitava. A gente não se via, a filha encontrava muito com o pai, mas eu ele não aceitava nem a pau. Depois que a esposa morreu, aí já conversei algumas vezes com ele. Às vezes vou lá na casa dela e ele tá lá. Ela trabalha com ele hoje.*
> [Pergunto da relação da enteada com o pai biológico]
> *Não eram próximos não.*
> [Pergunto se enteada e pai biológico se encontravam]
> *Não se encontravam não.*

Sobre a relação com a ex-esposa Gabriel esclarece que não tem nenhum contato com ela:

> *Não [não temos contato]. Já os encontrei algumas vezes mais só oi e tchau. Raramente converso com ela, a gente não tem mais contato. Alguma coisa que ela precisava sobre meus filhos, ela ligava, mas isso quando eles eram adolescentes, agora acabou.*

Continuando nessa mesma linha, Antônio pouco esclarece sobre os momentos em que os familiares se encontram e sobre as interações entre eles:

> [Pergunto se os enteados conhecem os familiares]
> *Conhecem. Conhecem meus filhos...*
> [Pergunto se interagem e como são esses momentos]
> *Nesse momento eles moram fora, né, eles se encontram no natal, no ano novo...*

Por já ter vivido a experiência de ser padrasto na primeira união, Carlos apresenta uma trajetória peculiar e com características próprias. Acentua a boa relação com os familiares da atual esposa e diz conviver com eles frequentemente, inclusive com a mãe da esposa visitando-os quase diariamente devido a serem vizinhos no bairro onde moram:

> [Pergunto se conhece o pai e a mãe da esposa]

> *Conheço, tudo. O pai dela me adora, a mãe dela também.*
> [Pergunto se fazem visitas e se encontram]
> *Faz. Eu vou na casa do pai dela quase todo final de semana, e a mãe dela mora do lado da minha casa. Ela vai na minha casa quase todo dia. Não mora no mesmo local, mas vai e volta todo dia.*
> [Pergunto da relação da mulher atual com o ex-marido]
> *Não... não s... é... só fala o necessário sobre a criança. O que tem que ser falado sobre a criança.*

Quanto aos familiares da ex-esposa, Carlos comenta a relação com a mãe dela. Primeiramente, diz que não mantém contato com ela e justifica pela excessiva distância; porém relata logo em seguida o desconforto de visitá-la com a mulher atual, parecendo ser esse o motivo preponderante pela falta de contato. Mas afirma em seguida o vínculo de afeto que a ex-sogra tem por ele:

> *Não mantenho contato, mas sempre foi bom. Na verdade, a minha sogra do primeiro casamento, ela me adora, sempre que eu vou lá [na cidade onde ela mora] ela pede para ir na casa dela, só que eu não vou porque é muito longe, aí eu não vou, mas toda vez que eu chego lá [local de residência da ex-sogra] tenho um recado: "pede para ele vir aqui", eu não vou porque é longe, e outra, eu estou com a minha atual esposa, aí eu acho que para mim fica meio chato.*

Embora Carlos afirme que não mantém contato com a ex-sogra, os sentimentos que esta manifesta por ele, como consta da fala acima, indica como sentimentos criados a partir do casamento, isto é, de vínculos de aliança, gerou uma relação de afeto entre sogra e genro. E estes sentimentos criados a partir da relação de aliança entre sogra e genro podem permanecer mesmo que a relação que permitiu a aproximação entre ambos tenha sido interrompida pela separação do casal. Nesse caso, a relação de afeição independe do parentesco biológico mas funda-se em elos criados socialmente na convivência entre pessoas ligadas por laços de afinidade ou aliança.

Carlos é o único que tem uma relação de proximidade com o filho da ex-esposa com outro marido, pois a criança recebe os cuidados de sua mãe e de sua irmã já que a mãe dessas crianças passa o dia fora para trabalhar. Ele esclarece que também mantém uma relação de amizade com o atual marido da ex-esposa, acrescentando que o filho chama a mãe dele de "vó", indicando a proximidade da relação:

> [Pergunto se a ex-esposa teve filhos]
> *Teve mais um menino.*
> [Pergunto se mantém contato]
> *Tenho porque é a minha mãe que cuida dele.*
> [Pergunto se cuida em sua cidade natal]

> *É, devido a morar as minhas duas irmãs, e a minha afilhada, que tem 13 anos, não sair de lá, ela hoje trabalha, e ela deixa o menino lá para minha irmã mais velha cuidar, aí toda vez que eu vou vejo os dois, o atual filho dela e a minha afilhada.*
> [Pergunto da relação o com marido da ex-esposa]
> *É normal. O atual marido dela é meu amigo.*
> [Pergunto se o filho da ex-esposa mora com a mãe do participante]
> *Não, o filho dela não mora com a minha mãe, a minha mãe cuida. Assim, ela sai para trabalhar, deixa as 7 horas e 5 horas pega. Entendeu? E não a minha mãe, a minha irmã, cuida dele.*
> [Afirmo então que cuida quando está trabalhando]
> *Quando ela está trabalhando, o menino, mas a menina ela fica lá, até dorme lá. Chega a ficar em casa 2, 3 dias, e é a vó, vô para lá... é... o meu pai faleceu. É vó para lá, vó para cá, até o menino está chamando de vó.*

O afeto e os cuidados que a mãe de Carlos expressa pelo filho da ex-esposa dele com outro parceiro também são sugestivas do modo como sentimentos de afeição e solidariedade podem ser elaborados na convivência diária.

As reuniões familiares e visitas parecem ocorrer com regularidade, quando todas as crianças interagem habitualmente com todos os familiares. Carlos diz compreender a importância de tratar as crianças igualmente e enfatiza dizendo que tudo isso é "normal" para ele:

> [Pergunto se todas as crianças se juntam e interagem em visitas]
> *Tem, quando vai na casa da minha mãe.*
> [Pergunto se leva a filha e enteada atual para sua cidade natal]
> *É, eu levo as duas...*
> [Pergunto como são as visitas]
> *Fica todo mundo normal, todo mundo brincando normal, a gente não diferencia um do outro, entendeu. É todo mundo normal, é tudo criança, né, a gente... você dá alguma coisa para um, dá para o outro igual, é tudo igual. A água que bebe, todo mundo bebe, a comida que come, todo mundo come, tudo normal.*
> [Pergunto se não tem diferença de tratamento]
> *Não tem diferença. Até não pode ter, né, porque é criança, eu penso assim, entendeu?*

As várias situações vividas pelos pais e padrastos exemplificam a complexa rede de relações entre os integrantes das constelações familiares, ex-parentes, isto é, parentes diversos criados pela primeira união, filhos, sogros de uns, avós e netos de outros, com os quais os vínculos podem ou não ser mantidos e que são permeados por sentimentos diversos, inclusive por ciúmes e que estão relacionados às subjetividades de diferentes sujeitos e que não são estáticas mas que mudam com o desenrolar da dinâmica das constelações familiares e das trajetórias de seus

integrantes. Nesse sentido, como afirma Théry (1993) as famílias recompostas constituem laboratórios para se apreender diferentes processos de constituição da cena doméstica.

Com a análise dos dados, é possível sustentar a afirmação de que as famílias recompostas podem assumir diferentes configurações (GANONG & COLEMAN, 2004; LOBO, 2009). A ideia de família vai além dos ocupantes da moradia e oferece diversos espaços de socialização e sociabilidade para filhos e enteados, além de vários parentes que ou são incluídos no círculo da família ou são excluídos (SEGALEN, 1999; WATARAI, 2010), como bem mostra a situação familiar de Carlos e José

A denominação social dos vínculos de parentesco e a posição ocupada por cada integrante das famílias recompostas (DIAS, 1999; PORRECA & ROMANELLI, 2004; WAGNER, 2002; WATARAI, 2010; SARAIVA, 2013) ainda não são suficientemente claras para eles, o que gera grande flexibilidade para que estatutos e nomeações sejam ajustados gradativamente, como no caso de Antônio e que também fica visível na família de Carlos

A mudança no exercício da paternidade devido ao afastamento dos pais de seus filhos (ATALAIA, 2010; BOTTOLI, 2010) torna-se perceptível na exposição dos relatos. Cada pai acabou encontrando sua maneira própria de sustentar e manter o vínculo com os filhos, seja através da guarda, que ocorreu somente no caso de José, ou de visitas regulares e telefonemas, o que revela o desejo desses pais em continuar participando da socialização e da vida afetiva dos filhos que permaneceram com a mãe biológica, como foi verificado em diversas pesquisas (DANTAS, 2003; SILVA & PICCININI, 2007; BOTTOLI 2010; SILVA, 2003; AREND, SMEHA & SOUZA, 2012; WARPECHOWSKY & MOSMANN, 2012; SCHIMIDT, OLIVEIRA & CENSI, 2014).

Todos os pais mencionaram ter mantido um relacionamento positivo e afetivo com seus filhos depois da separação, orientando-os e participando ativamente de sua educação, o que evidencia que os relacionamentos não parecem produzir prejuízos quando o pai se esforça para manter-se presente na vida dos filhos como ressaltam Furstenberg e Nord (1985).

Os contatos entre pais e filhos são feitos diretamente, com visitas, orientações e expressões de afeto, ou indiretamente, através de auxílio financeiro (GRZYBOWSKI, 2007). Percebe-se, entretanto, no caso de João, Pedro, Gabriel e Antônio, um afastamento à medida que os filhos vão crescendo, tornando-se adultos e independentes.

Nos casos em que pode ser verificado um processo de separação conflituoso, houve grandes danos e deterioração da relação pai-filho (SILVA, 2003). Miguel, Pedro e José dizem ter sido vítimas da insatisfação de suas ex-esposas, como também documentaram Wallerstein e Kelly (1998), através de constantes ações jurídicas ou da restrição do contato e ainda por meio da construção de imagens negativas do pai, como trabalhos anteriores já observaram (LAGO &

BANDEIRA, 2009; SOUZA & BRITO, 2011; SOUZA & VIEIRA, 2010). No entanto, os conflitos e as manifestações hostis ocorreram apenas nos primeiros anos depois da separação e houve melhora conforme o tempo foi passando e os filhos foram crescendo e amadurecendo.

De modo geral, os padrastos declararam manter vínculos sólidos e relações muito positivas e afetivas com os enteados, compartilhando da rotina diária, participando da vida e da educação destes desde os primeiros momentos de convivência como já verificado em outros estudos (FONSECA, 2002; ATALAIA, 2010; WATARAI, 2010; WARPECHOWSKY & MOSMANN, 2012; SARAIVA, 2013).

Em cada caso, os padrastos conheceram seus enteados e enteadas quando eram ainda bebês, crianças ou pré-adolescentes, com exceção da enteada da segunda relação de Gabriel e dos enteados de Antônio que eram adolescentes e que afirmam manter boas relações com eles hoje em dia. Além disso, o enteado da terceira relação de Gabriel já era adulto e morava fora do país, e talvez seja por isso ele declare que o enteado julga o recasamento da mãe "uma maravilha".

Custem (2001) argumenta que quando a criança tem por volta de três anos, os laços emocionais e identificações com a figura do padrasto são consideravelmente maiores, o que pode ser relacionado aos casos de Miguel e Carlos. L.C.E.C. Soares (2013) e Watarai (2010) já chamam a atenção para a melhor aproximação do padrasto de seus enteados quando estes estão na infância ou no início da adolescência, como nos casos de João, José e Pedro.

Em contraposição, destacam-se os vínculos que acabaram sendo construídos entre Antônio e seus enteados com os quais ele parece ter significativo afastamento emocional. Ele deixa claro ter optado por distanciamento em relação aos enteados e pouco participa da socialização deles, como também argumentam Ribeiro (2005), Marcondes (2008) e Jacquet (2011). Cabe aqui esclarecer que Antônio conheceu e passou a conviver com seus enteados quando estes eram adolescentes o que pode ter contribuído para o distanciamento entre eles o que também foi documentado por Marcondes (2008). Gabriel é o único a relatar ter vivenciado alguns anos de dificuldades com a enteada adolescente no início da relação, o que corrobora os resultados de Wagner e Sarriera (1999).

Miguel, Carlos, João e Gabriel são os padrastos que disseram não estabelecer diferenças entre seus filhos e os enteados, como também foi constatado por Marcondes (2002). No caso de Miguel, a ausência do pai biológico abriu espaço para que ele e o enteado passassem a se considerar como pai e filho, como ressaltado por Tomé e Schermann (2004) e Chalhub e Pinto (2001) e inclusive fazendo uso dessas denominações (SARAIVA, 2013).

Carlos também menciona o afastamento do pai biológico que fez com que ele se tornasse simbólica e socialmente "pai" da primeira enteada até que novo casamento da mãe da enteada o

transformasse em “tio”. João, além de fazer referência ao rompimento da enteada com o pai biológico, não hesita em chamá-la de filha mesmo que ela não o chame de “pai” e nem que o considere como tal. Mas, curiosamente, ela criou o apelido “padi” para se referir a ele.

Gabriel é o padrasto que apresenta a maior discrepância quando revela sentir uma relação mais amorosa com a enteada do que com os próprios filhos biológicos e fundamenta esse sentimento no fato de não terem vividos juntos após o divórcio e por hoje serem adultos e independentes. “Uma relação igual pai e filho” com a enteada e que é preservada até hoje, apesar dela não o chamar de pai embora ele a considere como filha mesmo com as pressões do pai biológico que recusa essa forma de nomeação.

Os relatos de João, José, Pedro, Gabriel e Antônio deixam claro que a esposa é a maior responsável pela orientação e socialização dos filhos e o pai biológico, por não residir com os filhos, é ausente, relativamente afastado (DANTAS, 2003; WATARAI, 2010), com exceção do caso de Miguel, em que a ausência total do pai biológico o legitimou para ocupar o espaço deixado pelo pai. De maneira aproximada Carlos participa ativamente da educação da enteada junto ao pai biológico.

Pode-se supor que embora mantendo o contato com os filhos, as relações entre os pais e eles passa a ser vivida em outro patamar, ou seja, o pai não é mais presença constante, entre ambos está a presença constante do padrasto. Dito de outro modo, a paternidade à distância vivida pelos pais em relação aos filhos que não vivem com ele cria uma nova modalidade de relacionamento.

Se essas novas relações entre pais e filhos contém elementos de amparo, afeto, proteção, também são exercidas de modo distinto quando o pai é presente na vida dos filhos e na família. Trata-se, portanto de uma forma distinta de se vivenciar o relacionamento entre pais e filhos, em que ambos necessitam adaptar-se a uma nova realidade, pois além de envolver o padrasto que vive com os filhos de outro homem, também engloba novos parentes criados pela separação conjugal e por novas uniões.

De qualquer modo, é necessário ampliar pesquisas sobre tais formas de relacionamento para se conhecer melhor as trajetórias não apenas dos pais/padrastos, mas do conjunto das relações nas constelações familiares e para se aprofundar o conhecimento sobre as consequências sociais e afetivas dessas novas formas de se viver em família.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou analisar o que significa ser pai e padrasto em famílias recompostas, ao investigar os sentimentos e vínculos estabelecidos com os filhos e enteados, as vivências e experiências da união anterior, e como essas relações são constituídas. Além disso, procurou-se pesquisar o relacionamento com a companheira atual e a qualidade dos vínculos que o par conjugal constrói com os novos e com ex-familiares.

A pesquisa de campo fundamentada em entrevistas em profundidade mostrou-se adequada para que os objetivos do estudo fossem atingidos a partir da análise minuciosa do discurso dos participantes. O tempo das entrevistas variou de 25 a 100 minutos e, de modo geral, no início do contato, os pais/padrastos relataram acanhada ou laconicamente suas respostas para depois se mostrarem confortáveis para elaborá-las de forma mais descontraída, mostrando que durante o processo de entrevista a memória foi reavivada e então puderam expressar aspectos de suas experiências sobre casamentos e separações, reorganizando emoções e sentimentos decorrentes dessas situações.

Malgrado a relativa escassez de estudos sobre o tema, a bibliografia mostrou-se adequada para o aporte teórico fornecendo uma base consistente de referências, parâmetros e orientações. Apesar do número limitado de participantes, os dados coletados ofereceram resultados significativos sobre as vivências de pais/padrastos vivendo em famílias recompostas e puderam ser comparados ou contrastados com outros estudos sobre o tema.

A análise dos dados demonstrou a alta escolaridade da grande maioria dos pais/padrastos - com exceção de um único caso - cujas idades situam-se em torno de 50 anos. Todos se casaram relativamente jovens, por volta dos 20 anos, alguns no civil enquanto outros viveram em união consensual na primeira união, o que se reproduziu na segunda. As novas uniões indicam como a instituição "casamento", seja no plano legal ou consensual, é relevante para os sujeitos e como ainda está relacionada à importância atribuída à constituição de uma nova família.

Pode-se assim inferir que nem a família nem o casamento estão em crise, como muitas vezes se tem propalado. O que mudou foram as formas de constituição de arranjos familiares e a superação das representações que consideravam o casamento como instituição indissolúvel. As segundas uniões traduzem o desejo de se construir a vida a dois no plano pessoal, emocional e social, criando-se novas parcerias conjugais.

Os dados levantados e analisados levam a ser constatadas variantes na estrutura dos arranjos familiares, a diversidade que a família recomposta pode apresentar, assim como as diferentes dinâmicas e estatutos de seus vários componentes, o que as torna constelações cuja complexidade precisa ser descrita e analisada principalmente nos casos em que os padrastos têm filhos em mais de uma união.

Nas famílias estudadas convivem distintas formas de paternidade, algumas mais alinhadas a modelos tradicionais e outras nas quais há distribuição mais igualitária do exercício da paternagem na segunda união, sem haver, contudo, simetria nos cuidados com filhos.

Após a separação os pais procuraram manter ou retomar as relações com os filhos da primeira união, e estes, após certo período de afastamento, mostraram-se disponíveis e acessíveis para o reencontro com o genitor.

Por outro lado, registraram-se diversas formas da atuação do padrasto frente aos enteados e como ambos podem constituir vínculos sólidos e afetivos ou manter o distanciamento entre si. De modo geral, os depoimentos dos padrastos indicam um limite de atuação do exercício da autoridade e na socialização dos enteados, não substituindo o pai biológico quando este se encontra presente na vida dos filhos. Entretanto, por residirem com a mãe, é ela quem mais se responsabiliza pelos seus filhos que são enteados dos padrastos.

As separações rompem certos vínculos de parentesco, porém criam outros que ainda não foram instituídos culturalmente e nem nomeados apropriadamente. Ao mesmo tempo, sentimentos são criados independentemente do tipo de vínculo, indicando que afeição, amparo e solidariedade, dependem dos modos de relacionamentos negociados no decorrer de situações novas, e que também podem mudar de acordo com o amadurecimento dos filhos e do pai.

O fato da insuficiência e até ausência de parâmetros culturais para o exercício da paternidade, em circunstâncias tão singulares como essas, faz com que esses pais/padrastos negociem e concebam novos estatutos que consigam abarcar as demandas sociais e afetivas de cada situação em diferentes momentos da história familiar.

A análise dos dados mostra casamentos que duraram vários anos que terminaram por insatisfação individual e conflitos causados por motivos diversos, com o pedido de divórcio formalizado, na maioria dos casos, por parte dos homens e não das mulheres.

No período de separação, é perceptível o sentimento de angústia e abandono por parte dos participantes, alguns deles inclusive manifestando problemas emocionais. Certamente, a reconstrução da vida familiar é um processo doloroso e resulta em sentimentos conflitantes e ambíguos, tanto em relação à ex-esposa quanto em relação aos filhos. Além do mais, separações e novas uniões afetam igualmente as amizades, devido à existência de amigos em comum entre os ex-cônjuges e outros que são amigos de apenas um deles.

Quanto à segunda união, os pais descreveram-na como melhor e mais satisfatória do que a primeira, devido tanto às experiências vividas e ao amadurecimento pessoal ao longo do tempo.

Pode-se igualmente constatar que na maioria das famílias estudadas, registram-se relações harmônicas com os enteados, com os filhos de uniões anteriores, e com os membros das diferentes

famílias, revelando uma variedade de arranjos familiares, relacionamentos e estatutos além da conquista de novos sentidos para laços já existentes.

Imprecisões na delimitação de atribuições masculinas e femininas também são amplamente observadas na configuração nuclear de família e mesmo em outros arranjos familiares. Assim, as dificuldades observadas no exercício da paternidade não devem ser necessariamente atribuídas à dissolução conjugal. Deve-se ultrapassar a interpretação sobre a "disfunção" comumente atribuída às famílias recompostas, bem como as imagens negativas associadas à figura do padrasto e da madrasta, já que pontos positivos e negativos são encontrados em qualquer configuração familiar, não sendo esta, portanto, o fator determinante para o surgimento de qualquer problema.

É plausível supor que a separação, como um processo que traz à tona dificuldades, conflitos e tensões, possa vir a contribuir para uma convivência mais harmônica entre os vários membros da família recomposta. Com isso, é pertinente refletir, após a conclusão deste trabalho, sobre possíveis formas de intervenção que qualifiquem os pais a desenvolverem novas formas para enfrentar as mudanças decorrentes do processo de separação, minimizando, desse modo, os efeitos dos conflitos que inevitavelmente fazem parte desse processo.

Como consequência das transformações familiares, aquele pai, que também é padrasto, tem sido forçado a se adaptar e encontrar diversas maneiras de exercer uma paternidade biológica à distância e outra socioafetiva em seu dia-a-dia, sendo que o padrasto tem deixado cada vez mais de ser considerado como um substituto paterno para ter de construir seu próprio espaço na família recomposta como um "pai" que também é próximo afetivamente e participa da vida de seus "filhos".

Mesmo sabendo que as análises apresentadas não podem ser generalizadas, já que o número de participantes não permite tal conclusão, mergulhar neste universo permite afirmar que a participação do pai, nos cuidados com os filhos e enteados, tem se constituído em uma realidade que desafia os modelos previamente inscritos na cultura e na vida social familiar. Nesse sentido, os resultados desse trabalho podem auxiliar na promoção e prevenção da saúde do homem que é simultaneamente pai e padrasto, já que assim terão condições adequadas para lidar com as consequências da separação e de harmonizar satisfatoriamente a nova dinâmica familiar.

As distintas experiências vividas pelas famílias estudadas são importantes para melhor se capturar a diversidade de arranjos possíveis das famílias recompostas, e permitirão aprofundar a análise mostrando que essas variações não são exceções e que "cada caso não é um caso".

Ao contrário, diferentes formas das constelações familiares não podem ser vistas como exceções, ou como desvios de um padrão, mas sua investigação e análise poderão justamente

documentar a criatividade vivida pelos seus integrantes que, cotidianamente, estão modificando e recriando modalidades de vida doméstica para as quais não há ainda normas claras e definidas para classificar novas relações de parentesco e seus estatutos, inclusive no plano jurídico.

7 REFERÊNCIAS

ABADE, F. (2014). *Famílias patrifocais: paternagem e socialização dos filhos* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

ABOIM, S., MARINHO, S., & WALL, K. (2010). Perfis de paternidade no Portugal contemporâneo. In K. WALL, S. ABOIM & V. CUNHA (Eds.), *A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades* (313-332). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

ALDOUS, J., MULLIGAN, G. M., & BJARNASON, T. (1998). Fathering over time: What makes the difference? *Journal of Marriage and the Family*, 60(3), 809-820.

AREND, J. C., K. S. M. S., & SMEHA, L. N. (2012). A relação entre pai e filho(s) após a separação conjugal. *Barbarói*, (37), 7-29.

ARIÈS, P. (1981). *História social da criança e da família* (2ª ed.). Rio de Janeiro: LTC

ARRUDA, S. L. S., & LIMA, M. C. F. (2013). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, *4*(2), 201-216.

BADINTER, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BALANCHO, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Analise psicológica*, *22*(2), 377-386.

BELTRAME, G. R., & BOTTOLI, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, (32), 205-226.

BIERNACKI, P., & WALDORF, D. (1981). Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological methods & research*, 10(2), 141-163.

BILAC, E. D. (1991). Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Vértice/ANPOCS, 141-163.

BLÖSS, T. (1996). *Éducation familiale et beau-parenté.* Paris: L'Harmattan.

BONINI, J. O. R. (2009). *Novos arranjos familiares: da família da idade medieval à família da atualidade* (Monografia de Especialização). Universidade Candido Mendes, Niterói.

BORSA, J. C., & NUNES, M. L. T. (2017). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, *29*(64), 31-39

BOTTOLI, C. (2010). *Paternidade e separação conjugal: a perspectiva do pai* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Santa Maria.

BOURDIEU, P. (1996). O espírito da família. In: P. BOURDIEU (Orgs.), *Razões práticas: Sobre a teoria da educação*. Campinas: Papirus, 125-135.

BUSTAMANTE, V., & TRAD, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.

CADOLLE, S. (2007) La place du beau-père dans les familles recomposées: une paternitè de substitution? In C. SELLENET (Orgs.). *Les pères en debat.* Regards croisés sur la condition paternelle en France et à l'étranger. Ramonville Saint-Agne: Ed. Érès, 28-47.

CANDIDO, A. (1972). A família brasileira. In T. L. SMITH & A. MARCHANT (Orgs.), *Brazil: portrait of half a continent*. New York: The Dryden Press, 291-312.

CANO, D. S., GABARRA, L. M., MORÉ, C. O., & CREPALDI, M. A. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: reflexão e crítica*, *22*(2), 214-222.

CARVALHO, M.E.P. (2004). Modos de educação, gênero e relações escola–família. *Cadernos de pesquisa*, 34(121), 41-58.

CARVALHO, M. E. P., & RABAY, G. (2015). Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. *Estudos Feministas*, 23(1), 119-136.

CARVALHO, M. P., LOGES, T. A., & SENKEVICS, A. S. (2016). Famílias de setores populares e escolarização: acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas. *Estudos Feministas*, 24(1), 81-99.

CARSTEN, J. (Ed.). (2000). *Cultures of relatedness: New approaches to the study of kinship*. Cambridge University Press.

CAVALCANTI, V. R. S., BARBOSA, C. F., & CALDEIRA, B. M. S. (2012). Ética do cuidar e relações de gênero? Práticas familiares e representações da divisão do tempo. *Estudos de Sociologia*, *17*(32), 189-204.

CORREA, M. (1982). Repensando a família patriarcal brasileira. In M. S. K. ALMEIDA et al (Orgs.), *Colcha de retalhos. Estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 13-38.

CUTSEM, C. (2001). *A família recomposta. Entre o desafio e a incerteza*. Lisboa: Instituto Piaget.

DANTAS, C. R. T. (2003). *O exercício da paternidade após a separação: um estudo sobre a construção e a manutenção do vínculo afetivo entre pais e filhos* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

DANTAS, C., JABLONSKI, B., & FÉRES-CARNEIRO, T. (2004). Paternidade: considerações sobre a relação pai-filhos após a separação conjugal. *Paideia*, 14(29), 347-357.

DEVREUX, A. M. (2006). A paternidade na França: entre igualização dos direitos parentais e lutas ligadas às relações sociais de sexo. *Sociedade e Estado*, *21*(3), 607-624.

DIAS, M. L. (1999). *Divórcio e família: a emergência da terapia familiar no Brasil* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.

DONOSO, L.B (2015). *Práticas paternas na educação dos filhos: um estudo com pais trabalhadores manuais (*Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

DUBET, F. (1998). A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização**.** *Revista Contemporaneidade e Educação,* 3(3), 27-33.

DURHAM, E. R. (1983). Família e reprodução humana. In E. R. DURHAM et al (Orgs.), *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. Rio de Janeiro: Zahar, 15-42.

FALCKE, D., & WAGNER, A. (2000). Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 421-441

FÉRES-CARNEIRO, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: reflexão e crítica*, *11*(2).

FÉRES-CARNEIRO, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, *8*(3), 367-374.

FÉRES-CARNEIRO, T., & NEGREIROS, T. C. D. G. M. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e pesquisas em psicologia*, *4*(1), 34-47.

FERREIRA, S. A. (2011). *A parentalidade em contexto de recomposição familiar: o caso do padrasto* (Tese de doutorado). Universidade de Lisboa.

FERRI, E., & SMITH, K. (1998). Step-Parenting in the 1990s (col: "Family & Parenthood: Policy & Practice"). *London: Family Policy Studies Centre*.

FIGUEIRA, S. A. (1985). Modernização na família e desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil. In S. A. FIGUEIRA (Org.), *Cultura da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 147-168.

FIGUEIRA, S. A. (1987). O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a divisão invisível da mudança social. In S. A. FIGUEIRA (Ed.), *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 11-30.

FILHA, I. G. S. R. (2008). *Paternidade socioafetiva e a impossibilidade de sua desconstituição posterior* (Monografia de Bacharelado). Centro de Ensino Superior do Amapá.

FINE, A. (2007). Qu'est-ce qu'un parent? Pluraparentalités, genre et système de filiation dans les societies occidentales. In M. LATCHOUMANIN & T. MALBERT (Orgs.), *Familles et parentalité: roles et functions entre tradition et modernité.* Paris: L'Harmattan, 21-40.

FRANÇA, A. D. S. L. (2006). Pais socioafetivos: Reflexões sobre o artigo 1.636 e outros. *Revista Imes*, (12), 21-41.

FREITAS, W. D. M. F., SILVA, A. T. M. C. D., COELHO, E. D. A. C., GUEDES, R. N., LUCENA, K. D. T. D., & COSTA, A. P. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, *43*(1), 85-90.

FONSECA, C. (1987). Mulher chefe-de-família? *Revista de Ciências Sociais*, *1*(2), 261-268.

FONSECA, C. (1995). *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez.

FONSECA, C. (1999). Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica em educação. *Revista Brasileira de Educação*, (10), 58-78.

FONSECA, C. (2002). Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. *Psicologia USP*, 13(2), 49-68.

FONSECA, C. (2004). A certeza que pariu a dúvida: paternidade e exames de DNA. *Revista Estudos Feministas*, 12(2), 13-34.

FONSECA, C. (2005). Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e sociedade*, 14(2), 50-59.

FURSTENBERG Jr, F. F., & NORD, C. W. (1985). Parenting apart: Patterns of childrearing after marital disruption. *Journal of Marriage and the Family*, 893-904.

FURSTENBERG, F. F. (1987). The New Extended Family: The Experience of Parents and Children after Remarriage. In K. PASLEY & M. Ihinger-Tallman, M. (Eds.), *Remarriage and Stepparenting: Current Research and Theory* (42-61). New York: Guilford Press.

FURSTENBERG, F. F., & CHERLIN, A. J. (1991). *Divided families: What happens to children when parents part*. Harvard University Press.

GALLARDO, G., GÓMEZ, E., MUÑOZ, M., & SUÁREZ, N. (2006). Paternidad: representaciones sociales en jóvenes varones heterosexuales universitarios sin hijos. *Psykhe (Santiago), 15*(2), 105-116.

GANONG, L. H., & COLEMAN, M. (2004). *Stepfamily relationships: Development, dynamics, and interventions*. doi 10.1007/978-1-4419-9112-6

GIDDENS, A. (1993). *A transformação da intimidade.* Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp.

GRISARD FILHO, W. (2003). Famílias reconstituídas: breve introdução ao seu estudo. In G. C. Groeninga & R. C. Pereira (Orgs.), *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 255-268.

GRZYBOWSKI, L. S. (2007). *Parentalidade em tempo de mudanças: desvelando o envolvimento parental após o fim do casamento* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GOMES, A. J. D. S., & RESENDE, V. D. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20(2), 119-125.

HEGG, M. O. (2004). Masculinidad y paternidad en Centroamérica. *Revista Centroamericana de Ciencias Sociales, 2*(1), 59-74.

HENNIGEN, I. (2010). Especialistas advertem: o pai é importante para o desenvolvimento infantil. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(1), 169-184.

HURSTEL, F., & CARRÉ, C. (1993). Processus psychologiques et parentés plurielles. In M. T. MEULDERS-KLEIN & I. THÉRY (Eds.), *Les recompositions familiales aujourd'hui.* Paris: Nathan, 191-214.

HURSTEL, F. (1999). *As novas fronteiras da paternidade.* Campinas: Papirus.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2009). Estatísticas do Registro Civil, 36.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). *Estatísticas do Registro Civil*. Rio de Janeiro.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010a). *Censo demográfico 2010 - Famílias e domicílios - Resultados da amostra*. Rio de Janeiro.

ITABORAÍ, N. R. (2003). Trabalho feminino e mudanças na família no Brasil (1984-1996): explorando relações. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 20(2), 157-176.

ITABORAÍ, N.R. (2017). Mudanças nas famílias brasileiras (1976-2012). Rio de Janeiro: Garamond.

JACQUET, C. (2011). Quand le mari de ma mère n'est pas mon père: beaux-enfants et beaux-pères dans le Brésil contemporain. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, *15*(2), 287-310.

LAGO, V. M., BANDEIRA, D. R. (2009). A Psicologia e as demandas atuais do Direito de família. *Psicologia: ciência e profissão*, 29(2), 290-305.

LAMB, M.E. (1987). Introduction: the emergent american father. In M. E. LAMB (Org.), *The father's role.* London: Lawrende Erlbaum Ass. Publishers, 3-25.

LAMB, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise psicológica*, 1(*10)*, 19-34.

LE GALL, D. (1993). Segundos amores: amar a razão?. *Sociologia–Problemas e Práticas*, (13), 155-171.

LERIDON, H. (1993). Recomposer le familles dans les sources statistiques. In M. T. MEULDERS-KLEIN & I. THÉRY (Orgs.), *Les recompósitions familiales aujourd'hui.* Paris. Nathan, 51-66.

LEVANDOWSKI, D. C. (2001). Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. Estudos de Psicologia, 6(2), 195-209.

LÉVI-STRAUSS (1986). C. A família. In: LÉVI-STRAUSS, C. *O olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70, 69-98.

LOBO, C. (1996). Padrastos no quotidiano: estratégias de construção social do papel do padrasto. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (19), 67-82.

LOBO, C. (2009). *Recomposições Familiares: Dinâmicas de um processo em transição.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MACHADO, L. Z. (2001). Família e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), 11-26.

MANFROI, E. C., MACARINI, S. M., & VIEIRA, M. L. (2001). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 21(1), 59-69.

MARCHI, RC. (2011). Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas. *Cadernos Pagu*, (37), 387-406.

MARCONDES, G. S. (2002). *Eternos aprendizes: o vínculo paterno em homens separados e recasados de camadas médias* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas.

MARCONDES, G. S. (2008). Recasamento formal no Brasil: alguns achados do registro civil. *Textos Nepo*, 58, 1-39.

MARCONDES, G. S. (2008a). *Refazendo famílias: trajetórias familiares de homens recasados* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Campinas.

MARCONDES, G. (2009). Segundas nupcias: redefinición de los vínculos amorosos y de crianza. *Estudios Demográficos y Urbanos*, 24(2), 323-349.

MARIDAKI-KASSOTAKI, K. (2000). Understanding fatherhood in Greece: father's involvement in child care. *Psicologia: teoria e pesquisa*, *16*(3), 213-219.

MARTIN, V., LE BOURDAIS, C., & LAPIERRE-ADAMCYK, É. (2011). Stepfamily instability in Canada: The impact of family composition and union type. *Journal of Family Research*, 23(2), 196-218.

MARTUCCELLI, D. (2007). *Lecciones de sociologia del individuo*. Peru: Departamento de Ciencias Sociales.

MEGGIOLARO, S., & ONGARO, F. (2015). Non-resident parent-child contact after marital dissolution and parental repartnering: Evidence from Italy. *Demographic research*, 33(40), 1137-1152.

MEULDERS-KLEIN, M. T. (1993). Les recompositions familiales et le droit au temps du démariage. In M. T. MEULDERS-KLEIN & I. THÉRY (Orgs.), *Les recompósitions familiales aujourd'hui*. Condé-sur-Noireau. Paris: Nathan, 313-333.

MONTANDON, C. (2005). As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Educação & sociedade***,** 26(91), 485-507.

MORAES, M. L. Q. (2011). A nova família e a ordem jurídica. *Cadernos Pagu*, (37), 407-425.

O'Brien, M. (2005). Shared caring: Bringing fathers into the frame.

OLIVEIRA, E. D. (2010). *Pai, pobre e separado: entre as dificuldades e o desejo de uma paternidade plena* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco.

PARSEVAL, G.D., & HURSTEL, F. (1987). Paternity "à la française". In M. E. LAMB (Org.). *The father's role.* London: Lawrende Erlbaum Ass. Publishers, 59-87.

PEREIRA, R. C. (2003). Pai, por que me abandonaste? In G. C. GROENINGA & R. C. PEREIRA (Orgs.), *Direito de família e psicanálise: Rumo à uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 219-228.

PINTO, W. E. A., & CHALHUB, A. (2005). *Família e contemporaneidade: O exercício da função parental na família reconstituída*. Recuperado de http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0221.pdf.

PIOTTO, D. C. (2008). Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. *Cadernos de Pesquisa*, 38(135), 701-727.

PORRECA, W., & ROMANELLI, G. (2004). Separação conjugal e segunda união de casais católicos. *Serviço Social Realidade*, 13(1), 71-87.

PORTES, E.A. (2000). O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). *Família e escola.* Petrópolis: Vozes, 61-80.

REZENDE, A. L. M., & ALONSO, I. L. K. (1995). O perfil do pai cuidador. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento*, *5*(1-2), 66-81.

RIBEIRO, R. (2005). *Adoção emocional: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e enteados em famílias de recasamento* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RIBEIRO, C. R., & RUSSO, J. (2014). Negociando com os leitores: o "novo" e o "antigo" homem nos editoriais da revista Men's Health. *Cadernos Pagu*, (42), 477-511.

ROMANELLI, G. (1986). Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.

ROMANELLI, G. (1995). Autoridade e poder na família. In M. C. B. de CARVALHO (Org.), *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 73-88.

ROMANELLI G. (1997). Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina. *Cadernos de Pesquisa NEP*, *3*(1-2), 25-34.

ROMANELLI, G. (1998). A entrevista antropológica: troca e alteridade. In G. ROMANELLI & Z. M. M. BIASOLI-ALVES (Orgs.), *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa.* Ribeirão Preto: Legis-Summa, 119-133.

ROMANELLI, G. (2003). Paternidade em famílias de camadas médias. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 3(2), 79-96.

ROMANELLI, G., & GODINHO, L.C. (2010). Gênero, identidade e subjetividade feminina em famílias das camadas populares. In M. A. T. BRUNS & C. R. V. SOUZA-LEITE (Orgs.), *Gênero em questão: diversos lugares, diferentes olhares*. São Paulo: Iglu, 117-144.

SALEM. T. (1989). O casal igualitário: princípios e impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 3(9), 24-37

SAMARA, E. (2002). O que mudou na família brasileira na atualidade? (Da Colônia à atualidade). *Psicologia USP*, 13(2), 27-48.

SARAIVA, C. A. (2013). *Ser padrasto em famílias recompostas: os desafios da pluriparentalidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SARAIVA, C. A., LEVY, L., & MAGALHÃES, A. S. (2014). O lugar do padrasto em famílias recompostas. *Barbarói*, (41), 82, 82-99.

SARTI, C. A (1996). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados.

SCHABBEL, C. (2005). Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação. *Psicologia: teoria e prática*, *7*(1), 13-20.

SCHIMITT, E. C., OLIVEIRA, L. R. F., & CENCI, C. M. B. (2014). Os vínculos entre pais e filhas após a separação conjugal, *Revista de Psicologia da IMED*, 6(2), 113-123.

SCHNEEBELI, F. C. F., & MENANDRO, M. C. S. (2014). Com quem as crianças ficarão? Representações sociais da guarda dos filhos após a separação conjugal. *Psicologia & sociedade, 26*(1), 175-184.

SCOTT, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade,* 20(2), 71-99.

SEGALEN, M. (1999). *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar.

SEGALEN, M.; ZONABEND, F. (1999). Famílias em França. In A. BURGUIÈRE, C. KLAPISCH-ZUBER, M. SEGALEN & F. ZONABEND (Orgs.), *História da família*: O ocidente: industrialização e urbanização. Lisboa: Terramar, 4, 111-137.

SELENET, C. (2007). Introduction. In C. SELLENET (Orgs.), *Les pères en debat.* Regards croisés sur la condition paternelle en France et à l'étranger. Ramonville Saint-Agne: Ed. Érès, 7-16.

SETTON, M.G.J. (2011). Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre inivíduo e sociedade. *Educação e Pesquisa,* 37(4), 711-724.

SILVA, M. R. (2003). *Sentimentos sobre a paternidade e envolvimento de pais que residem e pais que não residem com seus filhos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, M. R. & PICCININI, C. A. (2004). O envolvimento paterno em pais não-residentes: algumas questões teóricas. *Psico, 35*(2), 185-194.

SILVA, M. R., & PICCININI, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de psicologia, 24*(4), 561-573.

SIROTA, R. (2001). Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa,* (112), 7-31.

SKEVIK, A. (2006). ‘Absent fathers’ or ‘reorganized families’? Variations in father-child contact after parental break-up in Norway. *The Sociological Review, 54*(1), 114-132.

SOARES, C. (2008). A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família. *Revista Gênero, 9*(1), 9-29.

SOARES, L.C.E.C. (2012) "No fogo cruzado" pais e mães recasados entre seu(s) filho(s) e seu atual cônjuge. In L. M. T. BRITO (Ed.), *Escuta de crianças e de adolescentes* (155-191)**.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

SOARES, L.C.E.C. (2013). *Padrastos e madrastas: construindo seus lugares nas famílias recasadas* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

SOUSA, A. M., & BRITO, L.M.T. (2011). Síndrome de Alienação Parental: da teoria norte-americana à nova lei brasileira. *Psicologia: ciência e profissão***,** 31(2), 268-283.

STAUDT, A. C. P., & WAGNER, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: teoria e prática*, *10*(1), 174-185.

SUTTER, C., & BUSCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, *39*(1), 74-82.

THERBORN, G. (2006). *Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000*. São Paulo: Contexto.

THÉRY, I. (1993). Introduction générale: le temps des recompositions familiales. In M. T. MEULDERS-KLEIN & I. THÉRY, I. (Orgs.), *Les recompósitions familiales aujourd'hui.* Paris: Nathan, 5-21.

THÉRY, I. (2001). *Recomposer une famille, des rôles et des sentiments.* Paris: Les Éditions Textuel.

THÉRY, I., & DHAVERNAS, M. J. (1993). La parenté aux frontières de l'amitié: statut et rôle du beau-parent dans les familes recomposeés. In: M. T. MEULDERS-KLEIN & I. THÉRY (Orgs.), *Les recompósitions familiales aujourd'hui*. Paris: Nathan, 159-187.

TOKUMARU, R. S., & BERGAMIN, M. P. (2005). Uma abordagem evolucionista das relações pais-filhos e padrastos-enteados. In A. Garcia (Org.), *Relacionamento Interpessoal: olhares diversos*. Vitória: GM Gráfica e Editora, 29-41.

TOMÉ, G. L., & SCHERMANN, L. (2004). Padrasto, o novo pai: nova postura paternal. *Aletheia*, (19), 21-30.

VAITSMAN, (1994). J. *Flexíveis e plurais*: *Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

VIANA, M. J. B. (2012). Práticas socializadoras em famílias populares e a longevidade escolar dos filhos. *Educação em Revista*, *28*(1), 421-440.

VIEIRA, E. N.; SOUZA, L. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 28(4), 581-596.

VIEIRA, M. L., BOSSARDI, C. N., GOMES, L. B., BOLZE, S. D. A., CREPALDI, M. A., & PICCININI, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *66*(2), 36-52.

ZAGO, N. (2011). Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: Questionamentos e tendências em sociologia da educação. *Revista Luso-Brasileira*, *2*(3), 57-83.

WAGNER, A. (2002). Possibilidades e potencialidades da família. In A. WAGNER (Org.), *Família em cena: Tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 23-38.

WAGNER, A., PREDEBON, J., MOSMANN, C., & VERZA, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, *21*(2), 181-186.

WAGNER, A.; SARRIERA, J.C. (1999). Características do reconhecimento dos adolescentes em famílias originais e reconstituídas. In T. FERES-CARNEIRO (Org.). *Casal e Família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 15-30.

WALL, K., & GUERREIRO, M. D. (2005). A divisão familiar do trabalho. In K. WALL (Ed.), *Famílias em Portugal:* Percursos, interacções, redes sociais (303–361). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

WALLERSTEIN, J.; LEWIS, J.; BLAKESLEE, S. (2002). *Filhos do divórcio.* São Paulo: Edições Loyola.

WARPECHOWSKI, A., & MOSMANN, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, 20(1), 247-260.

WATARAI, F. (2010). *Filhos, pais, padrastos: relações domésticas em famílias das camadas populares* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

8 APÊNDICES

O PAI/PADRASTO EM FAMÍLIAS RECOMPOSTAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. DADOS GERAIS

- Nome fictício:
- Idade:
- Escolaridade:
- Profissão:
- Com que idade o senhor começou a trabalhar? Por que começou com essa idade?
- Qual foi sua primeira ocupação?

- O senhor poderia informar se seu rendimento mensal está na faixa de:

1.R$-905,00 a R$-1810,00

2.R$-1.811,00 a R$-4.525,00

3.R$-4.526,00 a R$-6.335,00

4. R$- 6.336,00 a R$-9.050,00

5.Acima de R$-9.051,00

- O senhor poderia dizer qual sua religião? O senhor é praticante dessa religião?
- Qual a importância que a religião tem em sua vida?
- Como o senhor definiria a cor de sua pele? (branca, negra, parda, amarela)
- E como o senhor definiria a cor de sua esposa anterior? E de sua esposa atual?

2. FAMÍLIA DE ORIGEM

- Como era seu relacionamento com seus pais? O que faziam juntos? Sobre o que conversavam?
- Como foi a educação que o senhor recebeu de sua família?
- Qual era a profissão de seu pai e de sua mãe?
- O senhor tem irmão(s?) Qual a idade, sexo e estado civil de seus irmão(s)?
- Seus pais são vivos? Qual a idade deles?
- Seus pais são casados ou separados?

***SOMENTE PARA AQUELES CUJOS PAIS SÃO SEPARADOS**

- Seu pai e sua mãe se casaram novamente após a separação?
- Houve mudança no seu relacionamento com seus pais depois da separação? E com outros familiares?

3. PRIMEIRO CASAMENTO E SEPARAÇÃO

- Com que idade o senhor se casou pela primeira vez? Esclarecer se foi casamento civil ou união consensual.
- Qual era a idade de sua esposa quando se casaram?
- Qual era o grau de escolaridade de sua esposa?
- Sua esposa tinha alguma atividade remunerada? Qual era a ocupação de sua esposa?

- O senhor poderia informar, de acordo com a tabela que vou ler, qual era o valor de seu rendimento e de sua esposa?

1.R$-905,00 a R$-1810,00
2.R$-1.811,00 a R$-4.525,00
3.R$-4.526,00 a R$-6.335,00
4. R$- 6.336,00 a R$-9.050,00
5.acima de R$-9.051,00

- Quanto(s) filho(s) o senhor teve nessa primeira união? Qual a idade, sexo e escolaridade atual do(s) filho(s).
- Quem cuidava do(s) filho(s)?
- Como era a relação que o senhor tinha com seu(s) filhos?
- E como sua esposa se relacionava com o(s) filho(s)?
- Quanto tempo durou seu primeiro casamento?
- O que o senhor acha importante no casamento?
- O senhor poderia dizer quais foram os motivos da separação?
- De quem partiu a proposta de separação?
- O que o senhor pensa sobre a separação?
- O que a família, amigos, pessoas próximas acharam da separação?
- O senhor poderia dizer como foi o período após a separação? Quais as dificuldades e problemas que enfrentou?

- Que idade seu(s) filho(s) tinham quando o senhor se separou?
- E qual a idade dele(s) atualmente?
- Como seu(s) filho(s) reagira(m) à separação? Quais os problemas e dificuldades que ele(s) teve(tiveram) com a separação?
- Houve mudança no seu relacionamento com seus pais depois da separação? E com outros familiares?
- O senhor paga pensão a sua ex-esposa e a seu(s) filho(s)?
- O senhor poderia informa o valor da pensão?

4. SEGUNDA UNIÃO

- Quanto tempo depois da separação ocorreu o segundo casamento?
- Como e por que o senhor decidiu casar-se novamente?
- Que idade o senhor e sua atual esposa tinham quando se casaram?
- Seu segundo casamento foi no civil ou união consensual?
- Há quanto tempo o senhor casou-se novamente?
- O que as pessoas próximas (família, amigos) acharam desse novo casamento?
- E o que seu(s) filho(s) da primeira união acharam de seu recasamento?
- Quanto(s) filho(s) o senhor tem dessa segunda união? Qual é a idade e o sexo dele(s)?
- Como o senhor avalia seu casamento depois da separação?
- Como é sua relação com a esposa atual?
- Quais os aspectos positivos dessa nova união? E quais são as dificuldades existentes?
- Na sua opinião, há diferenças entre esta união e a anterior? Quais?
- Quantas pessoas residem com o senhor? Grau de parentesco, nome, idade, sexo
- O senhor mora em residência própria? Há quanto tempo estão na residência atual?

5. TAREFAS E RESPONSABILIDADES DO PAI/PADRASTO E DA ESPOSA ATUAL

- De quem é a responsabilidade pela provisão de recursos financeiros na família?
- Qual a renda mensal aproximada de sua família? Esclarecer rendimentos de cada membro da família, conforme valores que vou ler para o senhor.

1.R$-905,00 a R$-1810,00
2.R$-1.811,00 a R$-4.525,00

3.R$-4.526,00 a R$-6.335,00
4. R$- 6.336,00 a R$-9.050,00
5.Acima de R$-9.051,00

- Como ocorre a realização das tarefas domésticas (cozinhar, lavar, passar, organizar a casa)? Se há divisão de tarefas, como foram resolvidas?
- Na sua opinião, quais as responsabilidades que um padrasto possui em relação ao enteado? Que direitos um padrasto deveria ter?
- O que cada um faz quanto aos cuidados com o(s) filho(s) e enteados(s)? Quem é o responsável pela higiene, alimentação, transporte?
- Há um responsável principal por tomar as decisões quanto à educação do(s) filho(s) da união atual e do(s) enteado(s)?
- Como funciona a relação de autoridade com relação ao(s) filho(s) e enteados?
- O(s) filho(s) da união atual e o(s) enteado(s) tem(têm) atribuições/responsabilidades dentro da família? Se sim, quais?
- O pai de seu(s) enteado(s) mantém(mantêm) contato com ele(s)? Qual o papel dele na vida de seu(s) enteado(s)?
- Como é o seu contato com o ex-marido da sua atual esposa?
- E o da sua atual companheira com o ex-marido?
- Como é sua relação com os familiares de sua atual esposa?
- O que você faz quando está junto com seu(s) filho(s)/entead(os)? Sobre o que conversam?
- Como foi seu primeiro contato com seu(s) enteado(s)?
- Como seu(s) enteado(s) costuma(m) chamar/nomear você?
- Como você definiria sua relação com seu(s) enteado(s) atualmente?
- Seu(s) enteado(s) conhece(m) seus demais familiares (pais, irmãos, avós? Como são os encontros?
- Você ajuda no sustento de seu(s) enteado(s)? E o pai biológico de seu(s) enteado(s)dá pensão para ele(s)?

6. RELAÇÃO COM FILHOS DA PRIMEIRA UNIÃO

- O senhor mantém contato com o(s) filho(s) da primeira união? Com que frequência o senhor vê esse(s) filho(s)?
- Qual o seu papel na vida dele(s) atualmente?

- Ele(s) costuma(m) frequentar sua casa? Como e em que ocasiões?
- Como ele(s) se relaciona(m) com sua companheira atual?
- E como ela se relaciona com ele(s)?
- Como é resolvida a questão da autoridade em relação ao(s) filho(s) do primeiro casamento?
- O senhor tem problemas no relacionamento com o(s) filho(s) de sua primeira união?
- Como é a relação com sua ex-esposa? E com os parentes dela?
- Sua ex-esposa casou-se novamente? Ela tem filho(s) dessa união?

***SE TIVER FILHOS**

- Qual a idade e o sexo dele(s)?
- Como é a relação de seu(s) filho(s) de sua primeira união com o(s) filho(s) da nova união de sua ex-esposa?
- Como é a relação entre o(s) filho(s) de seu primeiro casamento com os filhos de sua segunda união e com seu(s) enteado(s)?

- O que o senhor (a) considera mais importante na educação do(s) filhos? Por que?
- Quais os planos do senhor e suas expectativas em relação ao futuro de seu(s) filhos e enteado(s)?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa "O Pai/Padrasto em famílias recompostas", que possui como objetivo investigar, através de entrevistas individuais, as vivências e experiências da paternidade de homens que sejam simultaneamente pais/padrastos vivendo em famílias recompostas. O pesquisador responsável é o mestrando Tiago Martins, aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP), sob orientação do Prof. Dr. Geraldo Romanelli, docente da FFCLRP – USP.

Apesar da existência de pesquisas voltadas para a análise da paternidade, elas ainda são insuficientes para se compreender o modo como a paternidade é exercida nas famílias recompostas. Assim, este estudo pretende contribuir para o aumento do conhecimento científico sobre o tema, procurando investigar as dimensões das recomposições familiares tomando como referência a condição e a vivência de homens que são simultaneamente pais e padrastos.

Caso esteja de acordo, o senhor deverá assinar uma via deste Termo de Consentimento que ficará com o senhor, e outra que ficará comigo. O senhor responderá a algumas perguntas sobre o tema apresentado e suas repostas serão gravadas para garantir a veracidade das informações coletadas. As gravações serão preservadas até a conclusão da pesquisa, e após isso serão destruídas para assegurar a privacidade da íntegra das informações.

A entrevista terá a duração aproximada de uma hora e, para que sua privacidade seja assegurada, será realizada em algum local a sua escolha. Pela realização da entrevista não será exigido nenhum tipo de custo, assim como o senhor não receberá benefícios, reembolsos ou pagamentos de qualquer natureza pela participação na pesquisa.

No decorrer da pesquisa, dúvidas e questionamentos poderão surgir eventualmente, ou também algum desconforto pode ser gerado a partir de alguma pergunta realizada na entrevista. Sendo assim, o senhor terá o total direito de se recusar a responder qualquer pergunta que lhe for feita, e de interromper a entrevista ou até sua participação na pesquisa, retirando seu consentimento a qualquer momento sem o risco de prejuízos.

A privacidade das informações pessoais obtidas na entrevista é garantida. Somente dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa serão divulgados, com a sua identidade mantida sob total sigilo. O resultado final da pesquisa será divulgado em seminários, congressos e publicações locais e nacionais.

O senhor poderá esclarecer qualquer dúvida acerca do estudo e da sua participação entrando em contato comigo pelo telefone (16) 99739-9592, ou ainda através de meu endereço

profissional, na Avenida Bandeirantes, 3900, Ribeirão Preto - SP. No caso de quaisquer dúvidas relacionadas aos aspectos e procedimentos éticos envolvendo a pesquisa, o senhor poderá esclarecê-las reportando-se junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, na Avenida Bandeirantes, 3900, bloco 23, casa 37, 14040-901, Ribeirão Preto – SP, ou através do telefone (16) 3315-4811, fax (16) 3315 9101, ou e-mail *coetp@ffclrp.usp.br*.

Pesquisador responsável: Tiago Martins, RG. 34770841-9, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP/ USP).

Assinatura: _____

Eu, _____, RG _____, concordo em participar voluntariamente deste estudo. Declaro que li as informações contidas neste documento e fui devidamente informado pelo pesquisador dos procedimentos que serão utilizados, da confidencialidade da pesquisa, concordando em participar. Foi-me garantido que poderei retirar a qualquer momento este consentimento por mim emitido, sem que isto acarrete qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma via deste Termo de Consentimento.

Local e data: _____

Nome do participante:_____

Assinatura: _____